



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

JAILMA DA GUARDA ALMEIDA

**O /S/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS FALADO NAS COMUNIDADES
RURAIS AFRO-BRASILEIRAS DE CINZENTO-BA E SAPÉ-BA: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA**

Salvador

2019

JAILMA DA GUARDA ALMEIDA

**O /S/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS FALADO NAS COMUNIDADES
RURAS AFRO-BRASILEIRAS DE CINZENTO-BA E SAPÉ-BA: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Coorientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Almeida, Jailma da Guarda

O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento-BA e Sapé-BA: uma análise sociolinguística / Jailma da Guarda Almeida. -- Salvador, 2019.

135 f.

Orientador: Dante Lucchesi. Coorientador:
Gredson dos Santos.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2019.

1. Sociolinguística. 2. Português popular brasileiro. 3. Contato linguístico. 4. Língua portuguesa - palatalização. I. Lucchesi, Dante. II. Santos, Gredson dos. III. Título.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ALMEIDA, Jailma da Guarda. O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento-Ba e Sapé-Ba: uma análise sociolinguística. f. 133 il. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
Orientador (UFF/UFBA)

Prof. Dr. Gredson dos Santos
Coorientador (UFBA)

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota
Avaliadora interna (UFBA)

Profa. Dra. Manuele Bandeira
Avaliadora externa (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não é fruto somente de dedicação e trabalho, mas do empenho e da ajuda de muitas pessoas. A essas pessoas devo não só carinho, mas a eterna gratidão.

Agradeço, em especial, a minha Mãe, aquela que ouve todas as minhas angústias, sempre me apoia e fez de tudo para que eu conseguisse cumprir esta etapa. A meu pai por sempre acreditar em mim e me incentivar. A meu Irmão pelas palavras de conforto nos momentos difíceis.

Agradeço àquele que é responsável por eu estar me tornando uma pesquisadora. Aquele que, desde a Iniciação Científica, me incentiva a seguir em frente. Gredson, obrigada pelos ensinamentos, conselhos, compreensão e por ter aceitado coorientar este trabalho.

A Dante Lucchesi por ter aceitado orientar este trabalho e pelas valiosas contribuições dadas.

A Cleide e a Josi, amigas que me acompanham desde sempre, pelo ombro amigo e abraço apertado nos dias de angústia e choro, pelos sorrisos compartilhados nos momentos de felicidade e por sempre me mostrarem que eu posso vencer meus medos.

A Sandro e a Day, amigos queridos que estão diariamente comigo mostrando que eu posso vencer as barreiras.

A Josiele, pela amizade, pelo incentivo e por sempre me ouvir.

Aos colegas, Diocles, Lydia, Lud, Natali e Elen, por terem tornado meus dias na UFBA mais alegres.

A meu Tio Mundinho e a toda a família por ter me acolhido. Sem o apoio de vocês, talvez, não fosse possível concluir essas fase.

A Fernanda, pelo carinho e incentivo de sempre.

À Professora Adriana Dalla Vecchia e à Professora Geisa Borges por terem aceitado me acompanhar no Tirocínio docente e pelos conhecimentos compartilhados naquele período.

ALMEIDA, Jailma da Guarda. **O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento-Ba e Sapé-Ba: uma análise sociolinguística.** 135 f. il. 2019. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar o /S/ em coda silábica nas comunidades afro-brasileiras de Sapé-Ba e Cinzento-Ba, com base nos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). A hipótese que rege esta pesquisa é a de que, por conta de sua formação histórica, as comunidades apresentam especificidades no que tange ao fenômeno estudado quando comparadas a outras variedades do português brasileiro que não possuem a história sociolinguística das comunidades de fala afro-brasileira. Para este trabalho, foram analisadas 1200 ocorrências de /S/ em coda silábica na comunidade de Sapé e 1200 em Cinzento, totalizando 2400 dados. As entrevistas analisadas fazem parte do Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia, coletadas pelo Projeto Vertentes (UFBA). Os dados foram extraídos da fala informal de seis homens e seis mulheres, em cada comunidade, sem ou com até cinco anos escolarização, naturais das localidades indicadas, escolhidos aleatoriamente de acordo com três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 41 a 60 anos e faixa III, mais de 60. As ocorrências foram submetidas à análise estatística multivariada pelo programa Goldvarb X. Os resultados mostram que a realização alveolar, de maneira geral, tanto em Sapé quanto em Cinzento, é mais usada pelos falantes da faixa etária I, enquanto o apagamento é mais utilizado pelos falantes da faixa etária III. A realização palatal ocorreu, sobretudo, na comunidade de Sapé e se concentrou em interior de vocábulo. A aspiração ocorreu em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante. Conclui-se, então, que há nas comunidades um quadro de mudança em progresso nos termos de Labov (2008 [1972]), visto que os falantes mais idosos de ambas as comunidades são os que mais apagam a consoante, em contraposição aos falantes da faixa etária I, que lideram a implementação da variante considerada padrão.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Português afro-brasileiro. Coda silábica. Consoantes fricativas

ABSTRACT

The present search aims to analyze the syllabic coda /S/ in the Afro-Brazilian communities of Sapé-Ba and Cinzento-Ba, based on the theoretical principles of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). The hypothesis that governs this research is that, because of their historical formation, the communities present specificities regarding the studied phenomenon when compared to other varieties of Brazilian Portuguese that do not have the sociolinguistic history of Afro-Brazilian speaking communities. For this research, we analyzed 1200 occurrences of / S / in syllabic coda in the community of Sapé and 1200 in Cinzento, totaling 2400 data. The interviews analyzed are part of the Speech Collection of the Afro-Brazilian Portuguese of the State of Bahia, collected by the Vertentes Project (UFBA). The data were extracted from the informal speech of six men and six women, in each community, with or without five years of schooling, from the indicated localities, randomly chosen according to three age groups: group I, from 20 to 40 years; group II, from 40 to 60 years and group III, more than 60. The occurrences were submitted to the multivariate statistical analysis by the Goldvarb X program. The results show that, in general, alveolar perforation in both Sapé and Cinzento is more used by the speakers of age group I, while erasure is more used by the speakers of the age group III. The palatal realization occurred mainly in the community of Sapé and concentrated in the interior of the vocable. The aspiration occurred in the interior of the vocable and in the end of the vocable followed by a consonant. It is concluded, therefore, that there is a framework of change in progress in Labov's terms (2008 [1972]), since the older speakers of both communities are the ones who most erase the consonant, as opposed to the speakers of age group I, who lead the implementation of the variant considered standard.

Key-words: Variationist sociolinguistics. Afro-Brazilian Portuguese. Coda syllabic. Fricative consonants.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Distribuição das variantes de <S> em Sapé	63
Tabela 02	Posição em que ocorrem as variantes no <i>corpus</i>	64
Tabela 03	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Sapé	66
Tabela 04	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>tonicidade da sílaba</i> na comunidade de Sapé	67
Tabela 05	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé na comunidade de Sapé	67
Tabela 06	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	68
Tabela 07	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Sapé	69
Tabela 08	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	69
Tabela 09	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	70
Tabela 10	A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Sapé	70
Tabela 11	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	71
Tabela 12	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Sapé	72
Tabela 13	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Sapé	72
Tabela 14	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	74
Tabela 15	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	74
Tabela 16	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Sapé	75
Tabela 17	A variante palatal em interior de vocábulo quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Sapé	75
Tabela 18	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Sapé	76
Tabela 19	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Sapé	76
Tabela 20	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à	77

extensão do vocábulo na comunidade de Sapé

Tabela 21	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	77
Tabela 22	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Sapé	78
Tabela 23	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Sapé	78
Tabela 24	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Sapé	79
Tabela 25	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>tonicidade da sílaba</i> na comunidade de Sapé	80
Tabela 26	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Sapé	80
Tabela 27	A variante aspirada em interior do vocábulo quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	81
Tabela 28	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	81
Tabela 29	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Sapé	82
Tabela 30	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Sapé	82
Tabela 31	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	83
Tabela 32	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Sapé	83
Tabela 33	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	84
Tabela 34	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	84
Tabela 35	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	85
Tabela 36	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	86
Tabela 37	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Sapé	87
Tabela 38	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Sapé	87
Tabela 39	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Sapé	88
Tabela 40	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Sapé	88

Tabela 41	O apagamento em final absoluto quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Sapé	89
Tabela 42	O apagamento em final absoluto quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Sapé	89
Tabela 43	O apagamento em final absoluto quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Sapé	90
Tabela 44	Distribuição das variantes de <S> em Cinzento	92
Tabela 45	Posição em que ocorrem as variantes no <i>corpus</i>	93
Tabela 46	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Cinzento	95
Tabela 47	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	96
Tabela 48	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Cinzento	96
Tabela 49	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Cinzento	97
Tabela 50	A variante alveolar em interior de vocábulo quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Cinzento	97
Tabela 51	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Cinzento	98
Tabela 52	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	99
Tabela 53	A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	99
Tabela 54	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>tonicidade da sílaba</i> na comunidade de Cinzento	100
Tabela 55	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Cinzento	100
Tabela 56	A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Cinzento	101
Tabela 57	A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao <i>nível de escolaridade</i> na comunidade de Cinzento	101
Tabela 58	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	102
Tabela 59	A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à <i>faixa etária</i> do informante na comunidade de Cinzento	102
Tabela 60	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Cinzento	103
Tabela 61	A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Cinzento	104
Tabela 62	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>característica da</i>	104

vogal antecedente na comunidade de Cinzento

Tabela 63	A variante palatal em interior de vocábulo quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Cinzento	105
Tabela 64	A variante palatal em interior de vocábulo quanto ao <i>sexo do informante</i> na comunidade de Cinzento	105
Tabela 65	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Cinzento	106
Tabela 66	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>tonicidade da sílaba</i> na comunidade de Cinzento	107
Tabela 67	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	107
Tabela 68	A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à <i>faixa etária do informante</i> na comunidade de Cinzento	108
Tabela 69	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Cinzento	108
Tabela 70	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	109
Tabela 71	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	109
Tabela 72	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>sonoridade da consoante seguinte</i> na comunidade de Cinzento	110
Tabela 73	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	110
Tabela 74	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Cinzento	111
Tabela 75	A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao <i>nível de escolaridade</i> na comunidade de Cinzento	111
Tabela 76	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>extensão do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	112
Tabela 77	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>consoante subsequente</i> na comunidade de Cinzento	113
Tabela 78	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>classe morfológica do vocábulo</i> na comunidade de Cinzento	113
Tabela 79	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	114
Tabela 80	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>tonicidade da sílaba</i> na comunidade de Cinzento	114
Tabela 81	O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à <i>faixa etária</i> na comunidade de Cinzento	115
Tabela 82	O apagamento em final absoluto de vocábulo quanto à <i>característica da vogal antecedente</i> na comunidade de Cinzento	116

Tabela 83 O apagamento em final absoluto de vocábulo quanto à *faixa etária* do 116
informante na comunidade de Cinzento

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	A fricativa alveolar e o apagamento em final absoluto quanto ao tempo fora da comunidade	117
Gráfico 2	A fricativa alveolar e o apagamento quanto ao fator escolarização do falante	118
Gráfico 3	As variantes nas duas comunidades	122
Gráfico 4	O apagamento em final absoluto em quatro comunidades afro-brasileiras quanto ao fator faixa etária	124
Gráfico 5	O apagamento em final absoluto em Sapé e Cinzento quanto a fator sexo do informante	125
Gráfico 6	O apagamento de /S/ em três normas do português brasileiro	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O CONTATO ENTRE LÍNGUAS NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO	19
2.1 PANORAMA GERAL DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS.....	19
2.1.2 As línguas crioulas africanas de base portuguesa e a coda silábica	21
2.2 A QUESTÃO DO CONTATO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO.....	25
2.3 HIPÓTESES SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL	30
2.3.1 O processo de transmissão linguística irregular	31
3 MODELO TEÓRICO METODOLÓGICO	34
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	34
3.1.1 Variação e mudança linguística	38
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	41
3.2.1 O Projeto Vertentes do português popular da Bahia	41
3.2.2 As comunidades.....	42
3.2.3 As amostras	43
3.2.5 Os dados: tratamento quantitativo	44
4 A CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	47
4.1 A VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS.....	47
4.1.1. “O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <S> em coda silábica”	48
4.1.2. Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba	53
4.1.3 “A realização do /s/ implosivo no português popular de Salvador”	56

4.1.4 O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	58
4.1.5 “Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica”	59
4.1.6 “Comportamento fonético-fonológico do /s/ pós-vocálico em Manaus”	59
4.1.7 “Arrente tarra mermo: a aspiração de fricativa na fala de Salvador”	60
5 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA EM DUAS COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS NO INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA	62
5.1 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA DE SAPÉ-BA	62
5.1.1 A realização alveolar de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé	65
<i>5.1.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo</i>	66
<i>5.1.1.2 A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante</i>	68
<i>5.1.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto</i>	71
5.1.2 A realização palatal de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé	73
<i>5.1.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo</i>	73
<i>5.1.2.2 A realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante</i>	76
5.1.3 A realização aspirada de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé	79
<i>5.1.3.1 A aspiração de <S> em interior de vocábulo</i>	79
<i>5.1.3.2 A realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante</i>	82
5.1.4 O apagamento de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé	85
<i>5.1.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante</i>	85
<i>5.1.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto</i>	88
5.1.5 Considerações sobre a realização da fricativa na comunidade afro-brasileira de Sapé-Ba	90
5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA DE CINZENTO	91
5.2.1 A realização alveolar de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento	94

5.2.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Cinzento	.95
5.2.1.2 A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Cinzento.....	98
5.2.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto.....	102
5.2.2 A realização palatal de <s> em coda silábica na comunidade de Cinzento.....	103
5.2.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Cinzento	.103
5.2.3 A realização aspirada de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento.....	106
5.2.3.2 A aspiração de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Cinzento.....	108
5.2.4 O apagamento de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento.....	112
5.2.5 Considerações sobre a realização da fricativa na comunidade afro-brasileira de Cinzento-Ba.....	118
5.3 AS DUAS COMUNIDADES E A VARIAÇÃO DE <S>.....	119
5.3.1 Sapé.....	119
5.3.2 Cinzento.....	120
5.3.3 Os resultados obtidos nas comunidades.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	133

1 INTRODUÇÃO

O fonema /S/ em posição de coda no português brasileiro apresenta uma realização variável. Ele pode realizar-se como fricativa alveolar, como fricativa palatal, como fricativa glotal ou pode até não ser realizado. Esta pesquisa, com base nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), tem como objetivo analisar como a fricativa é realizada em posição de coda nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento e Sapé, situadas no interior do Estado da Bahia. As entrevistas que serviram de base para o estudo fazem parte do Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia, constituído pelo Projeto *Vertentes do Português Popular da Bahia*, coordenado pelo professor Dante Lucchesi, no Departamento de Letras Vernáculas da UFBA (www.vertentes.ufba.br).

A variação da consoante /S/, seguindo modelo proposto pela Sociolinguística, será representada neste trabalho por <S>, que indica uma regra variável, um fenômeno em variação. A variável <S>, em estudo, tem como variantes: 1) fricativa alveolar ([s, z]); 2) fricativa palatal ([ʃ, ʒ]); 3) fricativa aspirada ([h, fh]); 4) apagamento (∅). A realização surda ou sonora das variantes alveolar e palatal é determinada pelo ambiente fonético em que ocorre <S>. A aspiração está sendo tomada aqui para identificar as ocorrências de <S> em que o segmento pronunciado resulta num ruído devido à abertura do espaço glotal. Além dessas formas, o <S> pode deixar de ocorrer, caracterizando o que aqui será tratado como apagamento.

No Brasil, a língua portuguesa passou, em primeiro momento, por um contato com as línguas indígenas e depois com as línguas africanas e de imigração. A diversidade étnica, linguística e cultural fez com que o português brasileiro se diferenciasse do português de Portugal. Sendo assim, é possível dizer que o contato entre línguas, em boa medida, foi responsável pelo que o português brasileiro tem de específico em relação ao português europeu e, sobretudo, pelas características distinguem as variedades populares do PB da chamada norma culta.

Diante do exposto, observa-se que o português brasileiro surge em um contexto multilíngue, tendo contato linguístico como um dos aspectos constitutivos da sua formação. Assim, a hipótese que rege esta pesquisa é a de que os padrões e a intensidade da variação de <S> em coda silábica, sobretudo o apagamento, nas comunidades de Cinzento e Sapé são características de comunidades que, em sua história de formação, passaram por um processo de contato linguístico entre o português e as línguas africanas.

Os principais objetivos do trabalho são: 1) Investigar como se configura a variação de <S> em coda silábica no português falado pelas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento e Sapé; 2) comparar o atual quadro de variação de <S> nas duas comunidades e com trabalhos realizados em outras comunidades afro-brasileiras, sobretudo o de Santos (2012); 3) observar se o atual quadro de variação de <S> encontrado em Cinzento e Sapé pode ser associado ao contato entre línguas presente na formação histórica do português popular brasileiro; 4) ampliar a base de dados sobre o estudo de <S> em comunidades rurais afro-brasileiras.

Os estudos sociolinguísticos que vêm sendo desenvolvidos sobre a variação relacionada ao processo de transmissão linguística irregular em comunidades rurais afro-brasileiras estão voltados, principalmente, para área da morfossintaxe. No entanto, Santos (2012) afirma que em dados de variação fonética é possível observar marcas que também podem ser associadas a uma *transmissão linguística irregular* ocorrida no contato linguístico massivo (LUCCHESI, 2000; 2008). A investigação do /S/ em coda silábica, no português popular brasileiro (PPB), pode ajudar na compreensão de fenômenos linguísticos atuais relacionados à constituição histórica do PB. Uma análise de dados fonético-fonológicos do português falado pelas comunidades afro-brasileiras de Cinzento e Sapé possibilitará fazer um rastreamento de fenômenos que podem ser associados ao contato linguístico no PB.

A análise da variação de /S/ em coda nas comunidades permitirá uma comparação dos dados com resultados que têm sido encontrados em diversos trabalhos que estudam a variável no português brasileiro, a exemplo dos de Santos (2012), Lucchesi (2009), Monteiro (2009), e possibilitará a ampliação do quadro de processos de variação característicos do PB associados a processos de Transmissão Linguística Irregular.

Para cumprir os objetivos propostos, esta dissertação se estrutura da seguinte maneira.

O capítulo a seguir, intitulado *O contato entre línguas na formação do português popular brasileiro*, fará uma discussão sobre processo de contato entre línguas e o papel que esse contato do português com as línguas africanas teria desempenhado na formação do português brasileiro. Nesse mesmo capítulo serão abordadas as hipóteses sobre a formação do PB.

No capítulo *Modelo teórico-metodológico*, de início, apresenta-se a teoria da Sociolinguística Variacionista, que entende que a variação linguística é inerente à língua, sendo essa variação estruturada e regulada tanto por fatores internos quanto por fatores externos. Depois de apresentar a Sociolinguística Variacionista, será traçado o percurso

seguido, durante a pesquisa, para constituição do *corpus*, a seleção de dados e o tratamento segundo a metodologia variacionista.

No capítulo *O /S/ em coda silábica no português brasileiro*, foi feita uma revisão de alguns trabalhos que tratam da variação de <S> em coda silábica no português do Brasil. O objetivo dessa revisão é que se possa estabelecer uma comparação, na medida do possível, com os resultados encontrados nas comunidades aqui estudadas.

Em *Análise da variável <s> em coda silábica em duas comunidades rurais afro-brasileiras no interior do estado da Bahia*, são os resultados do tratamento da variável mediante a análise estatística computacional feita pelo programa GOLDVARB X.

No último capítulo, são apresentadas as *Considerações Finais* sobre os resultados da análise e sobre os potenciais desdobramentos desta pesquisa.

2 O CONTATO ENTRE LÍNGUAS NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

As especificidades que o português brasileiro (PB) tem em relação ao português europeu (PE) têm levantado muitos debates sobre a formação e a difusão do português falado no Brasil. A questão que emerge, inevitavelmente, diz respeito às consequências do contato da língua portuguesa com línguas indígenas e africanas no período de colonização do Brasil. No período colonial, o PE, língua da elite numericamente minoritária, nos dois primeiros séculos da colonização, principalmente em função da concorrência com línguas indígenas, africanas e outras línguas europeias, só viria a difundir-se amplamente por meio da população afrodescendente, que foi o principal veículo de difusão do que Mattos e Silva (2004) chamou de português popular brasileiro. Segundo Lobo (2018), o contato entre línguas é uma questão-chave para a análise das variedades do PB que configuram a complexa teia sociolinguística do Brasil contemporâneo, definida por um *continuum*, em cujos extremos se situam duas normas: uma norma de prestígio social e outra sem prestígio social.

Assim, é possível dizer que devido ao processo de contato entre línguas, o português brasileiro atual é um diassistema polarizado e plural, em que há dois conjuntos de normas linguísticas: a norma culta e a norma popular. A norma culta tem sua origem no português das elites que colonizaram o Brasil e que hoje é falado por pessoas de alta escolarização. Já a norma popular é oriunda do contato do português com as línguas indígenas e africanas, que, “por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social” (LUCCHESI, 2004 [2002], p. 5).

A seguir, será feito um panorama do contato entre línguas.

2.1 PANORAMA GERAL DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Quando falamos em o contato entre línguas, estamos pensando em como os falantes de diferentes línguas, em determinados contextos, influenciam uns aos outros e como as línguas nesses contextos são alteradas. O contato entre línguas ocorre de diferentes maneiras, como por exemplo, a partir do processo imigratório, do deslocamento forçado e em territórios contíguos ou muito próximos um do outro.

Contextos de deslocamento forçado de populações para um espaço geográfico e cultural distinto, por exemplo, podem ser uma situação considerada típica para a emergência

de pidgins e crioulos. No entanto, é necessário destacar que nem todo contato linguístico, sendo ele forçado ou não, vai resultar na formação de uma língua de contato; desse processo pode surgir, apenas, uma variedade da língua dominante, como é o caso do português Brasileiro.

Para que uma língua de contato possa surgir, a proporção relativa entre a população dominante e a população dominada desempenhará um papel decisivo na formação dessas línguas. Quando a proporção de falante de uma língua de substrato é muito alta, o acesso à língua-alvo seria bastante reduzido, o que causaria uma reestruturação na gramática. Já nos casos em a proporção de falantes da língua superstrato é maior, esses processos tornam-se raros. De acordo com Lucchesi (2009), quando a população escravizada for igual ou maior a 90%, o acesso à língua-alvo seria reduzido o que acaba favorecendo uma reestruturação da gramática. Portanto, quanto maior for o acesso aos modelos da língua-alvo, mais próximo será gramaticalmente o crioulo da língua do colonizador. Dessa forma, a depender da proporção de falantes da língua-alvo, não teremos a formação de *pidgin* ou língua crioula, mas formação de uma nova variedade de língua-alvo. Assim, o *pidgin* e o crioulo surgem em um contexto linguístico heterogêneo em que, normalmente, a língua de superstrato é adquirida emergencialmente para comunicação em situações de trabalho forçado ou trocas comerciais.

No processo de contato, em que em sua maioria, a população é adulta, falante de línguas diferentes, que adquire uma segunda língua emergencialmente, a variedade dessa língua-alvo (língua do povo dominante) pode sofrer redução em sua estrutura gramatical. Essa redução na estrutura gramatical deve-se a três fatores: 1) dificuldade de acesso a língua-alvo; 2) o fato de os falantes das outras línguas serem, em sua maioria, adultos; 3) ausência de uma ação normatizadora (LUCCHESI, 2009). Sendo assim, os mecanismos gramaticais mais abstratos e sem valor referencial são normalmente eliminados, assim como os adultos teriam mais dificuldade de adquirir mecanismos gramaticais da língua-alvo que estejam ausentes em uma língua nativa.

Para Lucchesi (2009), é o processo de transmissão linguística irregular que conduz à formação de *pidgins* e crioulos. O conceito de transmissão linguística irregular diz respeito aos processos em que uma língua se nativiza a partir de um modelo defectivo de segunda língua falada por uma população de adultos, como aconteceu com os africanos trazidos para o continente americano, durante a colonização europeia. Nesse processo de contato linguístico, “a transmissão linguística irregular constituiu um *continuum* de níveis diferenciados de socialização/nativização de uma L2 adquirida de forma mais ou menos imperfeita em contextos sócio-históricos específicos” (LUCCHESI, 2009, p. 109). A criouliização típica

situa-se na extremidade desse *continuum* numa situação em que o contato com a língua-alvo foi muito reduzido gerando, assim, a reestruturação linguística. Ainda segundo o autor, os processos de transmissão linguística irregular que conduziram à formação de *pidgins* e crioulos ocorreram normalmente em contextos sócio-históricos que combinam parâmetros, como: acesso mais à língua-alvo início do processo de contato entre línguas e a pouca fluência da língua alvo nas fases seguintes da reestruturação da gramática. Mais à frente detalharemos melhor o processo de transmissão linguística irregular.

Diante do que foi discutido até aqui, observa-se que o que vai determinar um ambiente propício para o surgimento de uma língua crioula é as circunstâncias em que ocorre o contato. A expansão portuguesa, por exemplo, de forma geral, se caracterizou pelo deslocamento forçado de africanos para diversas partes da África, da Ásia e da América o que gerou um contato massivo e abrupto entre as línguas de superstrato e as línguas de substrato. Esse contato massivo e abrupto, sobretudo na África e na Ásia deu origem às línguas *pidgins* e línguas crioulas. No Brasil, no entanto, não houve registro de um processo de crioulição, mas a formação de uma variedade da língua de superstrato.

2.1.2 As línguas crioulas africanas de base portuguesa e a coda silábica

A partir da metade do século XV a língua portuguesa sai dos limites da Europa e internacionaliza-se através das grandes navegações. Nesse processo de internacionalização, a língua portuguesa passou por um processo de contato com diversas línguas africanas e asiáticas. Para Faraco (2016), se de um lado a expansão portuguesa fez ressoar na África e na Ásia sua língua, por outro lado favoreceu o surgimento de ao menos um *pidgin* e várias línguas crioulas africanas e asiáticas de base portuguesa. Segundo Pereira, (2007, p.47 apud FARACO, 2016, p. 71), tem-se uma língua crioula de base portuguesa “quando as unidades lexicais são, na sua maioria, reconhecidamente de origem portuguesa, embora, na sua estrutura, se rejam por regras fonológicas e morfológicas próprias, possam ter significados diferentes e impliquem construções sintáticas também diferentes”.

Faraco (2016, p. 70) considera ainda que

embora o contato linguístico seja fenômeno comum na história das línguas o que caracteriza o ambiente propício para o surgimento de línguas crioulas são as circunstâncias extremas em que ocorre o contato. Durante a expansão colonial europeia, este se deu de forma massiva e abrupta em situações em que os falantes, afastados (geralmente à força) de seus pares étnicos e linguísticos e postos juntos a pessoas de outras muitas origens, perderam seus limiares sociais, culturais e linguísticos, e foram premidos a reconstituí-

los, tendo como referência mais próxima a língua do grupo dominante. Essa hibridação acabou por se tornar língua materna da nova comunidade organizada pela ação colonial.

Nesse processo de expansão portuguesa, territórios como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, receberam, além de portugueses, povos de diversas partes da África. Esses territórios não eram habitados até a chegada dos primeiros navegadores portugueses. A povoação dessas regiões foi feita majoritariamente por populações vindas de diferentes pontos da costa africana. Segundo Bandeira (2017)¹, ao menos ao que diz respeito ao Golfo da Guiné, o contato entre falantes do português, em menor número, com falantes de várias línguas de origem africana, em maior número, no processo de habitação, foi um ambiente propício para a criouliização. Ainda de acordo com a autora, os fatores condicionantes para o surgimento de tal crioulo podem ser correlacionados diretamente ao contato mais intenso entre portugueses e escravos e à necessidade imediata de comunicação, fazendo com que os escravos buscassem se aproximar do código linguístico usado pelos povoadores portugueses.

É nesse contexto de contato mais intenso entre portugueses e escravos e da necessidade de comunicação imediata que surge uma língua emergencial que, posteriormente, expande-se, sendo promovida à posição de primeira língua dos descendentes desse contato.

As línguas crioulas africanas de base portuguesa costumam ser classificadas em dois grupos principais com base em critérios de ordem geográfica: i) as línguas crioulas da alta Guiné (em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Casamansa); ii) as línguas crioulas do Golfo da Guiné (nas ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano bom) (PEREIRA, 2007, p. 57-65 apud FARACO, 2016, p. 72). Segundo Faraco (2016),

a maioria dessas línguas crioulas está hoje desaparecida. Algumas sobrevivem com vitalidade na condição de línguas nacionais (em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe); outras, como expressão de pequenas comunidades (que no geral, não ultrapassam a cifra aproximada de um/dois e cinco mil falantes), como o fa d'Ambô ou anobonense na ilha de Ano Bom e em Malabo (Guiné Equatorial), o angolar² (no sul da ilha de São Tomé).

¹ O objetivo do estudo realizado por Bandeira (2017) foi apresentar uma reconstrução da fonologia e do léxico do protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG). Para fazer a reconstrução do PGG, a autora fez um inventário das quatro línguas filhas, o santome, o angolar, o lung'ie e o fa d'ambô.

² Embora Faraco (2016) tenha colocado que os falantes das línguas crioulas como o Lung'ie, Ano Bom e Angolar não ultrapassam a cifra de cinco mil, de acordo com Agostinho, Lima e Araújo (2016), resultados do Censo de 2011, 11.377 se declararam falantes do angolar, representando uma parcela de cerca de 6% da população.

Bandeira (2017) realizou o inventário fonológico³ de quatro⁴ línguas crioulas do Golfo da Guiné, o Santome, o angolar, o lung'ie e o fa' Ambô. Segundo Ferraz (1979 apud BANDEIRA, 2017, p. 115),

o primeiro crioulo, o São Tomense original, depois se transformou em quatro crioulos por meio da separação geográfica, e possivelmente também por causa de diferenças que também poderiam ter existido em alguma extensão no substrato (FERRAZ, 1979, p. 9 apud BANDEIRA, 2017, p. 115).

Observa-se no inventário fonológico feito por Bandeira (2017) que a coda silábica é variável nas quatro comunidades. A coda nessas quatro línguas pode ser ocupada pelo arquifonema nasal /N/ e pelas consoantes fricativas /ʃ/ ou /s/ em santome, lung'ie e fa d'ambô, mas não em angolar. Além das consoantes /N/ e /ʃ/ ou /s/, em lung'ie e em fa d'ambô, a aproximante /j/ pode ocorrer em coda, sendo que a consoante /w/ só é permitida na coda em lung'ie. Por fim, a consoante lateral aproximante /l/ foi registrada também em coda em fa d'ambô, entretanto, proibida nas demais línguas, em tal posição. A seguir veremos como a coda é realizada nessas línguas.

- No Santome a coda pode ser preenchida ou não por /ʃ/ ou /N/. A consoante oclusiva alveolar surda ou sonora e fricativa palatal vozeada não ocupam a posição de coda, apenas onset.
- A coda no lung'ie pode ser ocupada apenas por um elemento que pode ser uma aproximante /w, j/, uma consoante nasal /N/, que assimila o ponto de articulação do elemento seguinte e pode ou não ser realizada foneticamente, ou uma consoante fricativa /S/, realizada como [ʃ]. No lung'ie as consoantes [s, z, ʃ, ʒ] podem ocupar a posição de coda, no entanto Agostinho (2015) salienta que [ʃ, ʒ] são mais comuns do que [s, z]. Os falantes dão preferência à forma palatalizada e a palatalização parece ser obrigatória em sílabas tônicas.
- No Angolar a coda pode ser preenchida pela consoante /N/ e pela fricativa palatal desvozeada.

³ Neste trabalho, não se pretende fazer um debate sobre todas as características fonológicas das quatro línguas crioulas estudadas por Bandeira (2017); destacaremos apenas o /S/ em coda silábica.

⁴ Três das línguas crioulas estudadas por Bandeira (2017) são faladas em São Tomé e Príncipe, sendo que duas delas são faladas na ilha de São Tomé (santome e angolar) e uma, falada na ilha do Príncipe (lung'ie). A quarta língua, o fa d'ambô, é falada na Ilha de Ano Bom.

Conforme Bandeira (2017, p. 24) quanto a realização da palatal [ʃ] em posição de coda,

Maurer (1995) defende que o [ʃ] aparece em coda, somente precedendo /t/, tais como em [a'go]tʊ 'agosto', ['ki]tʊ 'Cristo' e ['taka] 'estaca'. Exceto [pa'la]ʊ palácio que não apresenta a consoante [t] e a sibilante não está na coda, todos os demais exemplos trazidos por Maurer (1995:31) antecedem a oclusiva alveolar surda. Na recente coleta dos dados, foram obtidos itens em que o [s] aparece em coda antecedendo uma consoante que não fosse a oclusiva alveolar surda, /t/, como em bixpu ['bi]pʊ 'bispo' e dixpinji [di]pĩ'zi 'despedir'. Em muitos itens, foram encontradas variantes sem a realização da pós-alveolar na coda, tais como [di]pĩzi 'despedir' e ['kitʊ] 'Cristo', o que pode indicar que a realização de itens com [S] em coda pode ser devido ao contato ou empréstimos do português ou do santome, línguas em que tal consoante pode se realizar nessa posição da sílaba (BANDEIRA, 2017, p. 224).

Em uma visão geral, a autora mostra que no angolar não há sílabas travadas exceto as sílabas que são formadas por uma consoante nasal na coda, como em bambu /"baNbu/ ou por uma consoante pós-alveolar na posição de coda, como em /"biSpʊ/ ["bi]pʊ 'bispo'. No entanto, a autora destaca que foram raras as realizações com [ʃ] em coda e quando encontradas, estavam mais frequentes na fala dos jovens, o que pode indicar uma aquisição recente. Segundo Bandeira (2017, p. 236), “das quatro línguas-filhas do PGG, o angolar é a mais refratária ao preenchimento da coda, permitindo apenas que a consoante /N/ a ocupe”.

- No fa d'ambô, a coda pode ser ocupada por /N/, /S/, /j/ e /l/. A consoante fricativa alveolar pode se realizar como [s] diante de consoante surda e como [z] diante de consoante sonora. Nessa posição, a fricativa será representada com um arquifonema /S/, uma vez que sua realização como [s] ou [z] está condicionada a um contexto, o que caracteriza um processo fonológico.

No que diz respeito à realização de /S/ em coda silábica, observa-se que em santome e lung'ie é realizada como fricativa pós-alveolar [ʃ] e em fa d'ambô é realizada como alveolar [s]. Em angolar, “cuja coda só permite o arquifonema nasal, não apresentou reflexo” (BANDEIRA, 2017, p. 286).

Para Parkvall (2012), com relação à estrutura silábica, CV é o tipo silábico mais comum da África ocidental e um grande número de línguas não permitem senão sílabas V e CV. Com relação ao banto e o kru, esses idiomas não aceitam coda de nenhum tipo. No

Crioulo de lexificação Portuguesa (CP) de São Tomé a CV é também a estrutura silábica mais comum. Ainda de acordo o autor,

todos os CPs da Nova Guiné adotam medidas bastante radicais (aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, paragoge e metátese são fenômenos abundantemente atestados) para fazer com que o vocabulário português se conformasse ao padrão CV (PARKVALL, 2012, p. 113).

Diante do exposto até aqui, observa-se que o processo de contato linguístico pode ter deixado marcas na aquisição da coda dessas línguas.

No português do Brasil, com relação à fricativa em a coda silábica, esta pode ocorrer como fricativa alveolar surda ou sonora, como fricativa palatal surda ou sonora, como aspirada ou até mesmo ser apagada. Em comunidades afro-brasileiras, o processo de enfraquecimento (apagamento) é mais intenso do que em outras comunidades, como veremos na análise de dados. O apagamento é mais frequente na fala dos mais idosos, enquanto sua realização é mais frequente na fala dos mais jovens, um caso semelhante ao que ocorre no angolano.

2.2 A QUESTÃO DO CONTATO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

No início da colonização, a terra que veio a ser chamada de Brasil estava ocupada por diversos povos, falantes de várias línguas. Estima-se que entre povos eram faladas cerca de 1.273 línguas de diversos troncos e famílias. Mas, segundo Rodrigues (2016 [2006], p. 147), “duas dessas línguas, muito semelhantes entre si, eram faladas ao longo de quase toda costa onde primeiro se estabeleceram os portugueses, o *tupi* no litoral paulista e tupinambá do Rio de Janeiro até a desembocadura do rio Amazonas”.

No processo colonizador e evangelizador do Brasil, as línguas indígenas serviram como instrumento fundamental de dominação. Os jesuítas quando chegaram ao Brasil, se depararam com a tarefa de aprender idioma para assim traduzir o conteúdo e os sentidos da doutrina cristã para que atingisse o maior número possível de novos catecúmenos. Assim, constituiu-se um “tupi jesuítico”, a língua geral da costa, de base tupi. De acordo com Ilari

(2009), a criação das línguas gerais era facilitada, no Brasil, pelo fato de muitas línguas nativas da costa pertencerem, em sua maioria, ao tronco tupi. Para Monteiro (2001, p. 38),

apesar da enorme diversidade linguística que se descobria pouco a pouco, à medida que a expansão portuguesa avançava para além das estreitas faixas litorâneas, estabeleceu-se desde cedo uma política linguística que tornava “a língua mais usada na costa do Brasil” o seu principal instrumento. Baseada, na verdade, num conjunto de dialetos da família linguística tupi-guarani, a primeira “língua geral” foi perdendo as suas inflexões locais e regionais em função da sua adoção, sistematização e expansão enquanto idioma colonial.

Nesse processo de colonização, os portugueses adotaram a língua geral como instrumento de comunicação para integrar a força de trabalho indígena primeiro na extração do pau-brasil e depois no cultivo da cana-de-açúcar, do tabaco e do algodão. Nesse período, segundo Rodrigues (2016 [2006]), formaram-se duas línguas gerais: a língua geral, de base tupi, que mais tarde foi acrescentado o adjetivo paulista, para diferenciá-la da língua geral amazônica que se originou no Maranhão e Pará, que acompanhou a expansão portuguesa, desde o século XVI, na região amazônica.

Essas “línguas gerais” chegaram a ser uma ameaça à hegemonia do português, juntamente com outras línguas indígenas que serviram como meio de comunicação entre brancos, negros e índios, não apenas no litoral, mas também nas estradas paulistas; no nordeste a língua geral teria sido a cariri e na Amazônia de base tupinambá, cuja modificação resultou no nheengatu (ILARI, 2009).

A administração portuguesa endossou a política das línguas gerais por mais de dois séculos; no entanto, em 1757, um decreto do Marquês de Pombal proibiu seu uso em contexto escolar e impôs o português como língua do ensino na colônia. Para Ilari (2009, p. 64), “esse decreto não visava propriamente os indígenas, e sim os jesuítas: foi uma das tantas medidas políticas de que o ministro de D. José I lançou mão para solapar o poder dos jesuítas no Brasil”.

Com a resistência do índio ao trabalho escravo, principalmente ao trabalho agrícola, e com a campanha dos jesuítas contra a escravidão dos indígenas, foi necessário buscar outra fonte de mão de obra para atender a demanda dos engenhos de cana de açúcar. Assim, em 1549, institucionalizou-se o tráfico de escravos. Esse tráfico permaneceu até o século XIX. Segundo Bovini (2009, p. 26), a “transplantação das línguas africanas para o Brasil foi concomitante à importação dos escravos africanos, que começou em terras brasileiras, na metade do século XVI e prosseguiu até o século XIX”. Se anteriormente já existia um quadro

de multilinguíssimo, com a institucionalização do tráfico de escravo no Brasil aumenta mais ainda esse quadro.

Os africanos escravizados vinham de diversas áreas africanas. Não se sabe ao certo o número exato de indivíduos transportados no tráfico negreiro, a estimativa vai de 9 a 15 milhões de africanos trazidos à América. Esses indivíduos eram provenientes de diversas regiões com uma diversidade étnica e linguística muito grande (LUCCHESI, 2009). Sobre a quantidade de línguas africanas chegadas ao Brasil, estimam-se cerca de 200/300 línguas.

De acordo Bonvini (2009), houve quatro grandes ciclos importantes de importação de escravos para o Brasil: (i) o ciclo de Guiné, no século XVI, sendo os escravos principalmente sudaneses, originário da África situada no norte do equador; (ii) o ciclo de Congo e Angola, no século XVII, que trouxe ao Brasil negros da zona Banta; (iii) o ciclo costa de Mina, no século XVIII, que atingiu de novo negros sudaneses. A partir da metade do século XVIII, esse ciclo desdobra-se num ciclo propriamente baiano: o ciclo da Bahia de Benim (p. 26); (iv) no século XIX, os escravos vieram um pouco de cada lugar, mas com predominância de negros de Angola e Moçambique. A maior parte dos escravos trazidos ao Brasil foi de origem banto. No século XVI, por exemplo, 35% por cento dos escravos eram de origem banto; no século XVII, eram 65%; no século XVIII, eram 64%, e no século XIX 50%.

Esses africanos escravizados, ao chegarem ao Brasil, tiveram que adquirir a língua dominante, no caso o português, de forma forçada e precária, sem normatização escolar. Essa situação de aquisição precária da língua, segundo Mattos e Silva (2004), acabou refletindo no português falado no presente. É possível que os africanos quando chegaram ao Brasil também tenham tido contato com a língua geral; no entanto, devido à presença reduzida de indígenas na zona açucareira, os africanos, desde cedo, passaram a ter contato com o português/língua do colonizador.

Mattos e Silva (2004, p. 84) salienta que os africanos escravizados

para comunicar-se chegando ao Brasil, teriam de adotar dentre os recursos linguísticos disponíveis, ou a línguas indígenas, ou a línguas gerais indígenas ou o português do colonizador. O desenvolvimento histórico do Brasil indica que foi essa última opção selecionada – reestruturando profundamente o português do colonizador no processo de aquisição – sobretudo por ser essa língua uma constante por toda colônia e, também, por uma parcela dos africanos aqui chegados já dominarem alguma forma de português adquirido na rota africana do tráfico.

Há certo consenso entre os autores que pesquisaram sobre história linguística do Brasil e sobre a formação do português brasileiro (por exemplo, Houaiss, 1985; Mussa, 1991; Naro e Scherre, 1993) no sentido de não ter existido ou não ter se estabelecido uma língua africana na

história linguística brasileira (MATTOS e SILVA, 2004). Para Mattos e Silva (2004), dois fatores, no mínimo, contribuíram para que não se estabelecesse uma língua africana no Brasil: primeiro deve-se ao fato de o tráfico de escravo separar desde a África os co-étnicos e conseqüentemente os co-língues para impedir qualquer reação contra o sistema escravista; o segundo fator foi o fato de não ter existido no Brasil constituição plena de famílias de escravos que pudesse formar núcleos linguísticos. Conforme Mattoso (1990, p. 22), “a metrópole portuguesa adotou sempre a política de misturar as diferentes etnias africanas, para impedir a concentração de negros de uma mesma origem numa só capitania”.

No período de colonização do Brasil, os africanos e afro-brasileiros sempre foram maioria. Por não ter sido possível que suas línguas se estabelecessem no Brasil, os africanos adotaram a língua do colonizador. A aquisição dessa língua se deu na fase adulta e sob a aquisição imperfeita de uma segunda língua. Foi essa língua de uma aquisição imperfeita que acabou sendo difundida pelos africanos no território brasileiro. Por terem se espalhado por diversas partes do território brasileiro e por terem sido sempre maioria no processo de colonização e no pós-colonial até meados do século XIX, é possível dizer que foi “a multidão sem voz” responsável pela difusão do que hoje tem se chamado de português popular brasileiro (MATTOS e SILVA, 2004).

Para Lucchesi (2015), no período que se estende do efetivo início da colonização portuguesa até o final do século XVII, o Brasil foi caracterizado pelo multilinguismo generalizado. Ainda segundo o autor, a polarização sociolinguística, nesse período, era muito mais radical, uma vez que a elite portuguesa sempre foi minoria opondo a língua da minoritária elite colonial às centenas línguas indígenas e as africanas faladas pelos escravos africanos, além das variedades bastante alteradas da língua portuguesa falada por esses contingentes e seus descendentes.

Além do português, das línguas indígenas e das línguas africanas, outras línguas como o espanhol, o italiano, o inglês, o francês e o holandês foram trazidas ao território brasileiro nos séculos XVI e XVII. A feitoria implantada pelo italiano Américo Vesúcio, provavelmente, não deixou marcas linguísticas. Já as feitorias inglesas e holandesas no norte, no século XVI e início do século XVII, podem ter deixado marcas em algumas línguas indígenas que depois desapareceram. Os holandeses por terem tido um contato bem mais prolongado no Nordeste, principalmente em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, deixou marcas não só na toponímia, mas também na antroponímia e no vocabulário coloquial do português regional. Os espanhóis colonizaram a costa sul. Eles participaram junto com os portugueses dos primeiros momentos da colonização, tanto como colonos quanto como

missionários. A língua espanhola estava tão presente que vários autos representados em São Vicente, em Niterói, em Vitória ou em Salvador por Anchieta em parte ou inteiramente em espanhol. “Entretanto, nenhuma dessas outras línguas europeias se tornou vínculo comum e dominante em nenhuma região no período colonial do Brasil” (RODRIGUES, 2016 [2006], p. 149).

Lucchesi (2015, p. 91) afirma que,

a polarização sociolinguística do Brasil se atualizou, durante os quatro primeiros séculos da formação da sociedade brasileira, na diglossia entre português falado pela elite colonial e do império e as centenas de línguas indígenas e africanas faladas pelos povos subjugados. Porém, a babel da massa explorada não subsistiu por muito tempo nas terras brasileiras, pois os filhos de índios apesados e africanos escravizados foram adquirindo, como língua materna, não a língua de seus pais, mas o português defectivo que esses mastigavam, como segunda língua, em função da violenta repressão simbólica e cultural que as classes dos senhores exerciam sobre a massa trabalhadora, sendo o uso das línguas nativas um dos primeiros alvos dessa sanha opressiva, visto que a comunicação de índios e escravos africanos em sua(s) língua(s) nativa(s) era vista, não sem razão, como meio privilegiado para a preparação dos violentos motins que permeiam a história da sociedade escravocrata brasileira.

Sendo assim, os quatro primeiros séculos de colonização foram marcados por um multilinguismo; no entanto, essa situação não durou muito tempo, pois o uso das línguas nativas era visto como meio privilegiado para motins. Nesse contexto de proibição do uso da língua materna, os descendentes dos indígenas e dos africanos foram adquirindo como língua materna não a língua dos seus, mas um português adquirido como segunda língua pelos seus pais.

Os estudos dedicados ao contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil são quase unânimes em afirmar que o elemento africano desempenhou um papel bem mais relevante no processo de constituição da realidade linguística atual do que elemento indígena. Isso se deve ao fato de os indígenas terem sido dizimados intencionalmente quando não aceitavam a condição de escravos ou por epidemias o que fez com que muitas línguas desaparecessem, diminuindo, assim, a participação na realidade linguística atual.

Diante do que foi destacado, pode-se dizer que o período colonial foi marcado por um massivo contato entre línguas – português (língua-alvo) e as línguas indígenas e africanas. O português que foi difundido pelos africanos escravizados por todas as regiões do país não era um português da elite colonial, mas um português de aquisição precária. Esse português alterado deve-se às precárias condições em que os africanos escravizados adquiriam a língua, já que a adquiriam sem nenhuma normatização escolar.

2.3 HIPÓTESES SOBRE A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

A partir do exposto até aqui, observa-se que o português brasileiro, no seu processo de formação, foi marcado por um massivo contato entre línguas. Foi desse processo massivo de contato que, provavelmente, resultou nas especificidades que português brasileiro apresenta em relação ao português europeu, alguns autores, a exemplo de Guy (2005), Lucchesi (2003) e Naro e Scherre (2003) têm se dedicado a analisar a origem do português do Brasil na perspectiva da pesquisa linguística e algumas hipóteses foram formuladas. Destacarei a seguir três delas:

- a) Para Guy (2005) o português popular do Brasil teria sido um crioulo, que passou por um processo de descrioulização. Nessa perspectiva, através do tempo de contato com um número razoavelmente alto de falantes do português, o dialeto popular teria ganhado características da língua alvo (GUY, 2005). Segundo o autor, as marcas de criouliização podem ser observadas na morfologia como: a perda de pronomes átonos; na sintaxe como, a falta de concordância; na fonologia, com a redução de coda.
- b) A hipótese de Lucchesi (2003) é de que o português popular brasileiro é marcado pela transmissão linguística irregular do tipo leve. A transmissão linguística irregular consiste em um processo em que os falantes africanos de português como segunda língua é que teriam fornecido os dados linguísticos primários do português como primeira língua para os seus descendentes – o resultado seria então, a depender de vários fatores, uma variedade da língua portuguesa mais próxima ou mais distante da norma culta.
- c) Para Naro e Scherre (2003) não existe no português brasileiro um conjunto de estruturas que podem ser associadas historicamente ao contato entre línguas. O que pode ser relacionado à história sociolinguística do Brasil é o seu espraiamento de estruturas e variações e não a sua criação. Segundo os autores, as estruturas que são alegadas como brasileiras têm uma existência confirmada em dialetos rurais ou não padrão de Portugal e resultam de uma deriva secular da língua.

Segundo Lucchesi (2015), no Brasil não teria ocorrido uma situação de criouliização com propõe Guy (2005) por três fatores: a) a proporção da população branca nunca foi

inferior a 30% e quando, nesses contextos, quando a proporção de falantes da língua alvo é maior que dez por cento, o acesso dos falantes do substrato aos modelos gramaticais da língua dominante aumenta, inibindo potenciais processos de pidginização e criouliização; b) a possibilidade de inserção do escravo na sociedade branca, sobretudo dos *crioulos*, estes se integraram com mais intensidade o que permitiu que tivessem mais acesso aos dados linguísticos da língua de superstrato; c) e o último fator foi a miscigenação racial; a miscigenação entre os colonizadores europeus e as mulheres índias e negras constituiu um dos vetores da composição étnica da sociedade brasileira. Sendo assim, conclui-se que na formação das variedades populares do português brasileiro predominaram as situações de transmissão linguística irregular do tipo leve, e não a situação de criouliização como propõe Guy (2005).

Em relação à hipótese formulada por de Naro e Scherre (2003), Lucchesi (2015, p. 111) salienta que

a constatação que estão em curso processos de mudança que recompõem morfologia flexional do nome e do verbo nas variedades populares do português coloca a seguinte questão: quando e como essa morfologia se perdeu? Acreditamos que a interpretação aqui proposta, com base no conceito ampliado de transmissão linguística irregular, se ajusta bem ao quadro observado na atualidade, produzindo uma explicação adequada para o processo histórico que plasmou o quadro de variação que se observa atualmente. Nesse sentido, as evidências empíricas e sua interpretação servem para refutar a hipótese defendida por Naro e Scherre (2007) de que a variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal que se observa hoje no português popular brasileiro seria o resultado de uma deriva secular de origem românica.

Neste trabalho adotamos a hipótese Lucchesi (2003 e 2015). Portanto, é assumida aqui a hipótese de que as variedades do português do Brasil têm seus traços mais marcantes devido a um processo de transmissão linguística irregular.

2.3.1 O processo de transmissão linguística irregular

Segundo Lucchesi e Baxter (2009), o conceito de transmissão linguística irregular diz respeito aos processos em que uma língua se nativiza a partir de um modelo defectivo de segunda língua falada por uma população de adultos, como aconteceu com os africanos trazidos para o continente americano, durante a colonização europeia.

Apesar do amplo contato entre línguas no processo de colonização do Brasil, esse contato não resultou na formação de um crioulo típico, mas em um processo de transmissão linguística irregular (TLI) de tipo leve. Assim, o português brasileiro possui marcas que

resultam não de um processo de TLI radical, que ocorre nos casos prototípicos de criouliização, mas de um processo de TLI tipo leve. Nesse caso da TLI leve, predominam os processos de simplificação decorrentes da aquisição precária do português como segunda língua, sendo raros e marginais a transferência de estruturas gramaticais das línguas africanas, como ocorre na criouliização típica (LUCCHESI, 2009).

Nesse processo, a transmissão irregular se daria da seguinte forma: os africanos escravizados que adquiriram o português como segunda língua, ao passar esses dados linguísticos para os seus descendentes passariam com algumas marcas de suas línguas de origem. Quando uma grande população de adultos é forçada adquirir uma segunda língua emergencialmente, a variedade dessa língua-alvo pode sofrer redução em estrutura gramatical. Essa nova variedade que surge deve-se ao difícil acesso dos falantes de outras línguas, sobretudo nas situações em que os falantes dessas línguas estão em número inferior. As comunidades rurais afro-brasileira seriam as comunidades de fala em que, com mais força, alterações típicas do contato entre línguas poderiam ser notadas. No caso do PB, é no português afro-brasileiro que as taxas de alterações em estruturas sensíveis ao contato linguístico seriam notadas com maior intensidade (LUCCHESI, 2003).

De acordo com Lucchesi (2003), devido ao processo de transmissão linguística irregular, desencadeado pelo contato entre línguas, o português brasileiro, sobretudo nas normas populares, exhibe, em maior ou menor grau, perda de morfologia flexional e de regras de concordância nominal e verbal. Ainda segundo o autor, embora esses fenômenos caracterizem um processo de transmissão linguística irregular, estes não são mudanças privativas desse processo histórico de contato entre línguas. O que vai caracterizar os processos de mudança é a quantidade e a intensidade que ocorre tais mudanças.

Muitos estudos sociolinguísticos têm mostrado que a TLI pode ter deixado marcas na morfossintaxe do português popular brasileiro, sobretudo nas comunidades afro-brasileiras. Examinando a questão em outro nível de análise, Santos (2012) mostra que TLI pode ter deixado marcas na fonologia, ao menos no que diz respeito às taxas de enfraquecimento de <S> (aspiração e apagamento) em coda. O autor observa que as taxas de enfraquecimento (aspiração e apagamento) de <S>, sobretudo a de apagamento (18%) são expressivas em Helvécia, especialmente se considerarmos a faixa etária mais velha da comunidade. Santos e Almeida (2016) também observaram que as taxas de enfraquecimento são expressivas Alto Alegre-Ba. Somadas, as taxas de aspiração (21,5%) e de apagamento (17,3%) alcançam um percentual 38,8%. Para Guy (2005), existem tendências bem visíveis de redução da coda

silábica no português popular brasileiro. Consoantes em final absoluto de vocábulo, <S> e <R>, por exemplo, são apagadas frequentemente.

De acordo com Santos (2012, p. 259),

a análise empreendida mostrou ainda que, pelo menos em relação ao apagamento de <s>, é possível associar, em alguma medida, o quadro visto em Helvécia ao esquema analítico da transmissão linguística irregular, na medida em que, no campo da aquisição de <s>, é possível imaginar que, em Helvécia, a estabilização dos modelos de realização das fricativas em coda silábica (resultante das abstrações da fala adulta disponível naquele momento histórico) tanto pelos escravos africanos quanto por seus descendentes, seria comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos que estavam em concorrência, típicos das situações de contato entre línguas, e pela falta de orientação normativa que geralmente acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua em situações consideradas normais ou em contextos escolares.

Diante do que foi exposto, se compararmos a realização variável da coda nas quatro línguas crioulas descritas na subseção 2.1.2, sobretudo no angolar e no santome, é possível dizer que a situação de contato massivo e abrupto pode ter influenciado no enfraquecimento da coda, como propõe Santos (2012), principalmente em comunidades afro-brasileiras onde tais características ficam mais evidentes.

3 MODELO TEÓRICO METODOLÓGICO

Tanto a constituição do *corpus* quanto a análise dos dados seguiram os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, que assume que a variação linguística não é aleatória, fortuita, caótica; pelo contrário, ela é estruturada e regulada tanto por fatores internos e externos a língua.

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O marco da linguística contemporânea é a publicação, em 1916, do Curso de linguística geral. “Nesta obra, estão contidos os princípios da concepção da língua como uma estrutura. A aplicação ulterior dessa concepção na análise efetiva dos fatos linguísticos e consequentemente metodológicos que resultaram no que se definiu como estruturalismo” (LUCCHESI, 2004, p. 30). É a partir dessa obra, que Saussure inaugura a linguística moderna delimitando e definindo seu objeto estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem.

Na concepção saussuriana, a língua é um sistema homogêneo, unitário e autônomo, e, para que seja possível estudá-la, é preciso separar língua e fala, em que a primeira é um sistema abstrato homogêneo, existente na mente do falante, e a segunda, uma manifestação individual, heterogênea, sujeita a fatores externos. Além da dicotomia língua e fala, Saussure (2006) separa sincronia e diacronia. Para o autor, a língua podia ser estudada sem levar em consideração do fator tempo, uma vez que sua estrutura constituiria um sistema de valores na qual a lógica interna se poderia encontrar toda a sua explicação. “Assim, a dicotomia entre sincronia e diacronia se apoia no pressuposto de que em cada estado momentâneo, a língua apresenta lógica interna que se explica a si mesma” (LUCCHESI, 2004, p. 60). Para Saussure, “a sistematicidade da língua depende da existência, dentro do indivíduo, de uma faculdade de associação e da coordenação. As relações da língua se localizam na consciência do falante” (WEINREICH, LABOV e HERZOG 2006 [1975], p. 55).

É em reação a concepção da língua como um sistema homogêneo que, na década de 60 a partir dos estudos de William Labov sobre a mudança em progresso no inglês da Ilha de Martha’s Vineyard (1963) e Nova York (1966) que a sociolinguística variacionista desponta. Esse novo modelo contrapõe-se a modelos como o estruturalismo, que entendia a língua como um sistema homogêneo, unitário e autônomo, constituído por unidades invariáveis e estruturado por relações exclusivamente sincrônicas entre seus elementos constituintes.

De acordo com Lucchesi (2004, p. 49),

a concepção de língua como um sistema unitário, homogêneo e fechado em sua lógica interna apoia-se decisivamente na ideia de que a língua se impõe de maneira inexorável ao indivíduo. Assim sendo, o sistema estaria imune as intervenções das relações sociais. Situa-se, pois, na dialética entre social e o individual o ponto de superação da rígida dicotomia saussuriana. Essa contradição entre o plano social da língua e o plano individual do falante (abstraídos de suas relações sociais) se perpetuará ao longo do desenvolvimento do estruturalismo linguístico, constituindo um dos pontos cruciais a ser atacado pela ruptura epistemológica implementada pelo modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, na década de 1960. Segundo esse modelo teórico, longe de acreditar passivamente na estrutura da língua, o indivíduo atua sobre essa estrutura, consoante a maneira como está inserido no contexto social.

Diante do exposto, observa-se que no modelo estruturalista o que temos é um falante tem um papel passivo diante da língua, ou seja, a organização estrutural do sistema é concebida impendemente da ação do falante, da prática linguística ou das disposições estruturadas nas quais essas práticas se efetivam. Já no modelo sociolinguístico a língua não é concebida como o que é oferecido ao falante, não é um sistema homogêneo, unitário e imutável, mas um sistema heterogêneo sobre o qual o falante atua de acordo com as disposições estruturadas em que a prática linguística se atualiza (LUCCHESI, 2004). Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36), “(...) numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”.

O primeiro paradoxo com que a Sociolinguística rompeu é o de que se excluem automaticamente sistematicidade e variabilidade, assumindo que a heterogeneidade é a situação normal de uma língua em exercício numa comunidade complexa; e o que seria disfuncional é justamente a ausência de heterogeneidade. Deste modo, como observa Lucchesi (2004, p. 55), “um modelo teórico que despreza a variação e a heterogeneidade e considerava seu único objeto de estudo a língua, vista como um sistema homogêneo e unitário seria incapaz de dar conta da questão da mudança.” Portanto, a Sociolinguística Variacionista representou um dos principais esforços para romper com essas dicotomias ao considerar a heterogeneidade como constitutivo da linguagem.

Para Lucchesi (2004, p. 166),

confirmar a relação entre variação e mudança como um caminho privilegiado para estudar o processo da mudança linguística, foi preciso superar a variação em larga medida livre e não-condicionada. Era preciso considerar a variação como parte integrante do sistema linguístico para que

ela constituísse objeto da análise linguística sistemática; rompendo, assim, com a visão estruturalista de que o sistema linguístico seria o domínio da invariância. A tarefa de determinar a sistematicidade da variação levantava a necessidade de considerar os chamados fatores externos na análise linguística, pois o que era, no plano estritamente linguístico, aleatório.

Apesar de o modelo estruturalista ter predominado por muito tempo e os estudos da língua em seu contexto social só tenha se consolidado a partir dos estudos de Labov, essas discussões já vinham despertando a atenção de estudiosos como Gauchat (1905) e Antoine Meillet (1920). Meillet era, segundo Calvet (2002), quase sempre, apresentado como discípulo de Saussure, se distancia da teoria Saussuriana, quando, ao resenhar o Curso de Linguística Geral e ressaltar que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade, ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 14). Sendo assim, Meillet é aquele que já na década de 1920, pensava a mudança através do contexto social. Mas, é a investigação de Gauchat (1905) da comunidade francófona suíça de Charmey que é considerada o “protótipo” da abordagem sociolinguística da mudança.

Gauchat foi o primeiro a realizar um estudo que teve como objeto a mudança linguística em progresso. Ele realizou um trabalho analisando a variação em seis traços fonológicos na comunidade de fala, e, observando a diferenciação através de três faixas etárias. Quando Labov filia-se aos estudos de Gauchat revela claramente um propósito da análise sociolinguística: que é rever a ideia até então predominante de que a mudança linguística não podia ser estudada diretamente, e sim somente após estar concluída (LUCCHESI, 2004).

Conforme Lucchesi (2004, p. 166),

O recurso utilizado por Labov para superar esse obstáculo foi o de procurar entrever a mudança em progresso na variação observada a língua num determinado momento, o que ele definiu como o estudo da mudança no tempo aparente. Assim, o estudo da mudança na análise sincrônica abria caminho para a definitiva superação da dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia.

Labov foi o primeiro a trabalhar de modo convincente a mudança linguística levando em consideração o contexto social, ao estudar o tratamento de duas semivogais fala dos habitantes em uma ilha situada junto a costa de Massachusetts, Martha's Vineyard e a estratificação social /R/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York. Esses trabalhos realizados por Labov foram a chave para descobrir os padrões que governam a variação na estrutura linguística. Os estudos realizados por ele nas comunidades de fala de Martha's

Vineyard e da cidade de Nova York mostra relações regulares onde estudos anteriores mostravam oscilações caóticas e variação livre massiva.

Os estudos realizados por Labov contribuíram bastante para o desenvolvimento da teoria da sociolinguística variacionista, mas essa teoria só será formalizada em 1968, quando Uriel Weinrich propõe a Labov e a Marvin Herzog que escrevam um ensaio sobre os *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Neste ensaio está sistematizado um conjunto de princípios para o estudo da mudança linguística, entendendo que língua é um fenômeno caracterizado pela heterogeneidade ordenada e os cinco problemas, a serem resolvidos para um tratamento adequado da mudança linguística. São eles: o problema dos fatores condicionadores, o problema de transição, o problema do encaixamento, o problema de avaliação e o problema de implementação.

O *problema das restrições* busca determinar o “conjuntos de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 121). Ou seja, esse problema remete à questão busca definir quais condições que favorecem ou restringem as mudanças, e, por conseguinte, qual o conjunto das mudanças linguísticas possíveis.

O problema de *transição*, diz respeito a como se dá a mudança através do tempo, ou seja, “é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior” (LABOV (2008 [1972], p. 193). Quanto mais apurada for a resposta do problema de transição, maior será a compreensão sobre o processo através do qual a mudança linguística acontece.

O problema do *encaixamento* diz respeito ao fato de que as mudanças linguísticas devem estar encaixadas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social. Segundo Labov (2008 [1972], p. 193), o principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social. “As correlações se estabelecem por provas sólidas de variação concomitante, ou seja: mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível” (LABOV 2008 [1972], p. 193).

O problema de *avaliação* diz respeito a como o falante, membro de determinada comunidade, avalia a mudança e os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança. “A abordagem indireta deste problema correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico (LABOV, 2008 [1972], p. 193). Para

Lucchesi (2004), o problema de avaliação levanta uma importante discussão acerca do papel do indivíduo frente a mudança e frente a própria língua.

O problema de *implementação* é descrever os mecanismos de causa e efeito que constitui o processo da mudança. A questão central da implementação é pensar por que certa mudança pode ter ocorrido no tempo e no lugar em que ocorreu e entender porque não ocorreu em outro espaço em que haveria condições idênticas para a implementação.

É a partir da consideração desses cinco problemas que é possível não apenas reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística da mudança supera a explicação estrutural-funcional, como também as características desta que se perpetua naquela (LUCCHESI, 2004).

3.1.1 Variação e mudança linguística

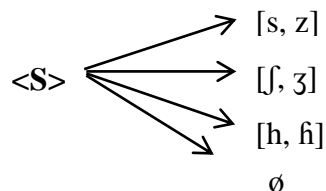
Para a Sociolinguística Variacionista, é impossível conceber a mudança linguística como independente da vida social da comunidade em que ela ocorre. Sendo assim, a Sociolinguística desenvolve suas pesquisas fazendo um exame da linguagem no seu contexto social, buscando estudar as relações que existem entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala (COELHO [et al.] (2010). Para sociolinguística, a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos é um aspecto intrínseco à natureza da língua e que essa heterogeneidade pode ser explicada tanto por fatores externos ao sistema linguístico quanto por fatores internos à língua.

De acordo com Mollica (2012, p. 9-10), a Teoria da Variação tem como objeto de estudo a variação, entendendo-a como princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Essa teoria parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível. Sendo assim, a variação na fala não é um resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um processo sistemático e regular de uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação. Portanto, a variação não é livre como propunha o estruturalismo, mas regida por regras que são denominadas de regras variáveis, pois a escolha de uma variante e não de outra pode ser influenciada tanto por fatores externos ao sistema linguístico quanto fatores internos à língua. O processo de variação constitui uma fonte de mudança linguística através do tempo, mas

segundo Tarallo (2004), “a variação não implica necessariamente mudança linguística. A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior”.

A variação linguística é definida como formas diferentes de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. Essas formas alternativas recebem o nome de variante. Sendo assim, entende-se por variante as formas alternativas que configuram um fenômeno variável ao qual damos o nome de variável dependente. “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variável independente) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2012, p. 11). Nesse sentido, de acordo com Calvet (2002, p. 91), “temos, pois *variável linguística* quando duas ou mais formas diferentes permitem dizer a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm têm uma função outra estilística ou social”.

No português brasileiro, por exemplo, o fonema /S/ em coda silábica constitui-se um fenômeno variável, uma vez que pode ser realizado como uma consoante fricativa alveolar surda ou sonora, como uma fricativa palatal surda ou sonora, como fricativa aspirada ou até mesmo ser apagada. Assim, tem-se:



Vale destacar ainda que o termo variável pode indicar fenômenos em variação e grupos de fatores (variáveis independentes). Esses grupos de fatores, que condicionam a realização das variantes, podem ser estruturais ou sociais. As variáveis linguísticas independentes são grupos de fatores de natureza estrutural. Já as variáveis independentes sociais são tudo aquilo que não for estritamente linguístico, como por exemplo, sexo, faixa etária e a escolaridade. “As variáveis, tanto linguística quanto não linguística, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correções que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes” (MOLLICA, 2012, p. 27). Sendo assim, correlacionando à estrutura linguística variável com fatores da estrutura social, pode-se observar como uma determinada variante estaria difundindo-se no meio social.

Para analisar a variação e a mudança, a Teoria da variação analisa os usos linguísticos no seio da comunidade de fala. Para a sociolinguística, é a comunidade de fala, e não o indivíduo, o universo de observação do linguista. O termo comunidade de fala é usado para

definir um grupo de falantes que compartilham um conjunto de normas que observam na evolução e o uso de certos padrões linguísticos. Labov (2008 [1972], p. 188) afirma que,

uma comunidade fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é bem mais definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua. Nesse sentido, falantes mais velhos e mais jovens da cidade de Nova York pertencem a comunidades de fala ligeiramente diferentes, com uma descontinuidade bem distinta para aqueles falantes nascidos em meados dos anos 1920.

As mudanças linguísticas observadas em uma comunidade de fala não ocorrem de maneira instantânea e abrupta, mas de forma gradual. Por meio da recolha dos dados nas amostras, pode-se observar diretamente o processo de variação e mudança da língua.

Os dados coletados na comunidade fala são baseados na fala espontânea, ou seja, no vernáculo. Sendo assim, o material básico para a sociolinguística é o vernáculo. O vernáculo é o estilo em que o mínimo de atenção é prestado ao monitoramento da fala. “A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Mas para coleta do vernáculo o linguista se depara com algumas limitações que Labov denominou de paradoxo do observador. Para que o pesquisador supere esse paradoxo, requer dele adoção de métodos para amenizar o efeito negativo causado pela sua própria presença e pela presença do gravador. Um dos métodos para se chegar ao vernáculo, é elaborar um roteiro de entrevistas que leve à narrativa pessoal que segundo Tarallo (2004), tem se revelado uma “mina de ouro”, pois ao colocar suas experiências pessoais mais emocionantes em forma de narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a fala.

Após a escolha da comunidade que se quer estudar, o passo a seguir é decidir os falantes que serão entrevistados. Para Silva (2012), a probabilidade de que os resultados sejam fidedignos está diretamente ligado ao tamanho da amostra. Ainda segundo a autora, o número indivíduos da amostra vai depender da heterogeneidade da comunidade, do número de variáveis pesquisadas e do método que será utilizado.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 194), “os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala”.

Portanto, a sociolinguística variacionista coloca que as mudanças linguísticas podem ser observadas através do tempo, por meio da comparação da fala de pessoas de gerações diferentes. Esta suposição está embasada no conceito de tempo aparente em oposição ao

tempo real, propõe que os hábitos linguísticos dos falantes permanecem relativamente estáveis através do tempo uma vez que são adquiridos. O tempo real consiste em comparar um mesmo fenômeno em épocas diferentes. Segundo Naro (2012), a língua usada pelo falante na fase adulta reflete a língua adquirida quando o falante tinha, aproximadamente 15 anos de idade. Assim, a fala de uma pessoa que tem 60 anos pode a língua de 45 anos atrás, já uma pessoa que tem 40 anos pode representar a língua de vinte e cinco anos.

Sendo assim, é por meio do estudo em tempo aparente que a sociolinguística observa a variação em um determinado momento e com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo.

Uma análise da estrutura linguística variável com fatores da estrutura social pode delinear o quadro de variação de uma comunidade de fala, observando se há uma variação estável ou um quadro de mudança em progresso. Quando não há um uso privilegiado da variante inovadora entre as faixas etárias, temos uma variação estável. Já quando na fala dos mais jovens estiver presente um elevado uso da variante inovadora e for decrescendo à medida que for avançando a faixa etária, diz-se que há na comunidade um quadro de mudança em progresso.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As entrevistas analisadas nesta pesquisa fazem parte do acervo do Projeto Vertente do Português Popular da Bahia. As entrevistas foram realizadas de acordo com os princípios da sociolinguística variacionista. Sendo assim, os informantes foram estratificados quanto a sexo (masculino/feminino) e idade (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 40 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos).

3.2.1 O Projeto Vertentes do português popular da Bahia

O Projeto Vertentes é vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, coordenado pelo professor Dante Lucchesi. Segundo informações do site do projeto, o objetivo central é traçar um panorama sociolinguístico do português popular do Estado da Bahia, considerando os seguintes parâmetros: a relevância do contato entre línguas na sua formação histórica, por um lado, e os processos atuais de difusão linguística a partir dos grandes centros urbanos.

Ainda segundo informações do site, o *corpus* foi constituído em três etapas. O foco da primeira etapa foi as comunidades afro-brasileiras isoladas, algumas remanescentes de antigos quilombos, para identificar os efeitos históricos do contato do português com as línguas africanas na formação dessas comunidades. Nessa primeira etapa, foram realizadas 48 entrevistas com moradores de quatro comunidades afro-brasileiras de diferentes regiões do Estado. Já a segunda etapa, focalizou-se no português popular do interior, para aferir os processos de difusão linguística e para mensurar os efeitos do contato entre línguas a partir de um cotejo com o português afro-brasileiro. Nessa etapa foi constituída uma amostra de fala vernácula com 48 entrevistas com falantes de pouca ou nenhuma escolaridade de dois municípios do interior do Estado: Poções e Santo Antônio de Jesus. Foram realizadas 24 entrevistas em cada município, doze na zona rural e doze na sede do município. A terceira e etapa focou no português popular da cidade de Salvador, para escrutinar os processos de variação e mudança em curso nesse polo regional de irradiação linguística. Nessa etapa foram realizadas 96 entrevistas de tipo sociolinguístico em bairros populares da capital baiana e sua região metropolitana.

Para este trabalho foram analisados dados de duas comunidades da primeira fase do projeto: as comunidades afro-brasileiras de Sapé e Cinzento.

3.2.2 As comunidades

A comunidade de Cinzento fica situada Município de Planalto, no sudoeste baiano, a 450 quilômetros de Salvador. Localizada entre as montanhas semiáridas de Planalto-Ba, a comunidade foi reconhecida como um remanescente de quilombo 09 de junho de 2011. Estima-se que os primeiros negros que chegaram em Cinzento na metade do século XIX, vindos da região da Chapada Diamantina.

A comunidade de Sapé fica localizada no Município de Valença-Ba, no Recôncavo Baiano. A comunidade foi certificada 05 de maio de 2009, pela Fundação Cultural Palmares, como comunidade remanescente de quilombo. Segundos os moradores, a comunidade formou-se pouco tempo depois da abolição da escravatura. Na época da coleta das entrevistas, a comunidade era formada por, aproximadamente, 100 habitantes. A comunidade vivia da plantação de feijão e mandioca, com a qual faziam a farinha. Além da plantação desses dois produtos, plantavam cravo e cacau.

Segundo informações do site do Vertentes, a comunidade constituía uma região muito carente de infraestrutura e recursos. As principais atividades da comunidade eram a

agricultura e a produção de farinha. Os moradores sobreviviam essencialmente do trabalho nas roças. Somente no dia 05 de maio de 2009, a comunidade recebeu a certificação oficial de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, conferida pela Fundação Palmares.

3.2.3 As amostras

O *corpus* foi constituído de 24 entrevistas, sendo 12 entrevistas com informantes naturais da comunidade de Cinzento e 12 entrevistas com informantes naturais da comunidade de Sapé. Para o levantamento dos dados, os falantes foram estratificados quanto ao sexo (masculino/feminino) e idade/faixa etária (na faixa 1, há oito informantes entre 16 e 41 anos; na faixa 2, oito informantes com idades entre 44 e 60 anos; na faixa 3, oito informantes entre 63 e 107 anos).

Quadro 1: Quadro descritivo do *corpus* da comunidade de Cinzento

CORPUS BASE – 12 INQUÉRITOS⁵		
FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF. 01 – F – 28a – S – E	INF. 05 – M – 50a – S – N	INF. 09 – F – 63a – A – N
INF. 02 – F – 16a – S – N	INF. 06 – M – 48a – S – E	INF. 10 – F – 107a – A – N
INF. 03 – M – 34a – S – E	INF. 07 – F – 44a – S – N	INF. 11 – M – 64a – S – N
INF. 04 – M – 41a – S – E	INF. 08 – F – 50a – A – N	INF. 12 – M – 82a – A – N

LEGENDA: F (sexo feminino); M (sexo masculino); **28a** (28 anos de idade); S (semianalfabeto); A (analfabeto); E (viveu fora da comunidade por pelo menos seis meses); N (não viveu fora da comunidade).

Fonte: Projeto Vertentes

⁵ Os quadros foram elaborados pelo Projeto Vertentes.

Quadro 2: Quadro descritivo do *corpus* da comunidade de Sapé

CORPUS BASE – 12 INQUÉRITOS		
FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF. 01 – F – 24 ^a – S – N	INF. 05 – F – 53 ^a – S – E	INF. 09 – F – 76 ^a – A – N
INF. 02 – M – 27 ^a – S – N	INF. 06 – M – 42 ^a – S – N	INF. 10 – M – + 70 ^a – A – N
INF. 03 – F – 36 ^a – A – N	INF. 07 – F – +55 ^a – A – N	INF. 11 – F – 77 ^a – A – N
INF. 04 – M – 28 ^a – A – N	INF. 08 – M – 48 ^a – A – N	INF. 12 – M – 66 ^a – A – N

LEGENDA: **F** (sexo feminino); **M** (sexo masculino); **28^a** (28 anos de idade); **S** (semianalfabeto); **A** (analfabeto); **E** (viveu fora da comunidade por pelo menos seis meses); **N** (não viveu fora da comunidade).

Fonte: Projeto Vertentes

Seguindo as orientações de Labov (2008 [1972]), as entrevistas realizadas nas comunidades partiram da narrativa pessoal, uma vez que entrevistas com esse caráter levam os informantes a prestarem menos atenção à fala e assim teríamos o vernáculo. Cada uma tem aproximadamente 50 minutos.

Para a constituição do *corpus* analisado, foram selecionadas as primeiras 100 ocorrências da variável <S> em cada uma das 24 entrevistas totalizando 2400 ocorrências, levando em consideração algumas condições: a) foram excluídos os casos em que <S> tem valor de plural; b) foram excluídos os casos de <S> em fim de vocábulo seguido de vogal uma vez que nesse contexto geralmente acontece uma ressilabação; c) foram excluídas as ocorrências de <S> quando este se encontra antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi]; d) foram excluídos os trechos que ficaram pouco claros na entrevista.

3.2.5 Os dados: tratamento quantitativo

Os dados desta pesquisa foram estudadas com o auxílio de uma ferramenta para a análise sociolinguística, o GOLDVARB X, uma versão para ambiente Windows do programas Varbrul. O programa foi pensado por David Sankoff, Sali A. Tagliamonte e Eric Smith. Segundo Guy e Zilles (2007), o programa “é conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente, para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007). A análise é chamada multivariada, pois permite investigar situações em que a variável linguística é influenciada por vários fatores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. Ainda de acordo com os autores, o programa mede os efeitos, bem como a

significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.

3.2.6 As variáveis estudadas

Para que os dados fossem submetidos à análise do GOLDVARB X, foram separados em três arquivos: 1) <S> em interior de vocábulo; 2) <S> em posição final de vocábulo seguido de pausa e 3) <S> em posição final de vocábulo seguido de consoante que inicia a palavra seguinte.

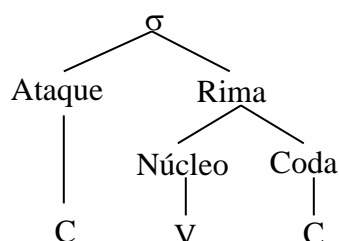
A variável dependente estudada, indicada por <S>, inclui as seguintes realizações: 1) alveolar ([s, z]); 2) palatal ([ʃ, ʒ]); 3) aspirada ([h, h̥]); 4) apagamento (∅). Tendo em vista que a sonorização das variantes é determinada pelo contexto seguinte, utilizamos apenas uma variante. A sonoridade da fricativa seja ela palatal ou alveolar é determinada pelo ambiente fonético. Por essa razão, a consoante realizada como surda ou sonora foi considerada uma só variante, assim como a palatal. A aspiração é tomada neste trabalho como a pronúncia de um segmento pronunciado resulta de um ruído devido à abertura da glote durante a oclusão bucal (DUBOIS et al., 2006 [1978]).

As variáveis independentes foram elaboradas a partir das hipóteses acerca de que fatores podem influenciar na realização das variáveis. Os grupos de fatores que foram tomados como hipóteses para este trabalho são: 1) *tonicidade da sílaba*: sílaba átona ou tônica; 2) *extensão do vocábulo*: monossílabo, dissílabo e polissílabo; 3) *Características da vogal precedente*: anterior alta /i/, anterior média-alta /e/, anterior média-baixa /ɛ/, central baixa /a/, posterior média-baixa /ɔ/, posterior média-alta /o/, posterior alta /u/, semi-vogal anterior-alta /y/ e semivogal posterior-alta /w/; 4) *características da consoante seguinte*: oclusiva alveolar (/t/, /d/), oclusiva bilabial (/p/, /b/), oclusiva velar (/k/, /g/), nasal labial /m/, nasal alveolar /n/, fricativa labiodental (/f/, /v/), lateral /l/, africadas ([tʃ], [dʒ]); 5) *sonoridade da consoante seguinte*: vozeada e desvozeada; 6) *classe morfológica do vocábulo*: substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, determinantes e conectivos (conjunções e relativos). As variáveis extralinguísticas foram: 1) *faixa etária dos informantes*: faixa etária I, faixa etária II e faixa etária III; 2) *sexo dos informantes*: feminino e masculino; 3) *escolaridade do informante*: sem escolarização e com até 5 anos de escolarização; 4) *tempo fora da comunidade*: nunca saiu da comunidade e saiu da comunidade. É importante destacar que os fatores escolaridade e tempo fora da comunidade foram usados apenas para a comunidade de Cinzento. Não foi possível usar tais fatores para a comunidade de Sapé, pois

apenas um informante saiu da comunidade e apenas 4, um homem e uma mulher da faixa etária I e II, eram semialfabetizados.

4 A CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A sílaba, segundo Bisol (2013), possui uma estrutura binária: ataque e rima; desses dois constituintes, apenas a rima é obrigatória. O ataque pode ter no máximo dois segmentos, o primeiro segmento pode ser ocupado por qualquer consoante e o segundo pode ser ocupado por uma soante não nasal. A rima também possui uma estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre composto por uma vogal e a coda pode ser se ocupada por /S/, /l/, /R/. A estrutura silábica proposta pela teoria métrica da sílaba é a seguinte:



De acordo com Bisol (2013, p. 22), “essa estrutura gera todo o inventário básico {CV, VC, V, CVC} com que se descreve grande parte das línguas do mundo. Estruturas mais complexas como {CCV, VCC, CCVCC} são delas derivadas”.

Este trabalho, como citado anteriormente, busca analisar a realização variável do /S/ em posição de coda. A coda silábica, no português brasileiro, é um constituinte da sílaba sujeito a ampla variação e processos de enfraquecimento.

Na seção a seguir estão resenhados alguns trabalhos que analisaram o /S/ em coda silábica no português brasileiros.

4.1 A VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

No português brasileiro, o /S/ pós-vocálico pode realizar-se como fricativa alveolar surda ou sonora, como fricativa palatal surda ou sonora, como aspirada surdo ou sonora e pode até ser apagada.

Ao fazer uma análise de cinco capitais brasileiras, Callou, Leite e Moraes (2013), observa que no Rio de Janeiro (82,5%) e em Recife (69,5%) a palatalização é predominante, em São Paulo (90%) e no Rio Grande do Sul (86%), a realização alveolar é predominante. Já em Salvador, há uma distribuição equilibrada entre a alveolar (56%) e a palatal (44%).

Diante do exposto até aqui, observa-se que <S> apresenta-se como um fenômeno bastante variável no português brasileiro. O objetivo desta seção é fazer uma revisão de alguns trabalhos que tratam da variação de <S> em coda silábica no português do Brasil. A revisão desses trabalhos permitirá que tenhamos uma visão geral de como vêm sendo desenvolvidas as pesquisas sobre o /S/ em coda silábica no português do Brasil.

4.1.1. “O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <S> em coda silábica”⁶

Na Tese intitulada *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica*, Santos (2012) faz uma análise das realizações do /S/ pós-vocálico na comunidade quilombola de Helvécia-Ba. Trata-se de um estudo de cunho sociolinguístico que tem por objetivo analisar a variação das consoantes fricativas em posição de coda. Para a constituição do *corpus*, foram selecionadas as 200 primeiras ocorrências da variável <s> em 12 entrevistas, o que totalizou 2.400 ocorrências. As entrevistas foram extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres sem escolarização, naturais de Helvécia, estratificados em três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 40 a 60 anos e faixa III, mais de 60. Na análise das ocorrências, o autor levou em consideração as seguintes condições: a) foram excluídos os casos em que <s> possuía valor de plural; b) foram excluídos os casos em que <s> encontrava-se no fim de um vocábulo seguido de vogal; d) foram excluídas as ocorrências de <s> quando este se encontrava antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi].

O *corpus* ficou distribuído da seguinte forma: as realizações alveolares, no *corpus*, somaram 1.076, correspondendo a 43,83% do total de ocorrências de <s>; as realizações aspiradas somaram 537, correspondendo a 22,37% do total de ocorrências; o apagamento somou 432, correspondendo a 18% do total de ocorrências de <s>; e as realizações palatais somaram 355, correspondendo a 14,79% do total de ocorrências de <s>.

As realizações alveolares ficaram distribuídas da seguinte forma: interior de vocábulo, com 512 ocorrências; final de vocábulo seguido de consoante, com 416 ocorrências e final absoluto, com 147 ocorrências.

- Em interior de vocábulo as realizações alveolares somaram 512, correspondendo a 48% do total de ocorrências. No que diz respeito ao encaixamento linguístico, o programa GOLDVARB 2001 considerou os seguintes fatores como importantes para

⁶ Este trabalho foi resenhado por Almeida (2016).

realização alveolar: *extensão do vocábulo em que se encontra a variável, contexto consonantal subsequente à variável, sonoridade da consoante seguinte à variável, classe do vocábulo em que se encontra a variável*. No contexto extralinguístico vai considerado como fatores importantes a *faixa etária* e o *sexo do informante*. No fator extensão do vocábulo, Santos (2012) observou que são os vocábulos com três ou mais sílabas, com peso relativo de 0,60, que favorecem a realização alveolar; no contexto consonantal subsequente à variável, as consoantes que favorecem essa realização são as oclusivas velares (P.R 0,99), fricativas labiodentais (P.R 0,98) e a nasal labial (P.R 0,85); quanto à sonoridade da consoante, são as consoante não sonoras (P.R 0,68) que favorecem a realização alveolar; no que diz respeito a classe do vocábulos, os verbos (P.R 0,56) é a classe que mais ocorre a realização alveolar. No que tange ao contexto extralinguístico, o autor observou que são os informantes da faixa etária mais jovem (P.R 0,71) e mulheres (P.R 0,58) que favorecem a realização alveolar.

- Em final de vocábulo seguido de consoante, as realizações alveolares somaram 416, correspondendo a 40% do total de ocorrências. Nesse contexto, os fatores linguísticos considerados como relevantes foram: *contexto vocálico antecedente à variável, contexto consonantal subsequente, sonoridade da consoante seguinte*. No que concerne aos fatores extralinguísticos, foram considerados importantes para realização alveolar a *faixa etária* e o *sexo do informante*. No que tange ao contexto vocálico antecedente, observa-se que são a vogais /i/ (P.R 0,91), /ε/ (P.R 0,81), /w/ (P.R 0,79) e /e/ (P.R 0,63) que favorecem a realização em final de vocábulo seguido de consoante; no que diz respeito ao contexto consonantal subsequente são as consoantes fricativas labiodentais (P.R 0,70), oclusivas velares (P.R 0,69) e oclusivas labiais (P.R 0,68) que favorecem essa realização. Quanto à sonoridade da consoante, são as consoantes não-sonoras, com peso relativo de 0,77, que favorecem a realização alveolar nesta posição. No contexto extralinguístico, Santos (2012) observa, mais uma vez, que são os falantes da faixa etária mais nova (P.R 0,72) e as mulheres (P.R 0,66), que mais favorecem essa variável nesta posição.
- Em final absoluto, as realizações alveolares somaram 147, correspondendo a 46% do total de ocorrências. Nesta posição, o fator linguístico selecionado foi o contexto vocálico. No que diz respeito ao fator extralinguístico o programa selecionou a faixa etária e sexo do informante. Segundo Santos (2012), o programa GoldVarb 2001 considerou como fator de maior importância para realização alveolar o fator extralinguístico faixa etária, são os falantes da faixa etária I, com peso relativo de

0,75, tendem a favorecer a realização dessa variável. Quanto ao sexo do informante, são as mulheres, com peso relativo de 0,66, que favorecem a realização alveolar em final absoluto.

As realizações aspiradas ficaram distribuídas da seguinte forma: de <s>: interior de vocábulo, com 131 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 330 ocorrências e final absoluto, com 26 ocorrências;

- As realizações aspiradas em interior de vocábulo somaram 181, correspondendo a 17% do total de ocorrências. Os fatores linguísticos selecionados como importantes para essa realização foram: a *sonoridade da consoante seguinte*, o *tipo de consoante* e a *vogal e a semivogal antecedente*. Quanto às variáveis extralinguísticas, foi selecionada a *faixa etária do informante*. No que diz respeito a vogal e a semivogal antecedente, Santos (2012) observou que a semivogal /y/ (0,99) e as vogais /u/ (0,78), /ɔ/ (0,72), /a/ (0,60), /e/ (0,57), /o/ (0,56) contribuem para a realização aspirada. No fator contexto consonantal subsequente, são as consoantes africadas (0,85) e nasal labial (0,76) que contribuem para a realização aspirada nesta posição. Quanto à sonoridade, são as consoantes sonoras (0,91) que favorecem esta realização. No que diz respeito à faixa etária do informante, são os falantes da faixa etária I (0,73) que favorecem a realização aspirada em interior de vocábulo.
- Em final de vocábulo seguido de consoante, somaram 330, correspondendo a 32% do total de ocorrências. Os fatores linguísticos selecionados como importantes para essa realização foram o *tipo de consoante seguinte*, a *sonoridade da consoante seguinte* e o *contexto vocálico e semi-vocálico antecedente*. No contexto extralinguístico foram selecionados a *faixa etária* e *sexo do informante*. As consoantes consideradas como favorecedoras dessa realização foram as africadas (0,81), a nasal alveolar (0,71), a lateral (0,69), a nasal labial (0,54) e as oclusivas alveolares (0,53). No que diz respeito à sonoridade, são as consoantes sonoras (0,69) que favorecem a realização aspirada nesse contexto. Quanto à vogal e à semivogal, é a semivogal /y/ (0,61) e as vogais /ɔ/ (0,66) e /a/ (0,54) que favorecem essa realização. No que diz respeito ao fator extralinguístico, são os falantes da faixa III (0,72) e da faixa etária II (0,54), e os homens (0,70) que favorecem essa realização.
- As realizações aspiradas em final absoluto somaram 26, correspondendo a 8% do total de ocorrências. O único fator linguístico selecionado foi o fator contexto vocálico e semivocálico antecedente e é vogal /ɔ/ (0,76) e semivogal /y/ (0,69) que influencia a realização aspirada nesta posição. Quanto ao contexto extralinguístico foi selecionada

faixa etária e o sexo do informante; são os falantes da faixa etária III (0,82) e da faixa etária II (0,63) e os homens (0,67) que favorecem a realização aspirada nesta posição.

Os dados de Santos (2012) mostram que o apagamento foi a terceira variante mais usada pelos falantes. Essa realização ficou distribuída da seguinte forma: interior de vocábulo, com 36 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 254 ocorrências e final absoluto, com 142 ocorrências.

- O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante somou 254, correspondendo a 24% do total de ocorrências. Nessa posição, o Programa selecionou como fatores linguísticos relevantes para o apagamento, *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável, classe do vocábulo em que se encontra a variável, contexto vocálico antecedente e sonoridade da consoante seguinte*. Como fator extralinguístico relevante ao apagamento, o programa selecionou a *faixa etária* dos informantes. Segundo Santos (2012), a faixa etária do informante foi considerada a mais relevante para o apagamento de <s>; são os falantes da faixa etária mais velha (0,76) que mais favorecem essa realização, enquanto os falantes das faixas etárias mais novas desfavorecem fortemente essa realização. No que diz respeito aos fatores linguísticos, os resultados de Santos (2012) mostram que, nessa posição, as sílabas átonas aparecem como favorecedoras do apagamento (0,93), ao passo que as sílabas tônicas (0,45) se mostram desfavorecedoras. No que concerne à classe morfológica do vocábulo são os pronomes (0,91), verbos (0,73) e os nominais (0,68) que favorecem o apagamento. No que se trata do contexto vocálico antecedente é a semivogal /y/ (0,69) e a vogal /u/ (0,58) que favorece essa realização. Quanto à sonoridade da consoante da consoante seguinte, Santos (2012) mostra que são as consoantes desvozeadas (0,58) que favorecem essa realização, quanto às vozeadas aparecem como desfavorecedoras.
- O apagamento em final absoluto de vocábulo somou 142, correspondendo a 45% do total de ocorrências. Segundo Santos (2012), o Programa selecionou como fatores linguísticos importantes para o apagamento nessa posição: *contexto vocálico antecedente à variável, extensão do vocábulo, classe morfológica do vocábulo e a tonicidade da sílaba em que se encontra a variável*. O fator extralinguístico considerado como importante para o apagamento foi a *faixa etária* do informante. Vale ressaltar que aqui também foi à faixa etária do informante que foi considerada o fator de maior importância para o apagamento; são os falantes da faixa etária III (0,78) e da faixa etária II (0,78) que favorecem essa realização, enquanto os falantes da faixa etária I desfavorecem fortemente. No contexto linguístico, segundo Santos (2012), é a

vogal /u/ (0,74) e as semivogais /y/ (0,66) e /w/ (0,64) que favorecem o apagamento em final absoluto. No que diz respeito à extensão do vocábulo, são as palavras dissílabas (0,77) que favorecem essa realização, enquanto as polissílabas (0,44) e monossílabas (0,36) desfavorecem. No que concerne à variável classe morfológica do vocábulo, são os conectivos (0,82) pronomes (0,62), nominais (0,58) e verbos (0,57) que favorecem o apagamento nessa posição. Quanto à tonicidade da sílaba, são os vocábulos átonos (0,88) que favorecem o apagamento, enquanto os tônicos (0,41) desfavorecem.

As realizações palatais ficaram distribuídas em duas posições: interior de vocábulo, com 332 ocorrências e final de vocábulo seguido de consoante, com 23 ocorrências. Como é possível perceber, as realizações palatais de <s> concentram-se mais em interior de vocábulo. Por conta das poucas ocorrências em final de vocábulo seguido de consoante, Santos (2012) analisou estatisticamente as ocorrências de palatalização apenas em interior de vocábulo.

- Em interior de vocábulo as realizações palatais somaram 322, correspondendo a 31% do total de ocorrências. No que diz respeito ao encaixamento linguístico, o programa selecionou as seguintes variáveis: *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável, contexto consonantal subsequente, sonoridade da consoante seguinte, contexto vocálico antecedente*. Quanto ao contexto extralinguístico, o programa selecionou a *faixa etária* e o *sexo dos informantes* como fatores importantes para a realização palatal. No que diz respeito à classe morfológica do vocábulo, o programa considerou os determinantes (0,95), os nominais (0,68) e os verbos (0,68) como as classes que favorecem essa realização. No que tange à consoante subsequente, o programa selecionou apenas duas consoantes: as africadas (0,63) que apareceu como favorecedora e as oclusivas alveolares (0,47) que foram desfavorecedoras a essa realização. No que concerne à sonoridade, são as consoantes desvozeadas (0,70) que aparecem como favorecedoras. Quanto à vogal antecedente, o programa selecionou como favorecedora a essa realização a vogal /ε/ (0,73) e /i/ (0,59). No contexto extralinguístico o programa mostrou que são os falantes da faixa etária III (0,79) e da faixa II (0,83) e os homens (0,64) que mais favorecem a realização palatal em interior de vocábulo.

Após as análises, Santos (2012) concluiu que:

- a variante que predomina em Helvécia é a alveolar, respondendo por quase 45% das ocorrências de <s>, seguida pela variante aspirada (22,37%), pela variante zero (18%) e pela variante palatal (14,79%). Santos (2012) também nota que as variantes [h] e Ø

atingem um percentual que é muito próximo ao atingido pela variante majoritária: 40,47%.

- Quanto aos fatores linguísticos que influenciam a escolha de cada variante pela comunidade de fala, foi possível perceber que, para o <s> alveolar, em interior de vocábulo e em final seguido de consoante, o contexto consonantal é o grande influenciador. A aspiração de <s> é influenciada pelos ambientes fônicos em que ocorrem consoantes seguintes africadas, nasais, laterais e alveolares e nos quais essas consoantes são sonoras. A variante zero é favorecida principalmente por ambientes em que a sílaba em que <s> esta é átona e, quando é seguida por uma consoante surda. A variante palatal, restrita, na análise variável, ao interior de vocábulo, se apoia na consoante africada seguinte à variável.
- No que concerne ao encaixamento social do quadro de variação de <s> em coda silábica, Helvécia, se aproxima dos modelos das normas cultas, já que os mais jovens são os que mais empregam a variante alveolar e rejeitam fortemente as variantes não-padrão.
- No que tange ao apagamento de <s>, Santos (2012) diz que é possível associar o quadro visto em Helvécia ao esquema analítico da transmissão linguística irregular, na medida em que, no campo da aquisição de <s>, essa aquisição pode ter sido comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos que estavam em concorrência, típicos das situações de contato entre línguas, e pela falta de orientação normativa que geralmente acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua em situações consideradas normais ou em contextos escolares.

No que diz respeito aos estudos do /S/ associado à transmissão linguística irregular, o trabalho de Santos (2012) é um trabalho pioneiro.

4.1.2. Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba

A monografia intitulada “Uma análise Sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre” é de um estudo sociolinguístico que teve como objetivo fazer uma análise da fricativa pós-vocálica numa comunidade também quilombola, a partir da coleta de dados empreendida pela equipe do Grupo de Pesquisa Estudos do Português Popular da Bahia para o projeto A coda silábica no

português-afro brasileiro, coordenado pelo professor Gredson dos Santos entre 2013 e 2017. Para constituição do *corpus*, Almeida (2016) selecionou as 200 primeiras ocorrências de <S> em 12 entrevistas, totalizando 1.200 ocorrências. As entrevistas foram extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres sem escolarização, naturais de Alto Alegre, distribuídos em três faixas etárias: faixa I de 20 a 39 anos; faixa II de 40 a 60 anos e a faixa etária III acima de 60 anos. Os dados foram estudados com auxílio do programa computacional GoldVarb X. Para que os dados fossem submetidos ao programa, foram separados em três posições: em interior de vocábulo, final de vocábulo seguido de consoante e final absoluto de vocábulo.

Após os dados terem sido submetidos ao programa GoldVarb X, o *corpus* ficou distribuído da seguinte forma: a realização alveolar somou 29,3% das ocorrências; a realização palatal somou 28,4%; a aspiração ficou com 24,5% e o apagamento ficou com 17,5%.

A realização alveolar em interior de vocábulo ficou distribuída da seguinte forma: interior de vocábulo 29,5%; final de vocábulo seguido de consoante 37,7%; final absoluto de vocábulo 42,7%.

- Em interior de vocábulo foram selecionados como fatores linguísticos favorecedores a esta realização: 1) a extensão do vocábulo – são os vocábulos polissilábicos, com peso relativo de 0,76; 2) a tonicidade da sílaba – são as sílabas tônicas com peso relativo 0,83 que mais favorecem esta realização; 3) a vogal subsequente – é a vogal anterior média-baixa (0,83), anterior alta (0,72) posterior alta (0,71) e central baixa (0,59) que favorecem esta realização, enquanto anterior média-alta e a posterior desfavorecem; 4) a característica da consoante posterior – são as oclusivas velares (P.R 0,99), as fricativas labiodentais (P.R 0,94) e a nasal labial (P.R 0,78) que favorecem a realização alveolar, enquanto a oclusivas alveolares desfavorecem essa realização; 5) classe morfológica do vocábulo – são os nominais e verbos (P.R 0,67 e 0,64 respectivamente). Com relação ao fator extralinguístico, foi selecionada a faixa etária do informante, são falantes da faixa etária I e II, com peso relativo 0,53 e 0,64 respectivamente.
- Em final de vocábulo seguido de consoante foi selecionado como fatores favorecedores: 1) a extensão do vocábulo – são vocábulos monossilábicos (P.R 0,55) que mais favorecem esta realização, enquanto os polissílabos e dissílabos desfavorecem; 2) sonoridade da consoante posterior – são as consoantes não-sonoras (P.R 0,60) que mais favorecem. Como fator extralinguístico, foi selecionado faixa

etária do informante, são os falantes da faixa etária I e II (P.R 0,69 e 0,58 respectivamente).

- Em final absoluto de vocábulo foi selecionado como fatores favorecedores: 1) a extensão do vocábulo – são os monossílabos (P.R 0,59) que favorecem, enquanto os dissílabos e polissílabos desfavorecem esta realização; 2) a característica da vogal antecedente – é vogal central baixa (P.R 0,85), a semivogal posterior alta (P.R 0,76) e a semivogal anterior alta (P.R 0,54). Em relação ao fator extralinguístico, foi selecionada a faixa etária do informante – são as pessoas da faixa etária I e II (P.R 0,85 e 0,74 respectivamente), já as pessoas da faixa etária III desfavorecem fortemente esta realização (P.R 0,08). No que diz respeito ao sexo do informante, observa-se que são as mulheres (P.R 0,64) que mais favorecem esta realização.

A realização palatal ficou com 28% do total de ocorrências, com relação à distribuição por posição, em interior de vocábulo as ocorrências corresponderam a 48,1% total de ocorrências na posição; em final de vocábulo seguindo de consoante as ocorrências somaram, apenas 6,2% e em final absoluto de vocábulo não foi registrada a patalização de <S>.

- Em interior de vocábulo foram selecionados como fatores favorecedores à realização palatal: 1) a tonicidade da sílaba – são as sílabas átonas (P.R 0,69) que mais favorecem; 2) a consoante subsequente – são as oclusivas alveolares (P.R 0,86) que favorecem esta realização, enquanto as africadas e oclusivas velares desfavorecem; 3) a classe morfológica do vocábulo – são os verbos e os nominais (P.R 0,69 e 0,58 respectivamente) que favorecem esta realização. Como fator extralinguístico favorecedor, foi selecionado a faixa etária do informante. São os falantes da faixa etária I (P.R 0,73) que mais favorecem, já os falantes da faixa etária II e III desfavorecem esta realização.
- Em final de vocábulo seguido de consoante foram selecionados: 1) a característica da consoante subsequente – são as oclusivas alveolares (P.R 0,81) que mais favorecem esta realização, as demais se mostraram desfavorecedoras; 2) classe morfológica, nesta posição foram os pronomes (P.R 0,88), os verbos (P.R 0,87) e conectivos (P.R 0,81) se mostraram favorecedores a esta realização. Com relação ao fator extralinguístico, foi selecionado a faixa etária do informante, são falantes da faixa etária I e II com peso relativo de 0,71 e 0,69 respectivamente .

A realização aspirada somou 24,5% do total de ocorrências. Com relação a distribuição por posição, em interior de vocábulo a aspiração representou 21,5% do total de ocorrências e em final de vocábulo seguido de consoante 32,1%.

- Os fatores selecionados como favorecedores da aspiração em interior de vocábulo foram: extensão do vocábulo, foram as palavras dissilábicas que mais se mostrou favorecedora; característica da vogal antecedente; a característica da consoante subsequente, são as consoantes nasal labial (0,96), nasal alveolar (0,84) e oclusivas velares (0,53) que se mostraram favorecedoras, a classe morfológica do vocábulo. Com relação ao fator extralinguístico, foi selecionado a faixa etária do informante – são os falantes da faixa etária III que mais favorecem a aspiração
- Em final de vocábulo seguido de consoante, foi selecionado o fator extensão do vocábulo, a sonoridade da consoante seguinte, a classe morfológica e a faixa etária do informante como os favorecedores a esta realização.

O apagamento correspondeu a 17,5% do total de ocorrências. Com relação à posição em interior de vocábulo somou apenas 1,3%, em final de vocábulo seguido de consoante ficou 23,8% e em final absoluto com 55,2%.

- Em Final de vocábulo seguido de consoante foram selecionados os fatores extensão do vocábulo – os monossílabos são os que mais favorecem o apagamento (0,59); tonicidade da sílaba – as sílabas átonas, com peso relativo 0,78, que contribuem para o apagamento; classe morfológica do vocábulo e faixa etária do informante – são as pessoas da faixa etária III (0,74) que mais favorecem o apagamento.
- Para o apagamento em final absoluto de vocábulo foram selecionados os fatores extensão do vocábulo – são as palavras polissilábicas (0,76) e dissilábicas (0,65) que estão favorecendo; a vogal anterior alta (0,91) e posterior alta (0,66) que têm contribuído para o apagamento. Com relação aos fatores extralinguísticos, são falantes da faixa etária III (0,91) que mais favorecem o apagamento, enquanto as pessoas da faixa etária mais nova desfavorecem fortemente. Quanto ao sexo, homens (0,62) que dão preferência a essa realização.

4.1.3 “A realização do /s/ implosivo no português popular de Salvador”

Nesse, estudo Lucchesi (2009) faz uma análise do /S/ em coda silábica na fala de moradores de Salvador com escolarização primária e secundária, ou seja, falantes que tenham cursando de uma a quatro anos de estudo e falantes que cursaram o ensino médio, o que o autor denominou de português semiculto. Os dados dessa pesquisa foram constituídos de

10.800 ocorrências, sendo que, em cada entrevista, foram recolhidas, aproximadamente, 300 ocorrências da variável em foco. Esses dados foram levantados a partir de 36 entrevistas semi-informais, realizadas entre 1998 e 2000, com falantes estratificados em três faixas etárias: 25 e 35 anos (faixa 1); 45 e 55 anos (faixa 2); mais de 65 anos (faixa 3), nascidos e residentes em Salvador, dos sexos masculino e feminino.

Os resultados mostram que a realização alveolar atingiu um percentual de 36%; a realização palatal atingiu um percentual 34%; a realização laríngea atinge um percentual de 14% e o zero fonético atinge um percentual 15%. Os resultados mostram um equilíbrio entre o uso das variantes alveolares e palatais, o que confirma a caracterização diatópica da fala de Salvador proposta por Callou e Moraes (1996) e parece indicar um uso ainda restrito da variante laríngea e do apagamento na norma popular urbana de Salvador.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados como relevantes para realização alveolar foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; realização do <s> na sílaba imediatamente anterior; realização do <s> na sílaba imediatamente posterior.

Para a realização palatal os fatores considerados como relevantes foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; realização do <s> na sílaba imediatamente anterior; realização do <s> na sílaba imediatamente posterior.

Os fatores linguísticos que foram considerados para a realização laríngea foram: posição do segmento no vocábulo; tonicidade da sílaba em que figura o segmento; características da vogal precedente; características da consoante que inicia a sílaba seguinte tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra.

Os fatores que são importantes para o apagamento são: o valor morfológico de <s> e a posição em que <s> se encontra. Os resultados mostram que o apagamento é irrelevante na posição medial. Para Lucchesi (2009), “os resultados desta análise atestam claramente que o apagamento do <s> não é um fenômeno de natureza fonológica, mas um fenômeno da morfossintaxe”.

Os resultados referentes ao encaixamento social mostram que variável faixa etária tanto para a variante alveolar quanto para a variante palatal apontaram a mesma tendência a uma recuperação da realização alveolar. Os mais velhos apresentaram os maiores índices de palatalização, enquanto a frequência da realização alveolar aumenta à medida que se passa

para as faixas dos falantes mais jovens. No que diz respeito à variável sexo, os resultados mostram que as mulheres lideram o processo de restauração da pronúncia alveolar, enquanto a realização palatal predominante na fala dos homens.

4.1.4 O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Mota, Jesus e Evangelista (2010) analisaram a variação da fricativa alveolar e da fricativa palatal em coda silábica em 25 capitais brasileiras. O *corpus* foi constituído a partir das respostas do questionário fonético-fonológico e do questionário semântico-lexical do projeto ALiB. Foram analisadas 14.748 ocorrências, sendo 8.592 em posição medial de palavra e 6.156, em posição final diante de pausa. As ocorrências foram levantadas na fala de 199 informantes.

Segundo as autoras, do ponto de vista diatópico, a realização alveolar e a palatal divide o Brasil em duas grandes áreas dialetais, o português do Rio de Janeiro e quase todo resto do País e o português de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Além da realização dessas duas variantes, o <S> ainda pode ser realizado como uma consoante aspirada ou até mesmo ser apagado, no entanto essas realizações não foram analisadas nesse trabalho.

Os resultados mostram que as capitais como São Luis, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Teresina, Campo Grande, Vitória, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Curitiba, Porto Alegre tendem são áreas mais alveolarizantes. Capitais como Rio de Janeiro Belém, Florianópolis, Macapá, Recife, Manaus, Cuiabá, Salvador pertencem a áreas mais palatalizantes e as capitais Natal apresentam uma distribuição equilibrada. As autoras ainda observam que a palatalização é favorecida, em posição medial, quando a consoante subsequente é uma oclusiva alveolar (0,87) ou por uma consoante africada palatal (0,99).

Com relação à faixa etária, as autoras destacam que a palatalização, nas capitais Belém, Macapá e Recife, é favorecida pelos informantes da faixa etária I em posição medial e em final de palavra. Em Florianópolis, Manaus e Cuiabá, a palatalização é favorecida pela faixa etária I e II. O Rio de Janeiro caracteriza-se pela presença quase categórica da variante palatal em ambas as faixas. No que diz respeito ao fator escolaridade, observa-se que nas capitais Macapá, Salvador, Rio Branco, os falantes com nível fundamental são os que mais usam a variante palatal. Já o Rio de Janeiro, Belém, Boa Vista, Porto Velho, Fortaleza e São Luís não apresentam diferenças entre os níveis de escolaridade. Em capitais como Recife,

Manaus, Maceió, Teresina e João Pessoa, a variante palatal goza de maior prestígio. Observa-se, ainda, que em Porto Velho, Maceió, João Pessoa, Salvador e Cuiabá a variante palatal é mais usada pelos homens, enquanto que no Macapá, Manaus, Belém, Rio Branco e Florianópolis, são as mulheres que mais usam essa variante. Em São Luís, Fortaleza, Natal, Aracaju, Rio de Janeiro, não houve diferenças significativa na fala de homens e mulheres.

4.1.5 “Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica”

Em seu estudo, Hora e Pedrosa (2009) objetivaram estabelecer um quadro variável das fricativas coronárias no português do Brasil e a partir disso propor um quadro comparativo, levando em consideração o fator histórico e dialetal. Para isso, os autores revisaram o trabalho de Callou, Leite, Moraes (2002) que foi realizado nas cidades de Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA, o trabalho Brescancini (2002), que foi realizado em Florianópolis-SC, e o trabalho de Hora (2003) e o de Ribeiro (2006), que foram realizados em João Pessoa-PB. Com base nos resultados dessas pesquisas, estabeleceu-se o perfil da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro.

Depois de estabelecer as comparações, Hora e Pedrosa (2009) chegam as seguintes conclusões: o dialeto culto de Porto Alegre é semelhante ao de São Paulo, pois prevalece a realização alveolar; os resultados relativos ao Rio de Janeiro e a Recife mostram que há uma preferência pela realização palato-alveolar; os resultados de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palatal e alveolar, se comparadas as posições medial e final; e os dados de Florianópolis refletem a preferência pela variante palato-alveolar. Os dados de João Pessoa denotam preponderância da variante alveolar, com preferência pela palato-alveolar apenas diante de oclusivas dentais. Os resultados apresentados pelo estudo levam-nos a constatar que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro é bastante variável.

4.1.6 “Comportamento fonético-fonológico do /s/ pós-vocálico em Manaus”

Marins e Margotti (2012) investigaram o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico, tanto em posição medial, quanto em posição final, na cidade de Manaus, utilizando os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil- ALIB. O *corpus* estudado, composto de gravações de 8 informantes nascidos e criados na cidade de Manaus, é uma

amostra da coleta realizada pelo Projeto ALIB. Os informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres, foram distribuídos em duas faixas etárias (18 a 30 anos e de 45 a 60 anos). Para essa análise também foram controlados os níveis de escolaridade; os autores optaram por informantes do ensino fundamental (completo ou incompleto) e ensino superior (completo ou incompleto). Vale ressaltar, também, que os autores consideraram para análise a repetição de palavras.

No desenvolvimento da pesquisa, os autores constataram que há três variantes do /S/ pós-vocálica na fala dos informantes: a fricativa alveolar surda e sonora, a fricativa pós-alveolar e a fricativa glotal/aspirada. Em posição interna de vocábulo, foram analisados 355 dados, sendo 178 ocorrências da fricativa alveolar surda e sonora; 167 ocorrências da fricativa pós-alveolar e apenas 10 ocorrências da fricativa glotal/aspirada surda e sonora. Em posição final de palavra, foram encontrados 286 dados do /S/ pós-vocálico, sendo 192 ocorrências da variante alveolar surda e sonora; 94 ocorrências da variante pós-alveolar surda e sonora e nenhuma ocorrência da variante glotal/aspirada.

Os autores observam que, em posição medial, a fricativa alveolar e a pós-alveolar apresentam uma distribuição homogênea (50,1% e 47%). Em posição final, a fricativa alveolar mostrou-se predominante (67,1%). No que se refere ao encaixamento extralinguístico, em interior de vocábulo, referentes ao sexo, mostram que os homens utilizam com mais frequência à fricativa alveolar, com 68% das ocorrências, enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-vocálica, com 69% das ocorrências. Em relação à fricativa glotal há uma distribuição homogênea tanto na fala dos homens (3,1%) quanto na fala das mulheres (2,4%). Em posição final de vocábulo, os homens utilizam quase categoricamente a variante fricativa alveolar, com 92,3% das ocorrências, enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-alveolar com mais frequência, com 63% das ocorrências. No fator faixa etária, foi observado que em posição final de palavra os mais jovens tendem a usar com mais frequência à fricativa pós-alveolar (38,2%) em relação aos mais velhos (27%).

4.1.7 “Arrente tarra mermo: a aspiração de fricativa na fala de Salvador”

Em *Arrente tarra mermo: a aspiração de fricativa na fala de Salvador*, Pelicioli (2008), fez uma análise da aspiração das consoantes fricativas /s/, /z/, /ʒ/ e /v/ na fala de moradores da cidade de Salvador-Ba. O fenômeno da aspiração foi observado pelo autor nos seguintes contextos: a) quando /s/ estivesse em posição de coda; b) quando as variantes /v/, /z/

e /ʒ/ estivessem em posição de ataque. Para a proposta deste trabalho, observamos apenas realizações em posição de coda. Para essa pesquisa, 4.722 dados sendo 4.551 em coda silábica e 171 em posição de ataque. O *corpus* dessa pesquisa foi composto por oito inquiridos, experimentais, do projeto ALIB, de informantes nascidos na cidade de Salvador, distribuídos igualmente entre faixa etária (faixa I – 20 a 30 anos; faixa II – 46 a 61; faixa III), sexo (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

Quanto ao /S/ em coda silábica, o autor conclui que quando /S/ está diante de contexto fonológico sonoro há uma tendência de que essa consoante seja aspirada. Além desse fator, o autor observa que as classes gramaticais dos advérbios e dos determinantes são relevantes para a aspiração. No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, a aspiração ocorreu mais entre os homens (54%) mais jovens (56%) do nível fundamental (56%).

Em posição de ataque, o autor observa que as formas que mais favorecem a aspiração são para /ʒ/ o pronome *a gente*; para /v/, o sufixo do imperfeito –ava; para o /z/, não há um contexto que ocorra em maior quantidade. Pode-se dizer que as sílabas átonas de vocábulos dissílabos paroxítonos são responsáveis pela aspiração. No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, o autor observa que em posição de ataque há uma inversão em comparação com os resultados obtidos com /S/ em coda, pois os informantes da faixa etária 2 (77%), do nível universitário (59%) e do sexo masculino (55%), são os que mais fazem essa realização.

5 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA EM DUAS COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS NO INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise de <S> referentes às comunidades afro-brasileiras de Sapé-Ba e Cinzento-Ba, por meio da utilização do GOLDVARB X.

No decorrer dessa análise, é possível observar que, nas duas comunidades, há, para variável dependente <S>, quatro variantes: alveolar ([s, z]); palatal ([ʃ, ʒ]); aspirada ([h, fi]); apagamento (∅). Em Sapé, sobretudo, há uso da variante palatal diante da consoante oclusiva alveolar e a alveolar nos demais contextos. A estas duas variantes nos referiremos como o que é considerado padrão na língua, uma vez que estas gozam de um prestígio social. De acordo com Rodrigues (2012). O padrão da língua é o um caso de padrão ideal⁷. Trata-se de uma variante que é aceita, socialmente, em determinadas situações, enquanto outras não. Para a realização da variante aspirada e do apagamento, tratamos como variantes não-padrão, uma vez que não gozam de prestígio social.

Na primeira seção, serão apresentados os resultados obtidos na comunidade de Sapé-Ba e em seguida serão apresentados os resultados da comunidade de Cinzento-Ba. Por fim, será feita análise dos resultados encontrados nas duas comunidades.

5.1 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA DE SAPÉ-BA

Nesta seção serão apresentados os resultados referentes à comunidade de Sapé. A seção foi dividida da seguinte forma: I) distribuição das variantes no *corpus*; II) os dados referentes à realização alveolar em interior de vocábulo, em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto; III) a realização palatal em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante; IV) a realização aspirada em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante; e, por fim, V) o apagamento em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo.

As variantes ficaram distribuídas da seguinte forma:

⁷ Para Rodrigues (2012, p. 13), “os padrões ideais definem o que se espera que as pessoas ou digam em determinada situações.”

TABELA 01

Distribuição das variantes de <S> em Sapé

Variantes	Nº/Total	%
Ø	340	28,3
s/z	319	26,5
h/fi	297	24,7
ʃ/ʒ	244	20,3
Total	1200	100

Fonte: autoria própria

A *Tabela 01* mostra os índices totais de ocorrências da variável dependente. O apagamento correspondeu a 28,3% das ocorrências, sendo a variante mais utilizada pelos falantes da comunidade. Essa taxa de apagamento é maior do que a documentada por Santos (2012) para Helvécia-Ba, que teve 18% de apagamento, e Almeida (2016) para Alto Alegre-Ba, que registrou 17,5%. Observa-se que a taxa de apagamento é bastante expressiva na comunidade, sobretudo se comparada a outros trabalhos como o de Lucchesi (2004) em que o apagamento, sem valor morfológico, atingiu apenas 4% e de Monteiro (2009) em que o apagamento apenas 3,8%.

A segunda variante mais usada pelos falantes foi a variante alveolar, que ficou com 26,5% das ocorrências. A aspirada ficou com 24,7% e a palatal ficou com 22,3%. A realização palatal, como veremos a seguir, se concentrou em interior de vocábulo.

A seguir será apresentada a distribuição das variantes por posição.

TABELA 02
Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

POSIÇÃO	VARIANTES							
	[s / z]		[ʃ / ʒ]		[h / ħ]		Ø	
	N/T	%	N/T	%	N/T	%	N/T	%
Final absoluto de vocábulo	103/244	42,2	0/244	0,0	6	2,5	135/244	55,3
Final de vocábulo seguido de consoante	95/398	23,9	29/398	7,3	91/398	22,9	183/398	46,0
Interior de vocábulo	121/558	21,7	215/558	38,5	200/558	35,8	22/558	3,9
Total	319/1200	26,6	244/1200	20,3	297/1200	24,7	340/1200	28,3

Fonte: autoria própria

A *Tabela 02* nos permite ver o efeito da posição sobre as quatro variantes. A variante alveolar tem a distribuição regular com uma frequência geral de 26,6% dessa variante. Já a variante palatal não ocorre em final absoluto e é rara em final de vocábulo seguido de consoante, concentrando suas ocorrências em posição medial, onde atinge a frequência de 38,5%, contra uma frequência geral de 20,3% dessa variante. A variante aspirada também se concentra na posição medial, com uma frequência de 35,8% nessa posição; em final de vocábulo, sua frequência cai um pouco, passando de 24,7% de da frequência geral para 22,9%. Já o apagamento é favorecido, tanto em final absoluto, com 55,3% de frequência, quanto em final de vocábulo seguido de consoante, com uma frequência de 46%; e quase não ocorre em posição medial, com uma frequência de apenas 3,9% nessa posição. Portanto, pode-se concluir que a posição é um fator muito relevante na distribuição das variantes do <S> pós-vocálico, podendo-se fazer as seguintes generalizações:

- 1) A variante alveolar é muito favorecida em final absoluto, mas mantém uma frequência regular nas outras duas posições;
- 2) A variante palatal se concentra no interior do vocábulo, não ocorrendo em final absoluto e sendo rara na posição final seguida de consoante;

- 3) A aspiração também é favorecida no interior do vocábulo, sendo usada também com uma frequência razoável em final de palavra seguido de consoante, e quase não sendo usada em final absoluto;
- 4) O apagamento se concentra em final de vocábulo, quase não ocorrendo em posição medial;

O quadro abaixo apresenta essas generalizações:

Quadro 03: Frequência das variantes segundo a posição

	Medial	Final seguido de consoante	Final absoluto
Alveolar	frequente	Frequente	muito frequente
Palatal	muito frequente	pouco frequente	sem realização
Aspiração	muito frequente	Frequente	raro
Apagamento	Raro	muito frequente	muito frequente

Fonte: autoria própria

5.1.1 A realização alveolar de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé

Após o levantamento dos dados e os resultados obtidos por meio do GoldvarbX, observamos que na comunidade de Sapé a variante alveolar vai ocorrer em todos os contextos, exceto diante das oclusivas alveolares, como alguns trabalhos têm apontado.

O programa selecionou em interior de vocábulo os seguintes fatores para a realização alveolar de <S>: *consoante subsequente, tonicidade da sílaba, classe morfológica do vocábulo e a vogal antecedente*. Para a realização alveolar em final seguido de consoante o programa selecionou os fatores: *extensão do vocábulo, vogal anterior, consoante subsequente, classe morfológica do vocábulo e a faixa etária do informante*. Em final absoluto foram considerados os fatores: *extensão do vocábulo e sexo do informante*. Embora a rodada selecionada com a melhor pelo Programa (Run # 14)⁸ não tenha selecionado a faixa etária do informante como relevante para essa realização alveolar, decidimos incluir o Run

⁸ Run # 14, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.408
 Group # 2 -- M: 0.579, D: 0.245, P: 0.460
 Group # 7 -- h: 0.587, f: 0.389
 Log likelihood = -153.510 Significance = 0.006

#19⁹, que selecionou a faixa etária do informante, juntamente com os outros fatores que foram selecionados no Run #14, para mostrar que há na comunidade um quadro de mudança em progresso.

5.1.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo

A realização alveolar em interior de vocábulo correspondeu a 21,6% do total de ocorrências. Nesta posição, por ordem de importância, o programa selecionou como fatores favorecedores a realização alveolar, *consoante subsequente*, *tonicidade da sílaba*, *classe morfológica do vocábulo* e a *vogal antecedente*.

TABELA 03

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Sapé

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas bilabiais	36/37	97,3	0,99
Fricativas labiodentais	2/5	40	0,78
Nasal labial	4/183	2,2	0,22
Total	42/225	18,7	

Fonte: autoria própria *Log likelihood = -177.771 Significance = 0.026*

Os resultados mostram que são oclusivas bilabiais e as fricativas labiodentais que favorecem a realização alveolar. Já a nasal labial desfavorece essa realização. Faz-se necessário destacar que nesta rodada, devido aos nocautes, foram eliminadas as oclusivas velares, pois diante desta consoante ocorreu apenas fricativa alveolar, e as oclusivas alveolares, pois só ocorreu fricativa palato-alveolar, sendo assim não apresentou variação.

⁹ Run # 19, 15 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.406
 Group # 2 -- M: 0.581, D: 0.241, P: 0.454
 Group # 6 -- 3: 0.441, 2: 0.475, 1: 0.632
 Group # 7 -- h: 0.583, f: 0.394
 Log likelihood = -150.858 Significance = 0.075

TABELA 04

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Sapé

Tonicidade da sílaba	Apl. / Total	%	P.R
Átona	108/265	40,8	0,71
Tônico	13/295	4,4	0,29
Total	121/558	21,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -177.771 *Significance* = 0.026

Os resultados apontam que são as sílabas átonas, com P.R 0,71, que influenciam na realização alveolar de <S>, enquanto as sílabas tônicas desfavorecem essa realização. Em Santos (2012) também são as sílabas átonas, com peso relativo de 0,56, que favorece esta realização.

TABELA 05

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

	Apl. / Total	%	P.R
Substantivos	56/146	38,4	0,63
Verbos	59/192	30,7	0,48
Adjetivos	10/30	7,7	0,34
Total	125/468	26,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -177.771 *Significance* = 0.026

A *Tabela 05* mostra que são os substantivos, como peso relativo de 0,63, que favorecem a realização alveolar nesta posição. Já os verbos e adjetivos desfavorecem esta realização. O trabalho de Almeida (2016, p. 57), aponta que os nominais tendem a favorecer esta realização.

TABELA 06
A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/e/	9/201	4,5	0,59
/a/	14/38	36,8	0,59
/i/	77/184	41,8	0,55
/u/	7/19	36,8	0,53
/ɛ/	12/54	22,2	0,39
/o/	1/15	6,7	0,18
/ɔ/	5/48	10,4	0,13
Total	125/559	22,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -177.771 *Significance* = 0.026

A tabela acima indica que é a vogal posterior média-alta, a vogal baixa e a posterior e anterior alta que favorecem a realização da fricativa alveolar na comunidade. Já a posterior média-baixa, anterior média-alta e a anterior média-baixa apresentam-se como desfavorecedoras.

5.1.1.2 A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

A realização alveolar somou 23,8% do total de ocorrência nesta posição. O Goldvarb X, por ordem de importância, selecionou a *consoante subsequente*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *vogal anterior* e a *faixa etária do informante* como fatores que contribuem para a realização alveolar de <S>.

TABELA 07

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Sapé

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas bilabiais	15/32	46,9	0,85
Oclusivas velares	41/86	47,7	0,81
Fricativas labiodentais	19/61	31,1	0,62
Nasal alveolar	8/60	13,3	0,44
Nasal bilabial	7/58	12,1	0,26
Oclusivas alveolares	5/93	5,4	0,17
Total	95/390	24,4	

Fonte: autoria própria *Log likelihood* = -159.142 *Significance* = 0.001

A *Tabela 07* mostra que são as consoantes oclusivas bilabiais, as oclusivas velares e as fricativas labiodentais que influenciam na realização alveolar de <S>, enquanto a nasal alveolar, a nasal bilabial e as oclusivas alveolares desfavorecem fortemente. Santos (2012, p. 165) também observou que são as consoantes fricativas labiodentais (P.R 0,70), as consoantes oclusivas velares (P.R 0,69) e as oclusivas bilabiais (P.R 0,68) que favorecem a realização da fricativa alveolar em Helvécia.

TABELA 08

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/i/	16/24	66,7	0,92
/w/	8/18	44,4	0,87
/u/	3/6	50	0,57
/y/	55/303	18,2	0,43
/a/	12/44	27,3	0,40
Total	94/395	23,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -159.142 *Significance* = 0.001

A *Tabela 07* mostra que é a vogal anterior alta, com P.R. de 0,92, a semivogal posterior alta, com P.R. de 0,79 e vogal posterior alta, com P.R. 0,71, que vão influenciar a

realização alveolar de <S>. Observa-se, portanto, que as vogais com traço mais alto são as que favorecem esta realização.

TABELA 09

A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

	Apl. / Total	%	P.R
Determinantes	24/73	32,9	0,79
Advérbios	29/128	22,7	0,52
Conectivos	9/83	10,8	0,43
Verbos	18/47	38,3	0,32
Substantivos	15/66	22,7	0,31
Total	95/397	23,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -159.142 *Significance* = 0.001

Segundo os resultados obtidos pelo programa, são os determinantes (P.R 0,78) e advérbios (P.R 0,57) que mais favorecem essa realização. Já os conectivos, os verbos e os substantivos desfavorecem.

TABELA 10

A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	44/135	32,6	0,67
2	22/124	17,7	0,40
3	29/139	20,9	0,40
Total	95/398	21	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -159.142 *Significance* = 0.001

A *Tabela 10* mostra que os falantes da faixa etária I com peso relativo de 0,67 que mais favorecem a realização a realização alveolar de <S>, enquanto a faixa etária II e a faixa etária III desfavorecem essa realização. O que se observa com este resultado é que os jovens

estão indo em direção ao padrão da língua o que pode indicar um quadro de mudança em progresso, como veremos mais adiante.

5.1.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto

Nesta posição o Programa selecionou, como fatores que favorecem a realização alveolar de <S> em final absoluto, a *extensão do vocábulo* e o *sexo do informante*. Como se pode ver o fator faixa etária não foi considerado relevante pelo programa na rodada indicada como a melhor¹⁰. Entretanto, entendemos que o fator precisa ser considerado, uma vez que mostra que há na comunidade uma curva ascendente de mudança em progresso em favor da realização alveolar. Escolhemos Run #19, pois selecionou a faixa etária do informante juntamente com os outros fatores que foram selecionados no Run # 14.

TABELA 11

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Sapé

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	92/188	48,9	0,57
Duas ou mais sílabas ¹¹	11/56	19,6	0,25
Total	103/244	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -153.759 *Significance* = 0.006

A *Tabela 11* mostra que são as palavras monossílabas (ex.: *Deus, juiz, dois, mês*) que tendem a favorecer a realização alveolar de <S>, enquanto palavras com duas ou mais sílabas (ex.: *rapaz, Jesus, arroz, português, trezentos*) desfavorecem essa realização. Resultado semelhante foi documentado por Almeida (2016), em seu trabalho

¹⁰ A melhor rodada escolhida pelo programa foi a Run #14

Run # 14, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.408

Group # 2 -- M: 0.579, D: 0.245, P: 0.460

Group # 7 -- h: 0.587, f: 0.389

Log likelihood = -153.510 Significance = 0.006

¹¹ Foi realizada uma primeira rodada considerando os monossílabos, dissílabos e polissílabos, mas como só houve apenas três vocábulos com três ou mais sílabas, foi feita uma segunda rodada agrupando ocorrências de polissílabos com os dissílabos.

também são as palavras monossílabas (P.R 0,59) que mais favorecem a realização da fricativa alveolar.

TABELA 12

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *faixa etária* do informante na comunidade de Sapé - Run #19

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	33/60	55	0,63
2	35/80	43,8	0,47
3	35/104	33,7	0,44
Total	103/244	42,2	

Fonte: autoria própria *Log likelihood = -151.105 Significance = 0.075*

A *Tabela 12* mostra que são os falantes da faixa etária I que favorecem a realização alveolar, enquanto os falantes da faixa etária II e III, com peso relativo de 0,47 e 0,44, desfavorecem a realização dessa variante. Nota-se que na comunidade de Sapé que há uma curva ascendente de mudança em progresso em favor da realização alveolar, uma vez que, são os mais jovens que lideram a implementação desse variante que é considerada padrão. Santos (2012) encontrou resultado semelhante a esse, os informantes da faixa etária mais nova, com peso relativo de 0,75, que lideram o uso dessa variante. Almeida (2016) também documentou resultado parecido, em seu trabalho, são os falantes da faixa I (P.R 0,85) e os da faixa etária II (P.R 0,74) que mais favorecem a realização alveolar de <S>.

TABELA 13

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Sapé

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Masculino	69/137	50,4	0,58
Feminino	34/107	31,8	0,39
Total	103/244	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -153.759 Significance = 0.006*

Observa-se na tabela acima que são os homens que mais usam a variante alveolar, com peso relativo 0,58, enquanto as mulheres desfavorecem essa realização. Sendo assim, é

possível dizer que os homens têm liderado o processo de mudança em favor do que é considerado padrão na língua na comunidade.

5.1.2 A realização palatal de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé

A realização palatal se concentrou na posição medial e em final de vocábulo seguido de consoante, sobretudo em posição medial. Em interior de vocábulo houve 215 realizações da fricativa alveolopalatal, essas realizações ocorreram apenas diante das consoantes oclusivas alveolares, como não ocorreu diante de outras consoantes, para fazer a rodada binomial, esse fator foi retirado, uma vez que não houve variação. De acordo com Mota, Jesus e Evangelista (2010), palatalização é favorecida, em posição medial, quando a consoante subsequente é uma oclusiva alveolar ou por uma consoante africadas palatais. Em final de vocábulo seguido de consoante, houve apenas 29 ocorrências dessa variante que ocorreram também diante de consoantes oclusivas alveolares e africadas, portanto, a realização palatal de <S>, na comunidade, se concentrou apenas diante de oclusivas alveolares e africadas, como tem previsto alguns trabalhos.

Em interior de vocábulo foram selecionados como fatores favorecedores a realização palatal de <S>, a *vogal anterior*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária* e o *sexo do informante*. Em final de vocábulo seguido de consoante, foram selecionados os fatores a *extensão do vocábulo*, a *consoante subsequente*, a *sonoridade da consoante subsequente*, a *classe morfológica do vocábulo* e a *faixa etária do informante*.

5.1.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo

Foram selecionados como fatores favorecedores, por ordem de importância, a esta realização, a *vogal anterior*, a *classe morfológica*, a *faixa etária* e o *sexo do informante*.

TABELA 14

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/o/	12/15	80	0,90
/ɛ/	38/54	70,4	0,87
/ɔ/	31/48	64,6	0,79
/u/	11/19	57,9	0,76
/a/	22/38	57,9	0,75
/i/	94/184	51,1	0,70
/e/	10/201	5	0,10
Total	218/559	39	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -264.592 *Significance* = 0.017

A *Tabela 14* mostra que é a vogal posterior média-alta (P.R 0.90), a anterior média-baixa (P.R 0.87), a posterior média-baixa (P.R 0.79), a posterior alta (P.R 0,76), a central baixa (P.R 0.75) e a anterior alta (P.R 0.70) que favorece a realização palatal, enquanto a anterior média-alta desfavorece fortemente essa realização.

TABELA 15

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Pronomes	6/7	85,7	0,98
Verbos	116/192	60,4	0,57
Adjetivos	14/130	10,8	0,45
Advérbios	9/84	48,3	0,44
Substantivos	73/146	50	0,43
Total	218/559	39	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -264.592 *Significance* = 0.017

A *Tabela 15* mostra que são os pronomes, com peso relativo 0,98 e os verbos, com peso relativo 0,59. Entre os pronomes documentados no *corpus* estão *este* (2) *isto* (3) *neste* (1) e entre os verbos estão *estudar*, *gastar*, *gostava*, *prestar*, *vestir*, *investi*, *encostar*.

TABELA 16

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *faixa etária* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	89/204	43,6	0,60
2	69/195	35,4	0,43
3	60/160	37,5	0,44
Total	218/559	39	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -264.592 *Significance* = 0.017

A *Tabela 16* mostra que são os falantes da faixa etária I, assim como na realização alveolar, com peso relativo de 0.67, que favorecem a realização palatal de <S>. Almeida (2016) encontrou resultado semelhante a este. Em seu trabalho, os falantes da faixa etária I, com peso relativo 0,73, que mais favorecem a realização palatal. Os resultados mostrados até aqui indicam que os jovens da comunidade tendem a usar mais as variantes que são consideradas padrão, enquanto os mais velhos dão preferência a variantes não-padrão. Sendo assim, observa-se que há um quadro de mudança em progresso em favor da palatal, ao menos em interior de vocábulo.

TABELA 17

A variante palatal em interior de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Sapé

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Masculino	121/292	41,4	0,59
Feminino	94/266	35,5	0,39
Total	225/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -255.436 *Significance* = 0.001

Assim como na realização alveolar, aqui também são os homens que dão preferência a realização palatal, com peso relativo de 0,59, enquanto as mulheres desfavorecem essa realização. Isso indica que são os homens têm liderado o processo de implementação do padrão da língua na comunidade.

5.1.2.2 A realização palatal de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nesta posição houve apenas 29 ocorrências da fricativa alveolopalatal. Foram selecionados com fatores favorecedores, por ordem de importância, a *consoante subsequente*, a *sonoridade da consoante subsequente*, o *sexo do informante*, a *faixa etária*, a *extensão do vocábulo* e a *classe morfológica do vocábulo*.

TABELA 18

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Sapé

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Africadas	1/5	20	0,97
Oclusivas alveolares	23/93	24,7	0,85
Fricativas labiodentais	3/61	4,9	0,19
Oclusivas labiais	1/32	3,1	0,04
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -45.718 Significance = 0.004*

A *Tabela 18* mostra que são as consoantes africadas e as oclusivas alveolares que mais favorecem essa realização, ou seja, as consoantes com traços [+coronal] tendem a favorecer a realização palatal.

TABELA 19

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Sapé

Sonoridade da consoante	Apl. / Total	%	P.R
Não-sonora	22/177	12,4	0,83
Sonora	2/221	3,2	0,21
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Loglikelihood = -45.718 Significance = 0.004*

Os resultados da tabela mostram que são as consoantes com traços [-sonoros] que mais favorecem a palatalização de <S>, isto é, é a fricativa desvozeada e a oclusiva alveolar desvozeada que mais favorecem a realização palatal.

TABELA 20

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Sapé

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	25/334	8,3	0,65
Dissílabo	1/61	1,6	0,03
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -45.718 *Significance* = 0.004

O resultado mostra que são os monossílabos, com peso relativo de 0.65, que mais favorecem essa realização. Sendo assim, quanto menor o vocábulo, mais ele favorece a realização palatal nesta posição.

TABELA 21

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Substantivos	4/42	9,5	0,88
Advérbios	11/128	8,6	0,69
Determinantes	8/72	11,1	0,62
Conectivos	4/83	4,8	0,24
Verbos	2/72	2,8	0,13
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -45.718 *Significance* = 0.004

Como mostra a tabela acima são os substantivos (P.R 0,88), os advérbios (P.R 0,69) e os determinantes (P.R 0,62) que favorecem a palatalização de <S>, enquanto os conectivos e os verbos não favorecem esse tipo de realização. Os advérbios e os determinantes também foram selecionados como favorecedores a realização alveolar no contexto final de vocábulo seguido de consoante. Isso pode ser explicado pelo fato de a variante palatal ser realizada

apenas diante oclusivas alveolares e africadas e a variante alveolar nos demais contextos. Isso significa dizer que temos realizações como “*mai[[j] tarde*” e “*mai[s] caro*” ou “*doi[[j] terreno*” e “*doi[s] guarda*” ocorrendo ao mesmo tempo a depender do contexto seguinte.

TABELA 22

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Sapé

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Masculino	21/176	11,9	0,73
Feminino	8/222	3,6	0,31
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -45.718 Significance = 0.004*

Observa-se que assim como em interior de vocábulo, aqui também são os homens que mais favorecem a realização palatal de <S>. Isso indica que os homens da comunidade dão preferência ao uso da forma padrão da língua, enquanto as mulheres dão preferência a outras variantes.

TABELA 23

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	16/135	11,9	0,80
2	6/124	4,8	0,30
3	7/139	5	0,34
Total	29/398	7,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -45.718 Significance = 0.004*

Assim como interior de vocábulo, aqui também os falantes mais jovens, com peso relativo 0,80, que optam pela realização palatal. Esse resultado indica que os falantes da faixa etária I, sobretudo os homens, estão indo em direção à norma padrão da língua. Observa-se que, tanto na realização alveolar quanto na palatal, são as pessoas da faixa etária mais jovem que utilizam essas variantes. Isso se deve ao fato de que a variante palatal é usada apenas diante de oclusiva alveolar e africadas, enquanto a fricativa alveolar é usada nos demais

contextos. Sendo assim, os jovens que estão indo em direção a norma padrão utilizam as duas variantes.

5.1.3 A realização aspirada de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé

Em Sapé a realização aspirada correspondeu a 24,7% das ocorrências. Esse resultado é bastante semelhante ao encontrado por Almeida (2016) e Santos (2012). Almeida (2016) encontrou uma taxa de 24,5% na comunidade de Alto Alegre-Ba e Santos (2012) encontrou uma taxa de 22,4% de aspiração em Helvécia. As ocorrências desta variante se concentraram em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante.

O Programa selecionou com fatores que influenciam a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo, a *tonicidade da sílaba*, a *vogal antecedente*, a *consoante precedente*, a *sonoridade da consoante precedente*, a *classe morfológica* e a *extensão do vocábulo* e a *faixa etária do informante*. Para o final de vocábulo seguido de consoante, o GOLDVARB X selecionou como fatores que influenciam essa realização, a *extensão do vocábulo*, a *vogal anterior*, a *consoante subsequente*, a *sonoridade da consoante subsequente* e a *classe morfológica do vocábulo*.

5.1.3.1 A aspiração de <S> em interior de vocábulo

O programa selecionou, por ordem de importância, os fatores *sonoridade da consoante seguinte*, *tonicidade da sílaba*, *consoante subsequente*, *classe morfológica do vocábulo*, *faixa etária do informante* e a *vogal antecedente*.

TABELA 24

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Sapé

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Sonora	176/198	88,9	0,92
Não-sonora	24/360	6,7	0,20
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -100.954 Significance = 0.005*

São as consoantes sonoras, com peso relativo de 0,92, que favorecem a realização aspirada, já as consoantes desvozeadas desfavorecem essa realização.

TABELA 25

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Sapé

Tonicidade da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Tônica	191/293	65,2	0,74
Átona	9/265	3,4	0,23
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -100.954 *Significance* = 0.005

A *Tabela 25* mostra que são as palavras cuja variante encontra-se em sílaba tônica, com peso relativo de 0,74, que tende a favorecer a realização aspirada de <S>. Já as sílabas átonas desfavorecem essa realização.

TABELA 26

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Sapé

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusiva alveolar	24/360	6,7	0,61
Nasal bilabial	176/198	88,9	0,34
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -100.954 *Significance* = 0.005

A realização aspirada ocorreu apenas diante de dois contextos consonantais, diante de oclusivas alveolares e Nasal labial. O programa selecionou com favorecedor a essa realização as oclusivas alveolares, como nos casos de [gɔhta], [gohtey], [agohtu],[dehdzi], [asuhtadu], [bahtāt|i], [sehta].

TABELA 27

A variante aspirada em interior do vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Advérbios	75/84	89,3	0,97
Adjetivos	99/131	75,6	0,55
Substantivos	13/145	6,3	0,50
Pronomes	1/7	14,3	0,24
Verbos	12/191	6,3	0,14
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -100.954 *Significance* = 0.005

A *Tabela 27* mostra são os advérbios e adjetivos que contribuem para a realização aspirada de <S>. Já os substantivos, pronomes e verbos desfavorecem essa realização.

TABELA 28

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɔ/	11/47	23,4	0,84
/o/	2/14	14,3	0,79
/u/	1/19	5,3	0,57
/e/	175/202	86,6	0,56
/i/	8/184	4,3	0,52
/ɛ/	2/54	3,7	0,15
/a/	1/38	2,6	0,09
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -100.954 *Significance* = 0.005

A *Tabela 28* mostra que é a vogal posterior média-baixa (P.R 0,84), a posterior média-alta (P.R 79), a posterior alta (P.R 0,57) e a anterior média-alta (P.R 0,56) que favorecem a aspiração de <S>.

TABELA 29

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	44/159	27,7	0,41
2	80/195	41	0,71
1	76/204	37,3	0,35
Total	200/558	35,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -100.954 *Significance* = 0.005

A *Tabela 29* mostra que são os falantes da faixa etária II que mais favorecem a realização aspirada de <S>, enquanto os falantes da faixa etária I e da faixa etária III desfavorecem essa realização.

5.1.3.2 A realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nesta posição, o programa selecionou, por ordem de importância, a *sonoridade da consoante seguinte*, a *vogal antecedente*, a *consoante subsequente*, a *classe morfológica do vocábulo* e a *extensão do vocábulo*, como fatores favorecedores a realização aspirada.

TABELA 30

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Sapé

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Sonora	80/221	26,6	0,66
Não-sonora	11/177	6,2	0,29
Total	89/398	22,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -145.602 *Significance* = 0.003

A *Tabela 30* mostra que são as consoantes vozeadas, com peso relativo de 0,66, que favorecem a aspiração de <S> nesse contexto, como em [d^hewh] *ditorô*, *Deuh me conformou*, *mah no caminho*, *Deuh levou*. Esses dados se assemelham aos encontrados por Santos (2012) e Almeida 2016. Almeida (2016) constata que são as consoantes sonoras, com peso relativo

de 0,69, que favorecem a aspiração de <S> nesse contexto. Em Santos (2012) também são as consoantes sonoras, com peso relativo 0,69, que favorece essa realização.

TABELA 31

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à característica da vogal antecedente na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl./Total	%	P.R
/a/	23/44	52,3	0,80
/w/	7/18	38,9	0,64
/y/	59/303	19,5	0,43
Total	89/398	22,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -145.602 *Significance* = 0.003

Conforme mostra a *Tabela 31*, é a vogal central baixa (P.R 0,80) e a semivogal posterior alta (0,64) que mais favorecem a realização aspirada.

TABELA 32

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à consoante subsequente na comunidade de Sapé

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Africadas	2/5	40	0,87
Lateral alveolar	2/3	66,7	0,78
Nasal bilabial	30/58	51,7	0,71
Nasal alveolar	26/60	43,3	0,69
Oclusiva alveolar	16/93	17,2	0,54
Oclusiva bilabial	3/32	9,4	0,46
Oclusiva velar	3/86	3,5	0,33
Fricativa labiodental	9/61	14,8	0,24
Total	89/398	22,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -145.602 *Significance* = 0.003

A *Tabela 32* acima mostra que, em final de vocábulo seguido de consoante, são as consoantes africadas (P.R 0,87), a lateral alveolar (P.R 0,78) a nasal bilabial (P.R 0,71) e nasal alveolar (P.R 0,69) que contribuem para realização aspirada de <S>, enquanto a

oclusiva alveolar, a oclusiva bilabial, oclusiva velar e fricativa labiodental desfavorecem essa realização.

TABELA 33

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Substantivos	13/42	31	0,74
Determinantes	34/72	47,2	0,71
Advérbios	22/128	12,2	0,53
Conectivos	19/83	22,9	0,38
Verbos	3/6	4,2	0,22
Total	89/398	22,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -145.602 *Significance* = 0.003

A *Tabela 33* mostra que são os substantivos, os determinantes e os advérbios que favorecem a realização aspirada, enquanto os conectivos e os verbos desfavorecem essa realização.

TABELA 34

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Sapé

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	89/334	26,6	0,58
Dissílabo	2/61	2,3	0,13
Total	89/398	22,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -145.602 *Significance* = 0.003

Como mostra a *Tabela 34*, são os vocábulos monossílabos, com peso relativo de 0,58, que favorecem a realização aspirada, como nos casos de *o mayh novo*, *doir dia*, *Deuh partiu o mei*, *treyh noite*, *seih mey* enquanto os vocábulos dissílabos, com peso relativo de 0,13, desfavorecem essa realização. Almeida (2016) encontrou resultado semelhante a este: são os vocábulos monossílabos, com peso relativo de 0,61, que favorecem a realização aspirada.

5.1.4 O apagamento de <S> em coda silábica na comunidade de Sapé

A taxa de apagamento encontrada na comunidade (28,3%) é bastante expressiva. Essa taxa de apagamento é mais expressiva do que a encontrada por Almeida (2016) (17,5%) e Santos (2012) (18%). Essas ocorrências se concentraram, sobretudo, em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de consoante. Essas taxas de apagamento encontradas nas três comunidades são muito maiores se comparadas a outros trabalhos realizados sobre PB, como a exemplo de Lucchesi (2009) (4%).

Em final de vocábulo seguido de consoante, foram selecionados como fatores favorecedores ao apagamento de <S>, a *extensão do vocábulo*, a *característica da vogal antecedente*, a *sonoridade da consoante seguinte*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária do informante* e o *sexo do informante*. Em final absoluto de vocábulo, foram selecionados a *extensão do vocábulo*, a *faixa etária do informante* e o *sexo do informante*.

Assim como em Almeida (2016) e em Santos (2012), como já mencionado anteriormente, as ocorrências de <S> que estão sendo estudadas neste trabalho não incluem <S> com valor de plural, não incluem os casos em que <S> em fim de vocábulo vem seguido de vogal, uma vez que, nesse contexto geralmente acontece uma ressilabação e não incluem as ocorrências de <S> quando este se encontra antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, fi].

5.1.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nesta posição, foram selecionados, por ordem de importância, como fatores favorecedores ao apagamento de <S>, a *classe morfológica do vocábulo*, a *extensão do vocábulo*, a *característica da vogal antecedente*, a *faixa etária do informante*, o *sexo do informante* e a *sonoridade da consoante seguinte*.

TABELA 35

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Sapé

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Verbos	44/72	61,1	0,89
Conectivos	51/83	61,4	0,71
Advérbios	66/128	51,6	0,41
Substantivos	15/42	35,7	0,37
Determinantes	6/72	8,3	0,10
Total	183/398	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

A *Tabela 35* mostra são os verbos como em *feyø com ela*, os conectivos como em *mayø não*, os advérbios com em *atrayø d[ʒ]ele* que favorecem o apagamento nesta posição. Já os substantivos e os determinantes desfavorecem essa realização.

TABELA 36

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Sapé

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Duas ou mais sílabas	45/56	80,4	0,76
Monossílabo	90/88	77	0,41
Total	135/244	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

A tabela acima mostra que são os dissílabos (P.R 0,88) com em *depoiø que*, *atrayø dzele*, *Jesuyø Cristo*, *menuø disso*, *arroyø doce*, que favorecem o apagamento, enquanto os vocábulos monossílabos e os polissílabos, desfavorecerem essa realização.

TABELA 37

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Sapé

Tipo de vogal	Apl./Total	%	P.R
/y/	164/303	54,1	0,60
/u/	3/6	50	0,48
/w/	2/18	11,1	0,26
/a/	7/44	15,9	0,22
/i/	7/24	29,2	0,08
Total	183/398	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

A *Tabela 37* mostra que é a semivogal anterior alta que favorece o apagamento, enquanto a vogal posterior alta, a semivogal posterior alta, a central baixa e a anterior alta desfavorecem o apagamento de <S>.

TABELA 38

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Sapé

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Sonora	102/221	46,2	0,56
Não-sonora	81/177	45,8	0,41
Total	183/398	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

O resultado acima mostra que são as consoantes sonoras, com peso relativo de 0,56, que mais contribuem para o apagamento de <S>, enquanto as consoantes não-sonoras, com peso relativo 0,41 desfavorece essa realização.

TABELA 39

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	64/139	46	0,48
2	72/124	58,1	0,69
1	47/135	34,8	0,33
Total	183/398	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

Observa-se na *Tabela 39* que são os falantes da faixa etária II que mais favorecem o apagamento, enquanto os falantes da faixa etária I desfavorecem e os falantes da faixa etária III estão próximo ao ponto neutro.

TABELA 40

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Sapé

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Feminino	115/222	51,8	0,57
Masculino	68/176	38,6	0,43
Total	183/398	46	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -189.302 *Significance* = 0.032

Nota-se que são as mulheres, com peso relativo de 0,57, que favorecem o apagamento nesta posição, enquanto os homens, com peso relativo de 0,43, desfavorecem essa realização.

5.1.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto

Nesta posição foram selecionados como fatores favorecedores ao apagamento, por ordem de importância, o fator linguístico *extensão do vocábulo* e os fatores extralinguísticos *faixa etária* e o *sexo do informante*.

TABELA 41
O apagamento em final absoluto quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Sapé

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Duas ou mais sílabas	45/56	80,4	0,76
Monossílabo	90/188	47,9	0,41
Total	135/244	55,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -152.128 *Significance* = 0.050

A *Tabela 41* mostra que são os vocábulos com duas ou mais sílabas, com peso relativo de 0,76, que favorecem o apagamento nesta posição. Entre os vocábulos com duas ou mais sílabas que favoreceram o apagamento estão: *trezentuø* (trezentos), *portugueyø* (português), *rapayø* (rapaz), *depoyø* (depois), *Jesuyø* (Jesus) *arroyø* (arroz). Almeida (2016) e Santos (2012) encontram resultados semelhantes a este; Almeida (2016) mostra que são os vocábulos polissilábicos, com peso relativo 0,76, e os dissílabos, com peso relativo de 0,65, que favorecem o apagamento de <S>. Santos (2012) observou que os dissílabos, com peso relativo de 0,77, favorecem o apagamento, enquanto os monossílabos são desfavorecedores ao apagamento de <S> em final absoluto, com peso relativo de 0,37.

TABELA 42
O apagamento em final absoluto quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Sapé

Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
3	67/104	64,4	0,56
2	43/80	53,8	0,52
1	25/60	41,7	0,35
Total	135/244	55,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -152.128 *Significance* = 0.050

A *Tabela 42* mostra que são os informantes da faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,56 que mais favorecem o apagamento, a faixa etária II está mais próxima ao ponto neutro e faixa etária mais jovem desfavorece essa realização. Almeida (2016) e Santos (2012) encontraram resultados parecidos. Nos dois trabalhos são falantes da faixa etária mais velha que favorecem o apagamento. Olhando para esta posição, pode-se afirmar que existe na comunidade de Sapé um quadro de mudança em progresso, pois os jovens estão abandonando

os traços mais marcados do falar da comunidade e estão se alinhando a normas que tem maior prestígio.

TABELA 43
O apagamento em final absoluto quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Sapé

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Feminino	68/107	63,6	0,57
Masculino	67/137	48,9	0,43
Total	135/244	55,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -152.128 *Significance* = 0.050

A *Tabela 43* mostra que são as mulheres que tendem a favorecer o apagamento de <S> nesse contexto. Nesse aspecto, ao que parece, quando se comparam os percentuais e os pesos do apagamento com os das realizações alveolares é que os homens estão indo em direção de variantes menos marcadas, ou seja, tendem a dar preferência as variantes alveolares e palatais.

5.1.5 Considerações sobre a realização da fricativa na comunidade afro-brasileira de Sapé-Ba

Ao logo desta seção vimos que há na comunidade o uso de quatro variantes: a alveolar, a palatal, a aspirada e o apagamento. A realização alveolar somou 26,5% das ocorrências e a palatal somou 20,3%; constatamos, porém, que a realização palatal concentrou-se apenas diante oclusivas alveolares e africadas, como têm previsto alguns trabalhos. Já a fricativa alveolar ocorre nos demais contextos. Essas duas variantes, que são consideradas a forma padrão da língua, são mais utilizadas pelos homens mais jovens da comunidade, ou seja, os homens da faixa etária I. Em relação à realização aspirada, esta somou o percentual de 24,7% das ocorrências totais. Essa variante foi mais utilizada pelos falantes da faixa etária II. O apagamento apresentou uma taxa bastante expressiva no *corpus*, 28,3% do total de ocorrências. Ele foi preferido, sobretudo em final absoluto, pelas mulheres da faixa etária mais velha.

Observa-se que, neste trabalho, o apagamento e a aspiração, apresentaram taxas bastante elevadas, juntas as duas variantes somaram 53% do total de ocorrências, um pouco

mais da metade do total de ocorrências. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Santos (2012) na comunidade de Helvécia (40,37%) e Almeida (2016) na comunidade de Alto Alegre (42%), no entanto. Se o resultado for comparado a outros trabalhos que estudam o <S> no português brasileiro, como Lucchesi (2009), em que a realização da aspiração atingiu apenas 14% e o apagamento sem valor morfológico atingiu apenas 4%, e com Mota (2002), que, para as amostras de 70 e 90 do NURC, encontrou taxa de apagamento de <S>, 2% e 5%, respectivamente, as comunidades aqui estudadas apresentam índices muito acima do que é encontrado em outras variedades do português. Pode-se concluir que as comunidades afro-brasileiras exibem taxas muito maiores de enfraquecimento de <S> em coda silábica do que outras variedades do português Brasileiro.

Em resumo, viu-se também que os mais jovens preferem as realizações mais prestigiadas socialmente (alveolar e palatal) de <S>, enquanto os falantes das faixas etárias mais velhas realizam mais as formas não prestigiadas socialmente (aspiração e apagamento), sobretudo o apagamento em final absoluto. Isso mostra que a comunidade está mudando no sentido de adquirir marcas que se assemelham a norma padrão. Pode-se dizer, assim, que os resultados podem indicar um quadro de mudança em progresso na comunidade, como já foi falado anteriormente. Esse cenário se conforma à hipótese de que o apagamento do <S>, que teria sido provocado pelo contato entre línguas no passado, estaria sendo revertido pela introdução das variantes provenientes dos grandes centros urbanos, as variantes aspirada e alveolar, como parte do *nivelamento linguístico*, previsto por Lucchesi (2015), em seu esquema da *polarização sociolinguística do Brasil*.

5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA DE CINZENTO

A seguir serão apresentados os resultados referentes à comunidade afro-brasileira de Cinzento. A seção ficou dividida da seguinte forma: I) distribuição das variantes no *corpus*; II) os dados referentes à realização a alveolar em interior de vocábulo, em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto; III) a realização palatal em interior de vocábulo; IV) a realização aspirada em interior de vocábulo e em final seguido; e, por fim, o apagamento em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo. A tabela a seguir mostra como ficou distribuída a variante no *corpus*.

TABELA 44

Distribuição das variantes <S> em Cinzento

Variantes	Nº/Total	%
s/z	642	53,5
h/f	297	24,7
Ø	182	15,1
ʃ/ʒ	79	6,5
Total	1200	100

Fonte: autoria própria

A *Tabela 44* mostra os índices totais de ocorrências da variável dependente na comunidade. Os dados permitem dizer que a norma na comunidade é a alveolar, com 53,5% uma vez que tem maior parte das ocorrências. Observou-se também que diferente de Sapé em há a co-ocorrência da fricativa alveolar (26,5%) e fricativa palatal (23,8%), em Cinzento a fricativa palatal apresentou índice de 6,5% apenas, ou seja, enquanto em Sapé ocorre a fricativa alveolopalatal diante das oclusivas alveolares e africadas e a alveolar nos demais contextos, em Cinzento, os falantes dão preferência a fricativa alveolar. Essas ocorrências, como veremos mais a frente, se concentraram na fala de poucos falantes mesmo em contextos considerados favorecedores, como por exemplo, diante de oclusivas alveolares e africadas.

A realização aspirada foi a segunda variante que mais ocorre no *corpus* estudado, com 24,7% das ocorrências. O apagamento ficou com 15,1% do total de ocorrências. Observa-se que as taxas de apagamento e aspiração, tanto em Cinzento quanto em Sapé são expressivas, sobretudo se esses trabalhos forem comparados a outros trabalhos do português brasileiro, como já foi citado anteriormente.

TABELA 45

Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

POSIÇÃO	VARIANTES							
	[s / z]		[ʃ / ʒ]		[h / ħ]		Ø	
	N/T	%	N/T	%	N/T	%	N/T	%
Final absoluto de vocábulo	138/225	61,3	0/225	0,0	0/225	0,0	87/225	38,7
Final de vocábulo seguido de consoante	169/441	38,3	5/441	1,1	186/441	42,2	81/441	45,9
Interior de vocábulo	335/534	62,7	74/534	13,9	111/534	20,8	14/534	3,9
Total	642/1200	53,5	79/1200	6,5	297/1200	24,7	182/1200	15,1

Fonte: autoria própria

A *Tabela 45* mostra o efeito posição sobre as quatro variantes. Observa-se que a realização alveolar é a que apresenta a distribuição mais regular apresentou uma porcentagem equilibrada em todas as posições o que nos faz concluir que a norma da comunidade é alveolar. Já a variante palatal não ocorre em final absoluto e é rara em final de vocábulo seguido de consoante, tendo pouca frequência em posição medial, onde atinge a frequência de 13,9% contra uma frequência geral de 6,5% dessa variante. A variante aspirada se concentra na posição medial, com uma frequência de 20,8% nessa posição; em final de vocábulo seguido de consoante, sua frequência é 42,2%. Já o apagamento é favorecido, tanto em final absoluto, com 37,8% de frequência, quanto em final de vocábulo seguido de consoante, com uma frequência de 45,9%; e quase não ocorre em posição medial, com uma frequência de apenas 3,9% nessa posição. Portanto, pode-se concluir que a posição é um fator muito relevante na distribuição das variantes do <S> pós-vocálico, podendo-se fazer as seguintes generalizações:

- 1) A variante alveolar é muito favorecida em posição medial e em final absoluto, mas mantém uma frequência regular em final de vocábulo seguido de consoante;

- 2) A variante palatal se concentra no interior do vocábulo, mas com pouca frequência, não ocorrendo em final absoluto e sendo rara na posição final seguida de consoante;
- 3) A aspiração é favorecida no interior do vocábulo, sendo usada também com uma frequência razoável em final de palavra seguido de consoante, e quase não sendo usada em final absoluto;
- 4) O apagamento se concentra em final de vocábulo, quase não ocorrendo em posição medial;

O quadro a seguir apresenta essas generalizações:

Quadro 4: Frequência das variantes segundo a posição

	Medial	Final seguido de consoante	Final absoluto
Alveolar	muito frequente	Frequente	muito frequente
Palatal	pouco frequente	raro	sem realização
Aspiração	muito frequente	frequente	sem realização
Apagamento	Raro	muito frequente	muito frequente

Fonte: autoria própria

5.2.1 A realização alveolar de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento

A variante alveolar foi a variante mais utilizada pelos falantes da comunidade de Cinzento. Em interior de vocábulo representou 62,7%, em final de vocábulo seguido de consoante 38,3% e em final absoluto 61,3%, totalizando 53,5% do total de ocorrência. Como fatores favorecedores a essa realização. Em posição medial, foram selecionados como fatores favorecedores desta realização, a *consoante subsequente*, a *sonoridade da consoante subsequente*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária* e o *sexo do informante*. Em final de vocábulo seguido de consoante, foram selecionados os fatores *tonicidade da sílaba*, *vogal antecedente*, *consoante seguinte*, *sonoridade da consoante seguinte*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária* e a *escolaridade do informante*. Em final absoluto de vocábulo, foi selecionado o fator *vogal antecedente* e *faixa etária do informante*.

5.2.1.1 A realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Cinzento

Nesta posição, o programa selecionou, por ordem de importância, a *consoante subsequente*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária informante*, o *sexo do informante* e a *sonoridade da consoante seguinte*, como fatores favorecedores a esta realização.

TABELA 46

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Cinzento

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas velares	72/74	97,3	0,89
Nasal labial	37/101	26,8	0,59
Lateral	1/ 2	50	0,38
Oclusivas alveolares	181/264	68,6	0,34
Fricativas labiodentais	1/ 2	50	0,20
Africadas	11/20	55	0,13
Total	335/534	60,6	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -239,237 *Significance* = 0,000

As consoantes oclusivas velares e nasal labial foram as consoantes que o programa considerou como as que mais contribuíram para realização da fricativa alveolar. Observa-se, assim, que as consoantes com traços com traço [- coronais] tendem a favorecer a realização alveolar de <S> enquanto consoantes com traço [+coronais] desfavorecem essa realização. Em Sapé as consoantes velares e nasal labial também foram selecionadas com favorecedoras a esta realização.

TABELA 47

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Advérbios	1/3	33,3	0,96
Verbo	174/200	87	0,89
Substantivos	18/144	7,4	0,47
Pronomes	1/5	20	0,22
Adjetivos	5/216	2,3	0,18
Total	335/534	62,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -239.237 *Significance* = 0.000

A *Tabela 47* mostra que são os advérbios (*bastante*), com peso relativo de 0,96 e os verbos (*gosto*, *buscar*) com 0,89, que mais favorecem a realização da fricativa alveolar. Os substantivos, como *festa*, *escola*, pronomes, como *deste* e adjetivos com *dismazelada* (desmazelada) desfavorecem esta realização.

TABELA 48

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Cinzento

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Não-sonora	294/385	72.1	0,65
Sonora	41/149	27.5	0,15
Total	335/534	62,7	

Log likelihood = -239.237 *Significance* = 0.000

Observa-se na *Tabela 48* que as consoantes com traço [- sonoro] que tendem a favorecer a realização alveolar, enquanto as que apresentam traços [+ sonoros] tentem a favorecer outras realizações como veremos mais adiante.

TABELA 49

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto à *faixa etária* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	131/136	70,4	0,67
2	114/188	60,6	0,40
3	90/160	56,2	0,39
Total	335/534	62,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -239.237 *Significance* = 0.000

A *Tabela 49* mostra que são os falantes da faixa etária I, com peso relativo de 0,67, que mais favorecem a realização alveolar em interior de vocábulo, enquanto os falantes da faixa etária II e da faixa etária III desfavorecem essa realização. Esse resultado evidencia que são os mais novos que estão implementando essa variante na comunidade, enquanto os informantes mais velhos dão preferência a outras variantes.

TABELA 50

A variante alveolar em interior de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Cinzento

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Feminino	191/260	73,5	0,62
Masculino	144/274	52,6	0,38
Total	335/534	62,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -239.237 *Significance* = 0.000

Diferente do que acontece em Sapé em que os homens são os mais favorecem a realização alveolar em interior de vocábulo, em Cinzento, são as mulheres que mais favorecem esta realização, com peso relativo de 0,62, enquanto os homens desfavorecem essa realização. O resultado observado em Cinzento, em relação a fator faixa etária, é semelhante ao encontrado por Santos (2012) em Helvécia. Em Helvécia também são as mulheres, com peso relativo de 0,58, que mais favorecem essa variante. Isso mostra que, diferente de Sapé, em Cinzento são as mulheres que estão liderando o processo de mudança em favor da norma padrão da língua.

5.2.1.2 A realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Cinzento

Em final de vocábulo seguido de consoante, foram selecionados como fatores favorecedores ao apagamento, por ordem de importância, a *consoante seguinte*, a *escolaridade do informante*, a *vogal antecedente*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *faixa etária do informante*, a *tonicidade da sílaba* e a *sonoridade da consoante seguinte*.

TABELA 51

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Cinzento

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Oclusivas velares	56/76	73,7	0,84
Oclusivas bilabiais	23/34	67,6	0,76
Fricativas labiodentais	31/80	38,8	0,48
Oclusivas alveolares	29/97	29,9	0,39
Nasal alveolar	16/86	18,6	0,39
Nasal bilabial	10/47	17,5	0,26
Lateral	1/8	12,5	0,03
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -187.197 Significance = 0.017*

A tabela acima mostra que são as consoantes oclusivas alveolares e as oclusivas bilabiais que mais favorecem a realização alveolar nesta posição. Em interior de vocábulo, as consoantes velares também foram selecionadas como favorecedora a realização alveolar. Na comunidade de Sapé também foram selecionadas as consoantes oclusivas velares e as oclusivas bilabiais como favorecedoras ao apagamento.

TABELA 52

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/u/	4/5	80	1
/w/	3/23	13	0,85
/i/	10/14	71,4	0,69
/y/	143/313	45,7	0,54
/ɔ/	3/14	21,4	0,39
/a/	6/69	8,7	0,11
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -187.197 *Significance* = 0.017

A *Tabela 52* mostra que são as vogais e as semivogais com traço alto /u/, /w/, /i/ e /y/ que mais favorecem a realização alveolar nesta posição. Isto é, as vogais que são produzidas com a elevação do corpo da língua tentem a favorecer essa realização.

TABELA 53

A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Conectivos	14/20	70	0,93
Determinantes	22/45	48,9	0,70
Verbos	37/61	60,7	0,59
Advérbios	66/190	34,7	0,56
Pronomes	22/45	48,9	0,28
Substantivos	8/48	16,7	0,12
Total	169/441	38,3	

Log likelihood = -187.197 *Significance* = 0.017

Os resultados da tabela mostram que são os conectivos, com peso relativo de 0,93, os determinantes, com peso relativos de 0,70, os verbos, com peso relativo de 0,59, e os advérbios, com peso relativo de 0,56, que mais favorecem a realização alveolar em final de vocábulo seguido de consoante.

TABELA 54

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Cinzento

Tonicidade da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Tônica	128/421	37,5	0,52
Átona	11/20	55	0,10
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -187.197 Significance = 0.017*

A *Tabela 54* mostra que a realização alveolar em final de seguido é favorecida quando esta se encontra em sílaba tônica. Isto é, quando uma sílaba é pronunciada com mais intensidade, ela tende a favorecer esta realização, já as consoantes que são pronunciadas com menos intensidade desfavorecem fortemente esta realização.

TABELA 55

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Cinzento

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Não-sonora	105/174	60,3	0,62
Sonora	64/267	24	0,41
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -187.197 Significance = 0.017*

Assim como em interior de vocábulo, em final de vocábulo seguido de consoante também são as consoantes com traços [- sonoro], com peso relativo de 0,62, que mais favorecem essa realização. Santos (2012) e Almeida (2016) documentaram resultados semelhantes a este. Santos (2012) registrou o índice de 0,77 favorecedor para as consoantes desvozeadas e Almeida (2016) documentou peso relativo de 0,60 favorecedor às consoantes com traço [- sonoro].

TABELA 56

A variante alveolar em final seguido de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	78/130	60	0,72
2	51/151	33,8	0,40
3	40/60	25	0,39
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -187.197 *Significance* = 0.017

Assim como ocorreu em Sapé, aqui também são os falantes da faixa etária I que mais favorecem a realização alveolar nesta posição, enquanto os falantes da faixa II e III desfavorecem. Esses resultados concordam com os de Santos (2012), o autor documentou em Helvécia índice de 0,72.

TABELA 57

A variante alveolar em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao *nível de escolaridade* na comunidade de Cinzento

Nível de escolaridade	Apl. / Total	%	P.R
Com até cinco anos de escolaridade	121/292	41,4	0,60
Analfabeto	94/266	35,5	0,35
Total	169/441	38,3	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -187.197 *Significance* = 0.017

Como já citado anteriormente, o fator escolaridade foi usado apenas na comunidade de Cinzento. A tabela acima mostra que são falantes com até 5 anos de escolarização, com peso relativo 0,60, que mais favorecem a realização alveolar, enquanto os analfabetos desfavorecem esta realização. Se compararmos os resultados obtidos em Sapé cuja maioria é analfabeto com os resultados de Cinzento em que 50% dos informantes tiveram algum acesso a escola, observa-se que a taxa de apagamento é muito maior na comunidade de Sapé.

5.2.1.3 A realização alveolar de <S> em final absoluto

Nesta posição, foram selecionados como fatores favorecedores, por ordem de importância, a *faixa etária do informante* e a *vogal antecedente*.

TABELA 58

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/i/	9/10	90	0,81
/w/	18/29	62,1	0,62
/a/	³ / ₄	75	0,60
/y/	100/163	61,3	0,52
/u/	7/18	38,9	0,06
Total	138/225	61,2	

Log likelihood = -103.631 Significance = 0.000

A *Tabela 58* mostra que é a vogal anterior alta, a semivogal anterior alta e a central baixa que mais favorecem a realização nesta posição.

TABELA 59

A variante alveolar em final absoluto de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
1	74/83	89,2	0,87
2	42/62	67,7	0,42
3	22/80	27,5	0,12
Total	138/225	61,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -103.631 Significance = 0.000*

A tabela acima mostra que são os falantes da faixa etária I que mais favorecem a realização alveolar nesta posição. Observa-se, portanto, que a realização alveolar é favorecida nas três posições (interior de vocábulo, final de vocábulo seguido de consoante e final absoluto de vocábulo) que mais favorece a realização alveolar são os falantes da faixa etária I. Esse resultado pode indicar que na comunidade há um quadro de mudança em progresso.

Santos (2012) documentou resultado semelhante em Helvécia, na comunidade também são falantes da faixa etária I, com peso relativo 0,75, que mais favorece o apagamento. O resultado encontrado concorda com nossa hipótese de que as variantes mais prestigiadas são preferidas pelos falantes mais jovens.

5.2.2 A realização palatal de <s> em coda silábica na comunidade de Cinzento

A realização da fricativa alveolopalatal concentrou-se na comunidade apenas em interior de vocábulo e como já foi citado anteriormente, houve 74 realizações da variante em interior de vocábulo e apenas 5 ocorrências em final de vocábulo seguido de consoante. Observa-se que mesmo em interior de vocábulo, se comparado com comunidade de Sapé, as ocorrências foram poucas.

O fato de ter tido poucas ocorrências em final de vocábulo seguido de consoantes, serão apresentados a seguir apenas os resultados referentes à variante quando ela se encontra em interior de vocábulo.

Foram selecionados como fatores favorecedores desta realização a *característica da vogal antecedente, a consoante subsequente, a sonoridade da consoante seguinte, a faixa etária e o sexo do informante.*

5.2.2.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Cinzento

Por ordem de importância, o Programa selecionou como fatores favorecedores a essa realização a *sonoridade da consoante seguinte, a consoante seguinte, o sexo do informante, a faixa etária do informante e a vogal anterior.*

TABELA 60

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Cinzento

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Não-sonora	72/385	18,7	0,52
Sonora	2/149	1,3	0,44
Total	74/534	13,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -113.038 Significance = 0.000*

Observa-se que são as consoantes com traços [-sonoro], com peso relativo de 0,52, que mais favorece a realização palatal. Santos (2012) obteve resultado semelhante em Helvécia, na comunidade também são as consoantes não sonoras que favorecem essa realização.

TABELA 61

A variante palatal em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Cinzento

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Africadas	7/20	35	0,63
Oclusivas alveolares	67/264	23,4	0,48
Total	74/534	13,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -113.038 *Significance* = 0.000

A realização palatal se concentrou diante das africadas e oclusivas alveolares, ou seja, diante de consoantes [+coronal]. De acordo com o programa, são as africadas, com peso relativo 0,63, que mais favorecem esta realização, enquanto as oclusivas alveolares não favorecem essa realização. Esse resultado se assemelha ao apontado por Santos (2012), na comunidade de Helvécia, também são africadas, com peso relativo de 0,63, que mais favorecem essa ocorrência.

TABELA 62

A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/i/	54/242	22,3	0,75
/a/	3/20	15	0,57
/o/	1/11	9,1	0,36
/ε/	9/57	15,8	0,35
/u/	4/33	12,1	0,34
/e/	2/137	1,5	0,24
/ɔ/	1/34	2,9	0,12
Total	74/534	13,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -113.038 *Significance* = 0.000

As vogais que se mostraram favorecedoras a realização alveolopalatal foi a anterior alta (0,75) e central baixa (0,57), as demais se mostram desfavorecedoras a essa realização. Santos (2012) também observou que a palatalização da fricativa é favorecida diante de /i/.

TABELA 63
A variante palatal em interior de vocábulo quanto à *faixa etária* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	37/160	23	0,77
2	30/188	16	0,61
1	7/186	3,8	0,17
Total	74/534	13,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -113.038 *Significance* = 0.000

Diferente do que ocorreu na comunidade de Sapé, em que os falantes da faixa etária mais jovem são os que usam mais as variantes palatais, na comunidade de Cinzento são falantes mais velhos que mais usam estas variantes, ou seja, são falantes da faixa etária II e da faixa etária III que mais favorecem essa realização. O resultado encontrado em Cinzento é semelhante ao encontrado por Santos (2012). Em Helvécia também são os falantes mais velhos que mais usam a variante palatal.

TABELA 64
A variante palatal em interior de vocábulo quanto ao *sexo do informante* na comunidade de Cinzento

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
Masculino	59/215	21,5	0,72
Feminino	15/260	5,8	0,26
Total	74/534	13,9	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -113.038 *Significance* = 0.000

A realização dessa variante foi preferida pelos homens, sendo assim, são os homens da faixa etária III e da faixa etária II que mais utilizam a variante palatal na comunidade.

5.2.3 A realização aspirada de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento

A realização aspirada foi a segunda variante mais utilizada pela comunidade de Cinzento. A aspiração, como já foi citado anteriormente, se concentrou em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante. Em final absoluto não houve registro de aspiração. Nessa posição, o que se observou é que ou falante utiliza a variante alveolar ou o apagamento.

5.2.3.1 A aspiração de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Cinzento

Em Cinzento, para a realização aspirada nesta posição, foram selecionados com fatores favorecedores, por ordem de importância, a *sonoridade da consoante seguinte*, a *tonicidade da sílaba*, a *faixa etária do informante* e a *vogal anterior*.

TABELA 65

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Cinzento

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Sonora	94/149	63,1	0,95
Não-sonora	17/385	4,4	0,23
Total	111/423	20,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -136.876 Significance = 0.007*

O programa não selecionou a consoante seguinte como um fator favorecedor ao apagamento, mas selecionou o fator sonoridade da consoante seguinte. A realização aspirada ocorreu diante de oclusiva alveolar desvozeada, como em *fe[h]ta*, ou *go[h]to*, africada alveolopalatal vozeada ou desvozeada, como *assi[h]ti* ou *de[h]di*, nasal labial *me[h]mo*, *i[h]mola*, nasal alveolar *bi[h]neto* e lateral alveolar *di[h]locá*. Diante dessas ocorrências documentadas, o programa indicou que consoantes que têm traço [+ sonoro] que tendem a favorecer a realização aspirada na comunidade.

TABELA 66

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Cinzento

Tonicidade da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Tônica	97/245	39,6	0,66
Átona	14/275	4,8	0,36
Total	111/423	20,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -136.876 Significance = 0.007*

Assim como em Sapé, em Cinzento também são as sílabas tônicas, como mostra a tabela acima, que tendem a favorecer realização aspirada, com peso relativo 0,66. Assim, pode-se dizer que esta variante é favorecida em sílabas que são pronunciadas com mais intensidade, enquanto as com menos intensidade não favorece esta realização.

TABELA 67

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɔ/	10/34	29,4	0,92
/o/	1/11	9,1	0,76
/ɛ/	6/57	10,5	0,71
/e/	80/137	58,4	0,54
/u/	1/33	3	0,53
/a/	1/20	5	0,42
/i/	12/242	5	0,32
Total	111/423	20,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -136.876 Significance = 0.007*

Os resultados mostram que são as vogais média-alta posterior e anterior e média-baixa anterior e posterior que tendem a favorecer a realização aspirada. Esse resultado mostra que as vogais médias alta e baixa, posterior e anterior são as que mais favorecem a realização aspirada. A vogal posterior alta encontra-se próxima ao ponto neutro e a vogal baixa e a anterior alta desfavorecem essa realização.

TABELA 68

A variante aspirada em interior de vocábulo quanto à *faixa etária do informante* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	32/160	20	0,49
2	43/188	22,9	0,65
1	36/186	19,4	0,34
Total	111/423	20,8	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -136.876 *Significance* = 0.007

Como é possível perceber, tanto em Cinzento quanto em Sapé, a realização aspirada foi favorecida pelos falantes da faixa etária II, enquanto os falantes da faixa etária III e da faixa etária I desfavorecem essa realização.

5.2.3.2 A aspiração de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Cinzento

Nesta posição, foi selecionado como fator favorecedor a aspiração, por ordem de importância, a *consoante seguinte*, a *vogal anterior*, a *extensão do vocábulo*, a *sonoridade da consoante seguinte*, a *escolaridade do informante*, a *classe morfológica do vocábulo* e a *faixa etária do informante*.

TABELA 69

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Cinzento

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Nasal bilabial	43/57	75,4	0,80
Nasal alveolar	63/86	73,3	0,70
Oclusiva alveolar	39/97	40,2	0,57
Lateral alveolar	5/8	62,5	0,54
Fricativa labiodental	23/80	28,8	0,36
Oclusiva bilabial	4/34	11,8	0,24
Oclusiva velar	9/76	11,8	0,20
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -176.341 *Significance* = 0.016

A *Tabela 69* mostra que as consoantes com traço [+ coronal], [+anterior] e com traços de nasalidade são as que tendem a favorecer a realização aspirada. O resultado encontrado na comunidade se assemelha ao encontrado por Santos (2012). Em seu trabalho também foram selecionadas as consoantes Nasal alveolar (0,71), Lateral (0,69), Nasal labial (0,54) e Oclusivas alveolares (0,53) como favorecer essa realização.

TABELA 70

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl./Total	%	P.R
/a/	60/69	87	0,87
/w/	19/23	82,6	0,75
/e/	2/3	66,7	0,64
/i/	2/14	14,3	0,60
/o/	8/14	57,1	0,53
/y/	95/313	30,4	0,36
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -176.341 Significance = 0.016*

Os resultados mostram que é a vogal central baixa, a semivogal posterior alta, a vogal anterior média-alta, a vogal anterior alta que tendem a favorecer a realização aspirada de <s>.

TABELA 71

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Monossílabo	138/382	46,7	0,58
Dissílabo	2/48	4,2	0,5
Total	186/441	42,2	

Log likelihood = -176.341 Significance = 0.016

Os resultados mostram que, nesta posição, são os vocábulos monossilábicos que mais favorecem a realização aspirada. Isso mostra que quanto menor for o vocábulo mais os falantes tendem a realizar a aspiração de <S>.

TABELA 72

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *sonoridade da consoante seguinte* na comunidade de Cinzento

Sonoridade da consoante	Apl./Total	%	P.R
Sonora	158/267	59,2	0,59
Não-sonora	28/174	16,1	0,35
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -176.341 *Significance* = 0.016

Assim como interior de vocábulo, aqui também são as consoantes com traço [+sonoro] que mais motivam a realização aspirada nesse contexto. Santos (2012) também observou em Helvécia que são as consoantes com traço [+sonoro] que favorece a aspiração de <s> na comunidade.

TABELA 73

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Advérbios	91/190	47,9	0,60
Pronome	35/77	45,5	0,59
Determinantes	22/45	48,9	0,51
Substantivos	24/48	50	0,40
Conectivos	4/20	20	0,26
Verbos	10/60	16,4	0,22
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -176.341 *Significance* = 0.016

A *Tabela 73* mostra que são os advérbios, pronomes e os determinantes são os que mais favorecem a realização aspirada, enquanto os substantivos, conectivos e verbos desfavorecem esta realização.

TABELA 74

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	74/160	46,2	0,41
2	74/161	49	0,63
1	38/130	29,2	0,44
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -176.341 *Significance* = 0.016

Assim como em interior de vocábulo, aqui, também são os falantes da faixa etária II que mais favorecem esta realização.

TABELA 75

A variante aspirada em final de vocábulo seguido de consoante quanto ao *nível de escolaridade* na comunidade de Cinzento

Nível de escolaridade	Apl. / Total	%	P.R
Analfabeto	93/176	52,8	0,63
Com até cinco anos de escolarização	93/265	35,1	0,41
Total	186/441	42,2	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -176.341 *Significance* = 0.016

Os resultados mostram que os informantes que não passaram por um processo de escolarização, com peso relativo de 0,63, são as que mais favorecem a realização aspirada. Esse resultado concorda com nossa hipótese de as pessoas sem escolarização usam mais as variantes que não são consideradas padrão.

5.2.4 O apagamento de <S> em coda silábica na comunidade de Cinzento

O apagamento foi a terceira variante mais utilizada na comunidade. Ocorreu em todas as posições, mas se concentrou, principalmente, em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo. A taxa de apagamento em interior de vocábulo foi de 3,9%. Esse percentual foi a mesmo encontrado em Sapé e é semelhante a encontrada por Santos (2012) (3%) e Almeida (2016) (1,3%). Em final de vocábulo seguido de consoante, o apagamento somou 45,9% do total de ocorrências e 38,7% em final absoluto de vocábulo, totalizando 15,1% do total de ocorrências no *corpus* como já mencionado anteriormente.

Este resultado é semelhante ao encontrado por Santos (2012) que obteve a frequência de 18% e Almeida (2016) que obteve a frequência de 17,5%. Esses resultados são consideravelmente altos se comparamos com outros estudos realizados no português brasileiro, como já foi citado anteriormente.

5.2.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Foram selecionados nesta posição, por ordem de importância, a *extensão do vocábulo*, a *faixa etária do informante*, a *consoante seguinte*, a *classe morfológica do vocábulo*, a *vogal antecedente* e a *tonicidade da sílaba* como favorecedores ao apagamento nesta posição.

TABELA 76

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *extensão do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
Dissílabo	24/48	50	0,88
Monossílabo	57/392	14,5	0,43
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

Os vocábulos com mais de uma sílaba tendem a favorecer o apagamento, enquanto as palavras com apenas uma sílaba tendem a desfavorecer o apagamento nesta posição. Esse resultado é semelhante ao encontrado na comunidade de Sapé como visto anteriormente.

TABELA 77

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *consoante subsequente* na comunidade de Cinzento

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
Fricativas labiodentais	26/80	32,5	0,79
Oclusivas alveolares	24/97	24,7	0,56
Lateral alveolar	2/8	25	0,53
Oclusiva bilabial	2/5	40	0,49
Nasal labial	7/34	20,6	0,39
Oclusivas velares	11/76	14,5	0,35
Nasal alveolar	7/86	8,1	0,32
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

A *Tabela 77* mostra que são as consoantes labiodentais, com peso relativo de 0,79, as oclusivas alveolares, com peso relativo de 0,56, e lateral alveolar com peso relativo de 0,53, com mais favorecem a realização alveolar nesta posição.

TABELA 78

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *classe morfológica do vocábulo* na comunidade de Cinzento

Classe	Apl. / Total	%	P.R
Substantivo	16/48	33,3	0,86
Verbos	13/61	21,3	0,74
Pronomes	16/77	20,8	0,69
Advérbios	33/190	17,4	0,38
Determinantes	1/45	2,2	0,14
Conjunção	2/20	10	0,08
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

Em relação à classe morfológica do vocábulo, fator também selecionado como favorecedor ao apagamento nesta posição, o programa aponta que são substantivos (P.R 0,86),

os verbos (P.R 0,74) e os pronomes (P.R 0,69) que favorecem o apagamento, enquanto os advérbios, os determinantes e as conjunções desfavorecem.

TABELA 79

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɔ/	3/11	21,4	0,69
/y/	70/313	22,4	0,60
/e/	1/3	33,3	0,47
/i/	2/14	14,3	0,32
/a/	3/69	4,3	0,32
/w/	1/23	4,3	0,05
/u/	1/5	20	0,01
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

Observa-se que é a vogal posterior média-alta, com peso relativo de 0,69, e a semivogal posterior alta, com peso relativo de 0,60, que mais favorecem o apagamento nesta posição. As demais vogais desfavorecem.

TABELA 80

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *tonicidade da sílaba* na comunidade de Cinzento

Tonicidade da sílaba	Apl./Total	%	P.R
Átona	5/20	25	0,93
Tônica	76/421	18,1	0,46
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

A *Tabela 80* mostra que são as sílabas átonas com peso relativo 0,93 que favorecem o apagamento em interior de vocábulo. Santos (2012) e Almeida (2016) encontraram resultados semelhantes a este. Santos (2012) observou que são as sílabas átonas, com peso relativo de 0,93, que favorece o apagamento de <s> nesse contexto e Almeida (2016) mostrou que são as

sílabas átonas, com peso relativo de 0,78, que favorecem o apagamento de <s> em final seguido.

TABELA 81

O apagamento em final de vocábulo seguido de consoante quanto à *faixa etária* na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	44/160	27,5	0,72
2	25/151	16,6	0,49
1	12/130	9,2	0,23
Total	81/441	18,4	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood* = -147.809 *Significance* = 0.032

Como é possível ver na tabela acima, os falantes da faixa etária III são os que tendem a favorecer o apagamento, os falantes da faixa etária II estão próximos ao ponto neutro e os falantes da faixa I desfavorecem essa realização. Esse resultado indica que há na comunidade de Cinzento um quadro de mudança em progresso.

5.2.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Cinzento

Nesta posição, os fatores selecionados como favorecedores ao apagamento, por ordem de importância, a *faixa etária do informante* e a *característica da vogal antecedente*.

TABELA 82

O apagamento em final absoluto de vocábulo quanto à *característica da vogal antecedente* na comunidade de Cinzento

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/u/	11/18	61,1	0,93
/y/	63/163	38,7	0,46
/a/	1/ 4	25	0,39
/w/	11/29	37,9	0,37
/i/	11/18	38,9	0,18
Total	87/225	38,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -103.631 Significance = 0.000*

O programa selecionou o fator vogal anterior, com peso relativo de 0,93, como fator linguístico favorecedor ao apagamento. Apenas a vogal posterior alta foi considerada como favorecedora ao apagamento.

TABELA 83

O apagamento em final absoluto de vocábulo quanto à *faixa etária* do informante na comunidade de Cinzento

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
3	58/80	72,5	0,87
2	49/122	32,3	0,54
1	9/93	10,8	0,12
Total	87/225	38,7	

Fonte: autoria própria - *Log likelihood = -103.631 Significance = 0.000*

Assim como foi observado na comunidade de Sapé, aqui também são os falantes da faixa etária III que mais favorecem o apagamento, os falantes da faixa etária II estão próximos ao ponto neutro e os da faixa etária I desfavorecerem fortemente. Esse resultado indica que, assim como em Sapé, em Cinzento há um quadro de mudança em progresso, uma vez que os jovens estão abandonando as formas consideradas não padrão e indo em direção a formas mais prestigiadas.

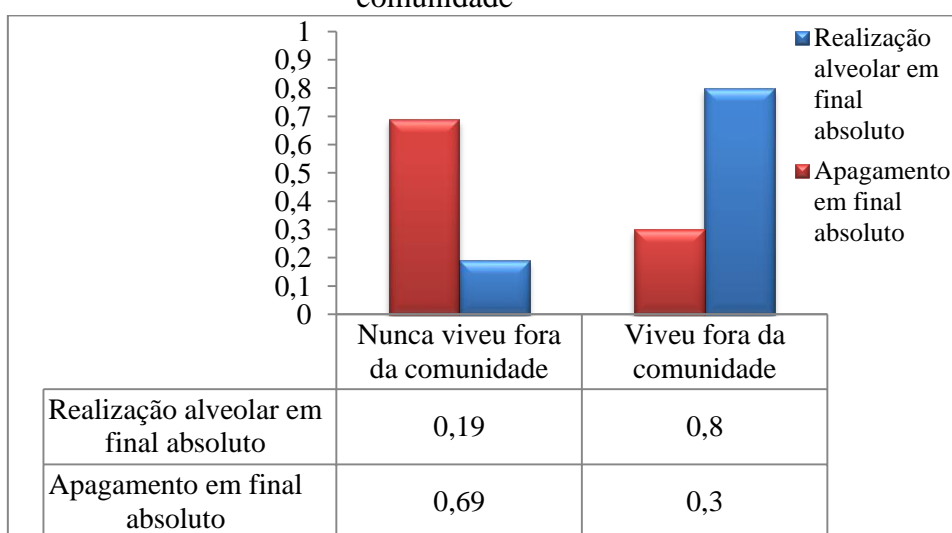
5.2.4.3 Os fatores não selecionados nesta posição

Diferentemente de Sapé em que, praticamente, todos informantes são analfabetos e nunca saíram da comunidade, Cinzento apresenta um quadro distinto: metade dos informantes, sobretudo os informantes da faixa etária mais nova (faixa etária I) frequentaram escola ou saíram da comunidade por algum tempo. A nossa hipótese inicial era de que a variação de <s> poderia estar sendo influenciada pelo fator escolaridade e o pelo tempo fora da comunidade; no entanto, nas primeiras rodadas feitas no programa, esses fatores não foram selecionados como favorecedores, como foi possível ver anteriormente.

Após essa rodada, tendo, agora, como hipótese que fator faixa etária pode ser um pouco mais forte e por isso o programa não teria selecionado os outros fatores sociais, fizemos uma segunda rodada para o final absoluto de vocábulo retirando o fator faixa etária. Nessa nova rodada, o programa selecionou como fatores favorecedores, por ordem de importância, o tempo fora da comunidade, o sexo, a escolarização do informante, a extensão do vocábulo, a vogal anterior e a classe morfológica do vocábulo. Os dados que serão apresentados são referentes apenas ao tempo fora da comunidade e a escolarização informante.

GRÁFICO 1

A fricativa alveolar e o apagamento em final absoluto quanto ao tempo fora da comunidade



Fonte: autoria própria

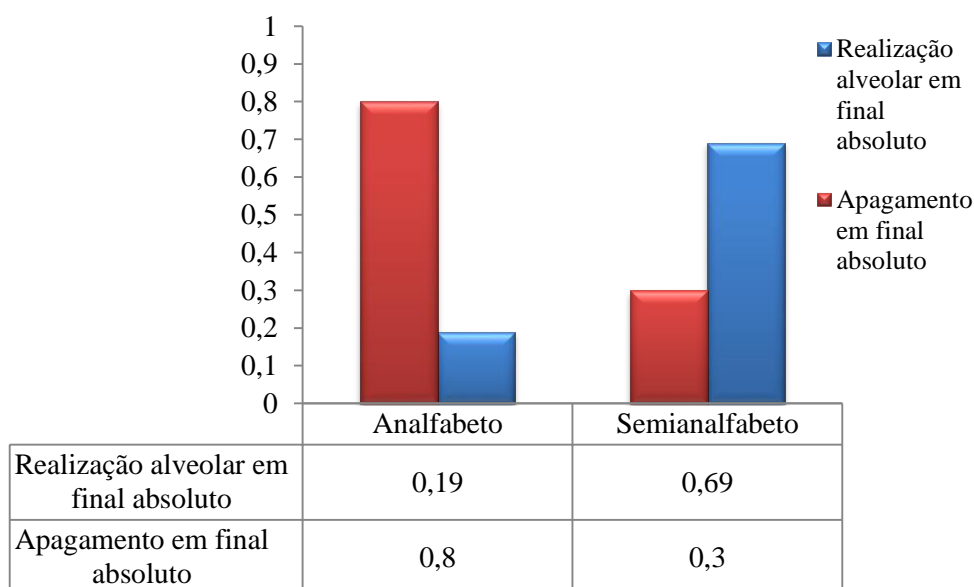
$\text{Log likelihood} = -98.595$ $\text{Significance} = 0.006$
 $\text{Log likelihood} = -98.595$ $\text{Significance} = 0.006$

Como podemos observar no *Gráfico 1*, as pessoas saíram da comunidade tendem, ao menos ao que diz respeito a consoante em final absoluto de vocábulo, a dar preferência a realização alveolar, enquanto aqueles que nunca saíram da comunidade dão preferência ao

apagamento da consoante. Esse resultado reforça a nossa hipótese de que influências externas podem influenciar no comportamento linguístico da comunidade.

GRÁFICO 2

A fricativa alveolar e o apagamento quanto ao fator escolarização do falante



Log likelihood = -98.595 Significance = 0.006

Fonte: autoria própria

Log likelihood = -98.595 Significance = 0.006

As pessoas com até cinco anos de escolarização, como mostra o *Gráfico 2*, usam mais a fricativa alveolar, enquanto as pessoas que não passaram por um processo de escolarização usam mais a variante zero. Esse resultado confirma a hipótese de que pessoas que passaram por algum tipo de escolarização tendem a favorecer a forma padrão da língua.

Os resultados encontrados nos dois gráficos mostram que as pessoas que têm até 5 anos de escolarização e saíram da comunidade dão preferência a variante considerada padrão. Conclui-se, assim, que esses fatores podem influir no comportamento linguístico da comunidade.

5.2.5 Considerações sobre a realização da fricativa na comunidade afro-brasileira de Cinzento-Ba

Foi possível perceber, no decorrer desta seção, que a norma da comunidade afro-brasileira de Cinzento é predominantemente alveolar, visto que essa variante somou 53,5% do total de ocorrências. A palatalização somou apenas 6,5% e se concentrou nos contextos

favorecedores, como diante e oclusivas alveolares e das africadas, e na fala dos informantes mais velhos.

A aspiração somou 24,7% das ocorrências. Assim como em Sapé, aqui também são homens da faixa etária II que mais favorecem esta realização. Os resultados apontam que os falantes que não passaram por nenhum processo de escolarização favorecem essa realização. O apagamento somou 15,1% do total de ocorrências no *corpus*, esse resultado é semelhante ao encontrado na comunidade de Sapé e ao encontrado por Santos (2012) e Almeida (2016).

Observou-se no processo de análise que o apagamento é mais frequente na fala dos homens da faixa etária mais velha que nunca saíram da comunidade e que não passaram por nenhum processo de escolarização, enquanto as mulheres dão preferência à forma alveolar que é mais prestigiada socialmente. Esse resultado pode ser atribuído ao fato de as mulheres saírem da comunidade, sobretudo as mais novas, que saíram da comunidade para trabalhar como empregada doméstica na cidade, ou para estudar na cidade, isso faz com que elas tenham um maior contato com a forma padrão da língua.

A partir do que foi destacado, é possível dizer que há na comunidade um quadro de mudança em progresso, uma vez que os falantes da faixa etária mais jovem estão abandonando as formas menos prestigiadas socialmente e indo em direção do que é considerado padrão.

5.3 AS DUAS COMUNIDADES E A VARIAÇÃO DE <S>

5.3.1 Sapé

A comunidade Sapé fica localizada no município de Valença-Ba. Valença fica localizada na região sul da Bahia, a 262 km da capital. Segundo Cardoso (2016), quando o Brasil foi dividido em Capitânicas Hereditárias por D. João III, “a área ficou pertencente à capitania de São Jorge dos Ilhéus, sob a jurisdição da Vila de Nossa senhora do Rosário de Cairú, local onde se fez o primeiro povoamento”. Segundo a autora,

De acordo com o cronista João da Silva Campos, aproximadamente em 1557 as terras situadas ao Sul do Rio Jiquiriçá foram doadas a Sebastião de Pontes, sesmeiro lendário, que ficou com a propriedade às margens do navegável Rio Una e a Fernão Rodrigues de Souza que estendia seus domínios às margens do Rio Galé. Em 23 de Janeiro de 1799 foi criada a Vila de Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus e por força da

Resolução nº 368, de 10 de novembro de 1849, esta Vila recebeu foro de cidade, sob a denominação de Industrial Cidade Valença.

Ainda segundo a autora a agricultura da cidade de Valença era voltada para o produção de gêneros de primeira necessidade. A cidade se destacava na produção do dendê, da piaçava, mariscos, no entanto o produto de maior destaque da região era a mandioca. “Para a produção de farinha de mandioca e também cultivo de outros gêneros alimentícios, os proprietários utilizavam a mão de obra escrava, liberta e livre” (CARDOSO, 2016, p.5).

De acordo com análise realizada pela Cardoso (2016) em 40 inventários e testamentos do período de 1850 a 1888, chegou-se à conclusão que a escravidão na cidade de Valença, sobretudo, nas últimas décadas, foi muito mais uma escravidão rural do que urbana definida pela presença dos escravos nas roças de mandioca e casas de farinha, de pequenos e médios produtores. Nessas propriedades trabalhavam cerca de 5 a 6 escravos por cada propriedade.

Mesmo após a abolição, sobretudo a região em que Sapé fica situada, muitos negros permaneceram nas fazendas sem receber nada. Muitos desses fazendeiros não gozavam mais de uma boa situação financeira, então para quitar suas dívidas com os ex-escravos, deram-lhes pequenos lotes de terras improdutivos. Os negros que ali permaneceram, casaram entre si, o que fez aumentar a população local.

Segundo os moradores da comunidade, as terras que veio a se chamar Sapé, pertenceram a um fazendeiro chamado Miguel Elia. Segundo um informante, a atividade econômica da região naquela época, era a produção da mandioca, assim como destacado acima.

Atualmente a economia da comunidade gira em torno da produção de farinha e de feijão. Durante a audição das entrevistas, observou-se que as pessoas costumam sair pouco da comunidade, sobretudo as mulheres. Estas vão a Valença uma vez ao mês para receber a aposentadoria e fazer compras. Já os homens, ficam com o encargo de vender os produtos da comunidade, o que significa que possuem uma rede social mais densa do que a das mulheres.

Diferente do que percebemos em Cinzento, como veremos a seguir, não há nos membros da comunidade um desejo de sair da comunidade.

5.3.2 Cinzento

A comunidade de Cinzento fica localizada no município Planalto a 471,5 km da capital. Segundo dados do IBGE, o território que hoje é o município de Planalto, pertenceu ao município de Poções. Com a abertura da BR 116, motivada pela facilidade em comercializar

os produtos agrícolas, surgiu o arraial de Peri Peri no distrito de Lacaia. Neste arraial surgiu uma feira livre que se realizava aos domingos, atraindo grande afluência de comerciantes e produtores que ali realizavam seus negócios. Com o desenvolvimento da povoação, Lucaia entra em decadência e é criado o distrito de Peri Peri de Poções, por conseguinte foi elevado a categoria de vila a qual continuou a desenvolver-se constantemente e em 1962 foi elevado à categoria de município.

Segundo o projeto Vertentes, o povoamento do município de Poções e sua exploração pelo colonizador europeu datam da segunda metade do século XVIII.

O imigrante europeu não foi o único habitante da região, antes dele ali esteve o verdadeiro dono da terra: o índio. Historiadores apontam que os índios mongoiós habitavam a região. Tais índios eram uma ramificação dos Camacãs do grupo Gê. Além dos mongoiós, há registros, esparsos, da presença de escravos vindos de Angola e Moçambique, bem como de negros nascidos no Brasil (<http://www.vertentes.ufba.br/cinzeno-um-remanescente-de-quilombo>).

“Assim, o quadro social da região comportava brancos europeus (atraídos pela promessa do ouro) e brasileiros, índios, na sua maioria mongoiós e negros escravos, trazidos diretamente da África ou nascidos no Brasil” (<http://www.vertentes.ufba.br/cinzeno-um-remanescente-de-quilombo>).

Observa-se que o contexto de formação de Cinzento parte de um contexto multilíngue, uma vez que a região foi ocupada por diversos povos.

Estima-se que a vinda dos primeiros negros para Cinzento tenha ocorrido na primeira metade do século XIX. Segundo relatos dos antigos moradores, os fundadores de Cinzento são da região da Chapada Diamantina, mais precisamente do antigo Arraial dos Crioulos, e o sobrenome Pereira Nunes, predominante em Cinzento, é o mesmo de um antigo proprietário de escravos da região de Rio de Contas.

Como a cidade de Planalto está localizada às margens da BR 116 e mais próxima a região sudeste. Observa-se na fala dos informantes que muitas pessoas da comunidade ou têm parentes que residem em São Paulo ou já foram a São Paulo trabalhar na construção civil, sobretudo os homens. Outra coisa que foi possível observar na fala dos informantes, é vontade de sair da comunidade para melhorar de vida.

Diante do que foi destacado, observa-se que essas comunidades, provavelmente, passaram por um processo de contato entre línguas no seu processo de formação. Sendo

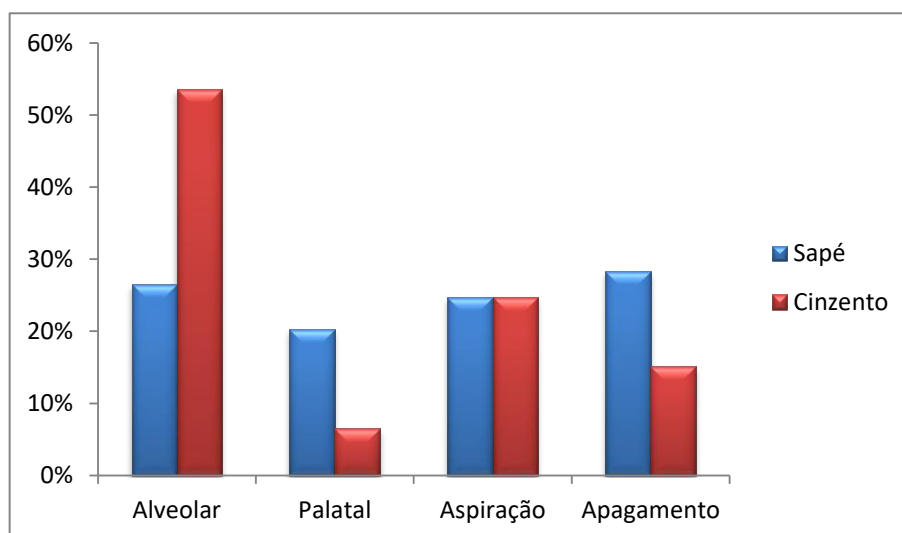
assim, alguns dados linguísticos encontrados nas duas comunidades podem ser relacionados ao contexto histórico de formação das comunidades em estudo.

5.3.3 Os resultados obtidos nas comunidades

Nesta subseção será feita uma análise do quadro de variação encontrado nas duas comunidades. O gráfico a seguir mostra as ocorrências das variantes nas duas comunidades.

GRÁFICO 3

As variantes nas duas comunidades



Fonte: autoria própria

Observou-se que na comunidade de Sapé os falantes usam tanto a fricativa alveolar quanto a palatal, mas a palatal concentra-se nos contextos favorecedores, como por exemplo, diante de oclusivas alveolares e africadas. Essas duas variantes são preferidas pelos falantes mais jovens da comunidade. Já na comunidade de Cinzento há um predomínio da fricativa alveolar, a palatalização representou apenas 6,5% do total de ocorrências. Diferente do que ocorreu em Sapé, aqui os mais jovens dão preferência a alveolar e os mais velhos a palatal. Como destacamos acima, Sapé fica mais próxima a Salvador o que faz, ao menos no que diz respeito à norma alveolar e palatal, a comunidade está mais próxima à norma da capital. Trabalhos como o de Lucchesi (2004) que mostra que em Salvador a realização alveolar e a palatal têm percentuais muito próximos (36% e 34% respectivamente). Callou, Moraes e

Leite (2013) mostram que na capital baiana há um uso equilibrado das duas variantes. Já Cinzento fica ao sudoeste da Bahia, uma região mais próxima ao estado de Minas Gerais. Segundo Mota, Santos e Evangelista (2010), em trabalhos realizados por Mota e Rollemberg, encontra-se exclusivamente à variantes alveolares, tanto em posição medial quanto em posição final. O fato de algumas pessoas da comunidade terem morado, ou por terem parentes e amigos em São Paulo, pode ter influenciado.

A taxa de aspiração e apagamento nas duas comunidades são bastante expressivas. Em Sapé houve uma taxa de apagamento 28,3% e de aspiração 24,7%, em Cinzento houve 15,1% de apagamento e 24,7% aspiração – a taxa de aspiração é exatamente a mesma nas duas comunidades e é importante destacar que nas duas comunidades essa variante é mais utilizada pelos falantes da faixa etária II, tanto em posição medial quanto em final de vocábulo seguido de consoante. O percentual de apagamento encontrado na comunidade de Sapé é maior do que o encontrado em Cinzento. A alta taxa de apagamento em Sapé pode ser atribuída ao fato de as pessoas terem uma rede de contato menor, diferentemente do que acontece em Cinzento que apresenta uma rede de contato maior.

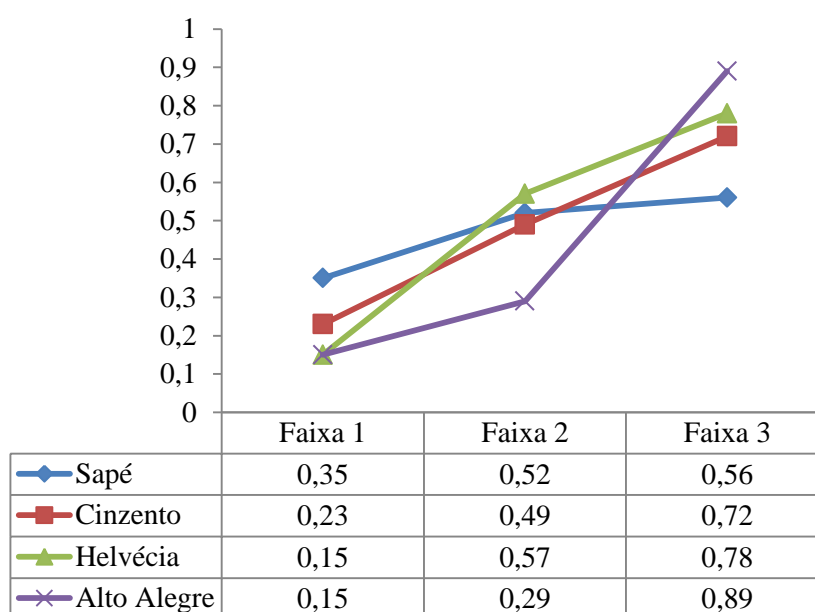
Em resumo, com relação ao aspecto extralinguístico, observou-se que:

- A realização alveolar, de maneira geral, tanto em Sapé quanto em Cinzento é mais usada pelos falantes da faixa etária I. Já a variante palatal, em Sapé, é mais usada pelos falantes da faixa etária I, enquanto em Cinzento são as pessoas da faixa etária II e III que dão preferência à realização palatal.
- O apagamento nas duas comunidades, sobretudo em final absoluto, foi mais utilizado pelos falantes da faixa etária III, a faixa II ficou próximo ao ponto neutro e os falantes da faixa etária I desfavorecem esta realização. Deste modo, são falantes da faixa etária mais nova que têm liderado a mudança em direção ao padrão, esse resultado é semelhante ao encontrado nas comunidades de Helvécia e Alto Alegre, com é possível ver no *Gráfico 4*.
- Em relação ao sexo do informante, em Sapé são os homens que lideram a mudança em direção ao padrão. Já em Cinzento, são as mulheres estão liderando a mudança. Os homens dão preferência a realização a palatal e as outras variantes, como é possível observar no *Gráfico 5*.
- Quanto ao tempo fora da comunidade e a escolarização, estas foram usadas em Cinzento, mas não foi possível usá-las em Sapé, como já citado anteriormente. Foi possível observar que em Cinzento as pessoas sem escolarização tendem a favorecer

realizações como aspiração e apagamento, enquanto as pessoas que passaram por algum processo de escolarização, dão preferência à realização alveolar. No que diz respeito a variável tempo fora da comunidade, observa-se, ao menos em final absoluto, que as pessoas que saíram por algum tempo da comunidade tendem a favorecer a realização alveolar.

GRÁFICO 4

O apagamento em final absoluto em quatro comunidades afro-brasileiras quanto ao fator faixa etária



Fonte: autoria própria

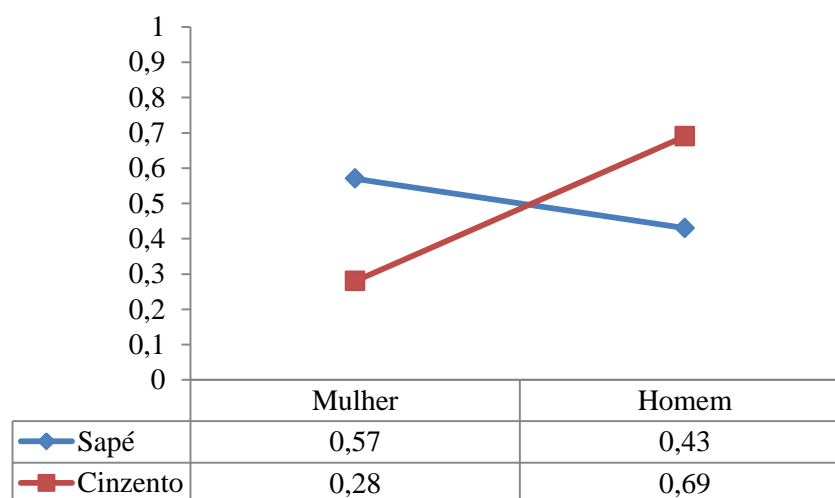
O *Gráfico 4*, que compara os resultados gerais encontrados por Santos (2012), Almeida (2016) e os que estão sendo analisados nesta dissertação, mostra o apagamento em final absoluto em quatro comunidades afro-brasileiras segundo a faixa etária. Observa-se no gráfico que o quadro de apagamento em final absoluto é parecido nas quatro comunidades. O apagamento é pouco frequente na faixa etária 1, frequente na faixa etária 2 e muito frequente na faixa etária 3.

Nota-se, assim, que as comunidades estão abandonando as variantes não padrão (a variante zero) e estão indo em direção ao que é considerado padrão da língua. Diante desse resultado, pode-se dizer que existe na comunidade um quadro de mudança em progresso, uma vez que são falantes da faixa etária mais velha os que mais utilizam a variante zero, enquanto os falantes da faixa etária mais jovem estão avançando em direção ao padrão da língua.

Além do mais, considerando as taxas de apagamento em final absoluto nas comunidades, sobretudo na faixa mais velha, é possível associar esses resultados a uma transmissão geracional do tipo leve, como propõem Santos (2012) e Santos e Almeida (2016), uma vez que as comunidades afro-brasileiras, provavelmente, passaram por processo de contato entre línguas onde os falantes que deram origem à comunidade devem ter adquirido a língua portuguesa de forma precária.

GRÁFICO 5

O apagamento em final absoluto em Sapé e Cinzento quanto a fator sexo do informante



Como vimos no decorrer deste trabalho, em Sapé são os homens que estão indo em direção a uma norma mais prestigiada socialmente e, em Cinzento, são as mulheres que estão implantando a mudança. Observou-se na fala dos informantes da comunidade de Sapé, no processo de levantamento de dados, que as mulheres saem pouco da comunidade, enquanto os homens vão mais a cidade e ficam com o encargo de vender a produção da comunidade, sendo assim têm um contato maior com a forma padrão da língua. Já em Cinzento, quase todas as mulheres passaram por algum tipo de escolarização, algumas saíram da comunidade para trabalhar como empregada doméstica em outra cidade e apresentam um desejo de sair da comunidade para melhorar de vida, esses fatores, embora muitos homens tenham saído da comunidade, nos relatos dos informantes, observa-se que as mulheres têm um maior contato com a forma padrão da língua.

Em relação aos fatores linguísticos observou-se que:

- Em relação à realização alveolar, em Sapé e em Cinzento, o que o programa considerou como fator linguístico mais importante para realização alveolar, tanto em

posição medial quanto final seguido, a consoante subsequente. Em final absoluto, em Sapé, o programa selecionou a apenas a extensão do vocábulo, em Cinzento foi selecionado a vogal anterior.

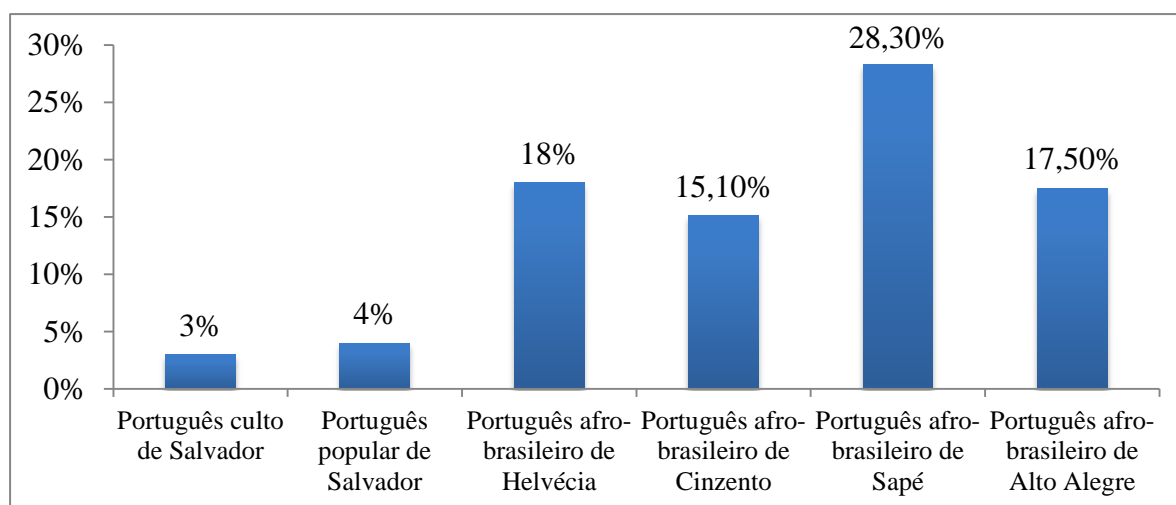
- A realização palatal teve como fator linguístico favorecedor, em interior de vocábulo, em Sapé, a vogal antecedente, em final seguido foi selecionada a consoante subsequente como fator mais importante. Em Cinzento, em interior de vocábulo, foi selecionado fator sonoridade da consoante seguinte como fator mais importante a esta realização.
- A aspiração, em Sapé, teve como fator mais importante para esta realização, tanto em interior de vocábulo quanto em final seguido a sonoridade da consoante seguinte. Para a comunidade Cinzento, em interior de vocábulo foi selecionado o fator sonoridade da consoante seguinte e fator consoante subsequente para o final de vocábulo seguido de consoante como fator mais importante.
- Para o apagamento, em Sapé, foi considerado como fator mais relevante, a classe morfológica do vocábulo; em final absoluto, o fator mais relevante foi a extensão do vocábulo. Se para a realização alveolar o que mais favorecia eram as palavras monossílabas, aqui são as palavras com duas ou mais sílabas que favorecem o apagamento. Em Cinzento, o fator extensão do vocábulo foi selecionado como fator mais importante para o apagamento em final de vocábulo seguido. São as palavras dissílabas que mais favorecem o apagamento nesta posição. Para o final absoluto, foi selecionado apenas o fator vogal anterior.

No decorrer desta análise, foi possível observar que a realização alveolar foi favorecida nas três posições; a realização palatal ocorreu, principalmente, na posição medial; a aspiração ocorreu em interior de vocábulo e em final de vocábulo seguido de consoante. E o apagamento foi favorecido em final de vocábulo seguido de consoante e final absoluto. Observa-se que é na coda final que o apagamento se intensifica, principalmente entre os falantes mais velhos. Segundo Santos (2012, p. 249), “a intensidade dos processos de enfraquecimento que a coda silábica, mormente a final, sofre [...], não pode ser devida ao acaso; não pode ser decorrente de uma tendência do sistema a apagar consoantes finais, sem que aspectos sociolinguísticos tenham nenhuma influência direta”.

O gráfico a seguir mostra a taxa de apagamento no português culto de Salvador, no português popular de Salvador e no português afro-brasileiro das comunidades de Helvécia, Cinzento, Sapé e Alto Alegre.

Gráfico 6¹²

O apagamento de /S/ em três normas do português brasileiro



Fonte: adaptado de Santos (2012)

Se comparadas as taxas de apagamento encontradas em Sapé (28,3%), em Cinzento (15,1%) em Helvécia (18%) e em Alto Alegre (17,5%), com outros trabalhos da norma culta, como o de Mota (2002), em que o apagamento atingiu 3%, e da norma popular, como o de Lucchesi (2004) em que o apagamento, sem valor morfológico, atingiu apenas 4%, essas comunidades apresentam uma taxa bastante expressiva de apagamento. Para Santos (2012), esse quadro de enfraquecimento da coda em comunidades afro-brasileiras pode, em certa medida, ser atribuído ao processo de contato linguístico entre o português e as línguas africanas.

De acordo com Parkvall (2012), o padrão CV é de longe o mais utilizado pelas línguas africanas, embora muitas línguas do atlântico destaquem-se como a família que permite vários tipos de coda, a família banto e kru por outro lado não permitem. Como vimos anteriormente, o crioulo de lexificação Portuguesa (CP) da Nova Guiné adota medidas bastante radicais (aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, paragole e metátese são fenômenos abundantemente atestados) para fazer com que o vocabulário português se conformasse ao padrão CV. Ao fazer o inventário fonológico de 4 línguas crioulas, Bandeira (2017) mostra que a realização de /S/ em coda silábica, no santome e lung'ie ocorre como fricativa pós-alveolar [ʃ], não sendo permitida assim outras variantes; em fa d'ambô é realizada como alveolar [s] e o angolar é permitido o arquifonema nasal e a fricativa palatal, no entanto, a

¹² Gráfico adaptado de Santos (2012, p. 261).

fricativa palatal é encontrada apenas na fala dos mais jovens, o que, segundo a autora, pode indicar uma aquisição recente.

Como vimos no decorrer deste trabalho, as variantes palatais e alveolares são mais utilizadas pelos falantes mais jovens. Já o apagamento é mais frequente na fala das pessoas mais velhas da comunidade, o que pode indicar que as comunidades podem ter passado por um processo TLI do tipo leve e deixado marcas de uma aquisição da coda. Esse caso é semelhante ao que acontece no angolar, como foi possível ver na seção 2.1.2 deste trabalho, em que Bandeira (2017) coloca que em uma coleta de dados, observou-se que a coda que era para ser ocupada pela variante pós-alveolar encontrava-se vazia, o que pode ter sido uma aquisição recente do português ou do santome. Visto as limitações do tempo para realização desta pesquisa, esta hipótese só poderá ser confirmada em trabalhos posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a realização variável do <S> em coda silábica no português falado pelas comunidades afro-brasileiras de Sapé-Ba e Cinzento-Ba, e ao mesmo tempo, buscou interpretar o fenômeno levando em consideração sua relação com o contexto social contemporâneo da comunidade e com o seu passado histórico. Os resultados alcançados aqui, tanto em relação ao condicionamento estrutural do fenômeno, quanto ao seu condicionamento social, encontram paralelos significativos com outros estudos sobre esse fenômeno, em outras variedades do português brasileiro, bem como em outras comunidades rurais afro-brasileiras, a exemplo dos trabalhos realizados por Santos (2012) e Almeida (2016). A comparação entre esses resultados ofereceu evidências empíricas no sentido de que os processos de aspiração e apagamento desse segmento fônico podem estar associados a mudanças desencadeadas ao contato entre línguas no processo de formação histórica da língua no Brasil.

Viu-se que, na comunidade afro-brasileira de Sapé, há um equilíbrio entre as variantes, embora a variante mais utilizada tenha sido a variante zero, correspondendo a 28,3% do total de ocorrências de <S>, seguida pela variante alveolar (26,5%), pela variante aspirada (24,7%) e pela variante palatal (20,3), sempre com um intervalo pequeno entre os níveis de emprego de cada variante. Já na comunidade afro-brasileira de Cinzento, observou-se o predomínio da variante alveolar, com um pouco mais da metade das ocorrências (53,5%), seguida pela variante aspirada, com menos da metade do nível de sua frequência (24,7%), pela variante zero, com 15,1% do total, e pela variante palatal, com apenas 6,5% do total de ocorrências. Esses resultados são semelhantes aos resultados encontrados por Santos (2012) e Almeida (2016), ambas as pesquisas foram realizadas em comunidades afro-brasileiras.

Observa-se que em Sapé, que fica mais próxima a capital baiana, apresenta uma distribuição equilibrada entre a realização alveolar e palatal; em Cinzento, localizada no sudoeste da Bahia, a alveolar é predominante.

Se somadas, as variantes zero e aspirada das comunidades de Sapé e Cinzento correspondem, respectivamente, a 53% e 39,8% do total de ocorrências. Esses resultados são similares aos que foram encontrados por Santos (2012) na comunidade de Helvécia, que também é uma comunidade rural afro-brasileira isolada. O autor encontrou na variante aspirada um total de 23,37% e no apagamento um total 18%; juntas as duas variantes somaram 41,37% do total. A análise quantitativa de Almeida (2016), na comunidade afro-brasileira de Alto Alegre, também chegou a um resultado análogo, com uma frequência de

17,5% para o apagamento e de 24,5% para a aspiração, o que corresponde a uma frequência total de 42% para as duas variantes.

Se esses resultados forem comparados a outros dialetos que não têm história similar à de Sapé, Cinzento, Alto Alegre e Helvécia, percebe-se que essas taxas são bem menores. Monteiro (2009) estudou a variação de <S> no português popular do Amapá, e as taxas de aspiração (3,8%) e apagamento (5%) encontradas pela autora somaram apenas 8,8%; Lucchesi (2009) também analisou a variação de <S> no português popular de Salvador, e a taxa de aspiração foi de 14% (incluindo os casos de <S> plural) e apenas 4% para Ø sem valor morfológico. Isso pode indicar que comunidades que são consideradas remanescentes de quilombos exibem taxas de enfraquecimento de <S> muito mais intensas do que outras comunidades do Português Popular Brasileiro, o que reforça a hipótese de que esse pode ser um efeito do contato linguístico entre as línguas africanas e o português que marcou a constituição dessas comunidades.

Do ponto de vista linguístico, viu-se que:

- A realização alveolar, nas duas comunidades, tanto em interior de vocábulo quanto final de vocábulo seguido de consoante, o contexto consonantal é o que mais favorece a realização alveolar, com um maior papel para as consoantes oclusivas velares, oclusivas labiais, as fricativas labiodentais e a nasal labial. Em final absoluto, em Sapé, o fator mais relevante para a realização alveolar foi à extensão do vocábulo, com os vocábulos monossilábicos favorecendo essa realização. Já em Cinzento, foi selecionada a vogal antecedente, com a vogal anterior alta, a semivogal posterior alta e a central baixa favorecendo a realização alveolar.
- Em Sapé, as ocorrências de palatalização, em posição medial, têm como fator favorecedor a característica da vogal antecedente. Em final de vocábulo seguido de consoante, as consoantes africadas e oclusivas alveolares favorecem a palatalização. Em Cinzento é a sonoridade da consoante seguinte que atua como fator determinante, com as consoantes desvozeadas favorecendo muito a palatalização.
- A aspiração de <S>, em Sapé é condicionada, tanto em interior quanto em final de vocábulo seguido de consoante, pela sonoridade da consoante seguinte, com as consoantes sonoras favorecendo significativamente essa realização. Em Cinzento, as consoantes sonoras também favorecem a aspiração, em interior de vocábulo. Já em final de vocábulo seguido de consoante, são as consoantes seguintes nasais, laterais e oclusivas alveolares que favorecem fortemente a aspiração.

- Para o apagamento, em final de vocábulo seguido de consoante, é a classe morfológica do vocábulo que aparece como fator condicionador, em Sapé, com os verbos, os conectivos e os advérbios sendo os contextos em que é maior a frequência de não realização do <S>. Em final absoluto de vocábulo, é a extensão do vocábulo que condiciona o fenômeno, com os vocábulos polissilábicos e os dissilábicos favorecendo o apagamento. Os vocábulos dissilábicos também favorecem o apagamento, em final de vocábulo seguido de consoante, em Cinzento. Já em final absoluto, é a característica da vogal antecedente que condiciona o apagamento, sendo a vogal posterior alta a maior favorecedora.

Quanto ao encaixamento social, identificou-se nas duas comunidades um processo de mudança em curso em direção à norma padrão, uma vez que são os falantes da faixa etária mais jovem que mais favorecem o emprego das variantes que são consideradas padrão, enquanto os falantes mais velhos utilizam mais as variantes não padrão. Os resultados encontrados neste trabalho, são semelhantes ao encontrado por Santos (2012) e Almeida (2016), que relatam em seus trabalhos que são os falantes da faixa etária mais jovem os que mais empregam a variante padrão e rejeitam fortemente as variantes não-padrão. Lucchesi (2009), no estudo que realizou em Salvador, também relata que a faixa mais jovem lidera o processo de implementação da forma padrão. Com relação ao sexo do informante, observa-se que em Sapé, são os homens que estão liderando o processo de mudança, já em Cinzento são as mulheres que estão exercendo esse papel. Esse resultado pode ser atribuído ao fato dos homens de Sapé saírem mais, o que torna sua rede de contato mais densa. Já em Cinzento, as mulheres costumam sair da comunidade para trabalhar com empregada doméstica em outra cidade e algumas delas estudaram na cidade, o que torna a rede de contato dessas mulheres mais ampla.

No quadro de mudança em progresso observado nas duas comunidades, os falantes da faixa etária mais elevada são os que mais utilizam as variantes não-padrão (aspiração e apagamento), enquanto os falantes da faixa etária mais jovem estão avançando para a forma mais prestigiada. Esses resultados favorecem a hipótese de que os processos de aspiração e apagamento do <S> em coda silábica podem ter sido impulsionados, no passado, por mudanças induzidas pelo contato entre línguas no bojo de um processo de transmissão linguística irregular do tipo leve, como proposto por Lucchesi e Baxter (2009). Esses resultados se somam aos de Santos (2012) e reforçam a hipótese de que as comunidades rurais afro-brasileiras seriam as variedades do português brasileiro que foram as mais afetadas pelo contato entre línguas em sua formação histórica.

Por fim, deve-se dizer que certos aspectos do fenômeno que não foram suficientemente explorados na análise que aqui se apresenta poderão sê-lo em futuros estudos, com destaque para uma comparação mais consistente entre as comunidades estudadas e as línguas crioulas de base portuguesa. Sendo assim, pretende-se em trabalhos futuros fazer uma análise da coda silábica de línguas crioulas de base portuguesa para, por um lado, reforçar a argumentação relativamente ao papel desempenhado pelo contato entre línguas na formação das variedades populares da língua no Brasil, particularmente do chamado português afro-brasileiro. Por outro lado, esses estudos poderão ampliar a compreensão aqui esboçada de como o contato linguístico radical e maciço afeta a estrutura fonológica da língua.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana Livia. S. **Fonologia e método pedagógico do lung'ie**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 416 f.
- AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos; LIMA, Manuele Bandeira de Andrade; Araújo, Gabriel Antunes de. **O Lung'ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(55.3): 591-618, set./dez. 2016.
- ALMEIDA, Jailma da Guarda. **Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba**. 96 f. il. 2016. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2016.
- BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 437 f.
- BISOL, Leda. A Sílabas e seus constituintes. In ABAURRE, Maria Bernadete M (Org.) (2013). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v. VII – A Construção Fonológica da Palavra. São Paulo, Contexto, 2013, p. 21-52.
- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, J.L.; PETTER, M. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-62.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yone. Consoantes em coda silábica: /s,r,l/. In: Maria Bernadete M. Abaurre. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: Volume VII: a construção fonológica da palavra**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, v. VII, p. 167-194.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARDOSO, Claudiana dos Santos. **O poder de vida e morte: Escravidão, cotidiano e resistência escrava em Valença, Bahia (1850-1888)**. In: VIII Encontro Estadual de História, Feira de Santana-Ba, 2016.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: <
http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GUY, Gregory Riordan. A questão da criouliização no português do Brasil. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no cone Sul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2005. p. 15-38.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes R. Comportamento da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 111-128.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, William Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2016 [2006]. p. 15-62.

LOBO, Tânia (2018, no prelo). The social history of Brazilian Portuguese. In: KABATEK, Johannes; WALL, Albert; SIMÕES, José. **The manual of Brazilian Portuguese linguistics**. Alemanha: De Gruyter.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística e o processo de formação do português do Brasil. In: ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. Grandes territórios desconhecidos. **Linguística (ALFAL)**, São Paulo, n. 14, 2004 [2002].

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan (2009). A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 83-110.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso histórico na linguística moderna**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

LUCCHESI, Dante. **Línguas e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARINS, Flávia Santos; MARGOTTI, Felício Wessling. **Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus**. Disponível em <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/viewFile/348/293>> Acesso em: 15 de março 2014.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOSO, Katia. **Ser escravo no Brasil**. 3^o ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e Historiadores**. Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese (Livre Docência). Campinas: Unicamp, 2001.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá**. 84f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MOTA, Jacyra Andrade. **O –s em coda silábica na norma culta de Salvador**. 455 f. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade; JESUS, Cláudia Santos de; EVANGELISTA, Grace Kelly Souza. O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, p. 189-288, janjul, 2010.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do Português brasileiro: um tema em debate. In: ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

NARO, Antony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-50.

OLVEIRA E SILVA, Gisele Machline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012, p. 117-133.

PARKVALL, Mikael. 2012. **Da África para o Atlântico**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.

PELICIOLI, Ronaldo. **A rêniti tarra em carra mermo**: a aspiração de fricativas na fala de Salvador. 46 f. 2008. Monografia (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall’igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola 2012. p. 11-21.

RODRIGUES, Aryon Dall’igna. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2016 [2006]. p. 143-162.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27° ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Gredson. **O português afro-brasileiro Helvécia-Ba**: análise da variável <s> em coda silábica. 272 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e linguística) – Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Gredson; ALMEIDA, Jailma da Guarda. **Aspiração e apagamento de S em coda silábica no português quilombola de Alto Alegre-BA**. *Papia*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-112, jan./jun. 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: editora ática, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1969].